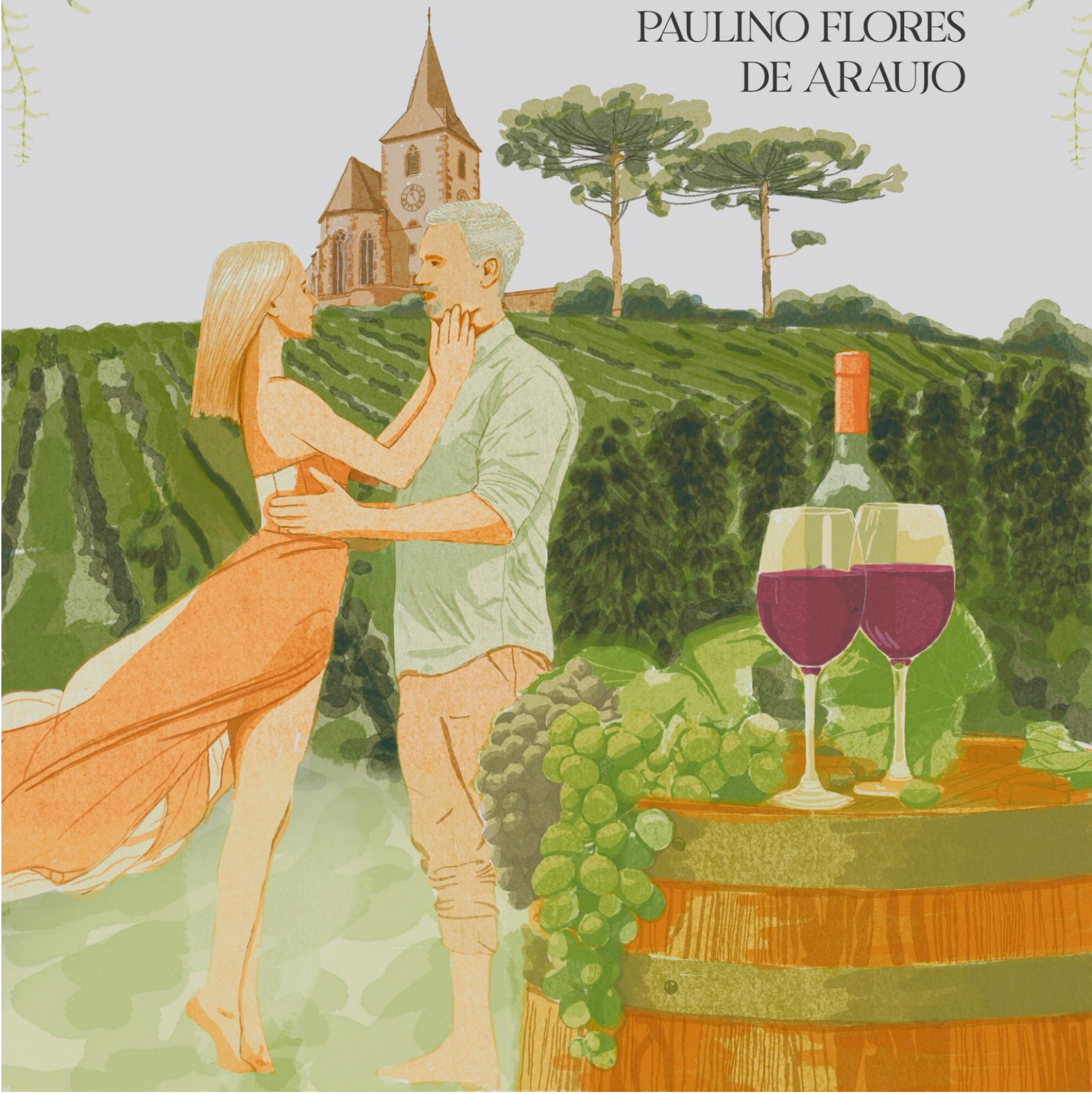


SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2025

AMOR NA SERRA GAÚCHA

PAULINO FLORES
DE ARAUJO



EDITORA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

AUTOR DO LIVRO

Paulino Flores de Araújo

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Evellyn Thais de Souza

EDIÇÃO DE TEXTO

Natan Bones Petitemberte

BIBLIOTECÁRIA

Bruna Heller

IMAGENS DE CAPA

Evellyn Thais de Souza

2025 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2025 Os Autores

Copyright da Edição © 2025 Seven Editora

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelo autore para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A663a

Araujo, Paulino Flores de.

Amor na Serra Gaúcha [recurso eletrônico] / Paulino Flores de Araujo. – São José dos Pinhais, PR: Editora Seven, 2025.

Dados eletrônicos (1 PDF).

ISBN 978-65-6109-205-0

1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Ficção contemporânea.
I. Título.

CDU 869.0(81)-31

Bruna Heller - Bibliotecária - CRB10/2348

Índices para catálogo sistemático:

CDU: Literatura em português 869.0

CDU: Brasil (81)

CDU: Gênero literário: romance -31

DOI: 10.56238/livrosindi202537-001

Seven Publicações Ltda
CNPJ: 43.789.355/0001-14
editora@sevenevents.com.br
São José dos Pinhais/PR





DEDICATÓRIA

À minha amada esposa Lilian

Aos filhos Felipe e Gisele

Aos netos Arthur e Clarice e bisneto Aquiles.







Vidros Partidos

Pablo Neruda

*É verdade que o mundo não se limpa
de guerras, não se lava de sangue,
não se corrige do ódio. É verdade.*

*Mas é igualmente verdade que nos
aproximamos de uma evidência: os
violentos se refletem no espelho do
mundo, e seu rosto não é bonito, nem
para eles mesmos.*

*E continuo acreditando na
possibilidade do amor. Tenho a
certeza do entendimento entre os
seres humanos, logrado sobre o
sofrimento, sobre o sangue e sobre os
cristais quebrados.*






AGRADECIMENTOS

À Lilian, minha amada esposa, que sempre me incentivou a lidar com as palavras, colaborou com a leitura e revisão do texto, e com sugestões enriquecedoras.

Aos amigos e colegas, que, ano após ano, vêm tolerando, carinhosamente, esse meu diletantismo literário, honrando-me com a leitura de minhas publicações.

Ao amigo Amadeu Marques, que contribuiu para que meus poucos conhecimentos literários se ampliassem mediante a leitura de bons autores, entre os quais ele se inclui, além de outros geniais autores portugueses aos quais ele teve a generosidade de me apresentar, especialmente, António Gedeão, Miguel Torga e José Saramago.

À Seven Editora, pelo carinho e presteza com que tratou a publicação deste livro.



AUTOR DO LIVRO



Paulino Flores de Araújo

Formado em Letras, Português/Latim, UNISINOS, São Leopoldo
Professor concursado no Estado do Rio de Janeiro
Professor concursado no Senac do Rio de Janeiro
Diretor de Escola de Formação de Professores (Heitor Lira) - RJ
Conselho Estadual do Rio de Janeiro

Professor de Língua Portuguesa nas instituições:

- Jornal O Globo
- Procuradoria da República
- Comissão de Estudos e coordenação de Infraestrutura de Aeronáutica
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- Sociedade Unificada de Ensino Superior
- Rede Globo (PROJAC), para jornalistas

Obras

- Manual Prático de Língua Portuguesa
- Manual Prático de Língua Portuguesa e Redação
- Língua Portuguesa em Foco (Gramática Simplificada)
- Memórias
- Retalhos da Vida
- Vivências

Obra a Publicar

- Biografia da Miss Universo Ieda Maria Vargas.

SUMÁRIO

ALENTEJO.....	9
VIAGEM À SERRA GAÚCHA.....	12
NOVOS HÓSPEDES.....	17
SAUDADES DE PORTUGAL.....	22
CONVITE DE TRABALHO.....	25
MENSAGEM DE PAOLA.....	28
CARTA A HENRIQUE.....	31
VIAGEM A PORTUGAL.....	35
PORTUGAL HISTÓRICO.....	43
EFEITO PAOLA.....	52
RETORNO À SERRA GAÚCHA.....	55
NOVO SÓCIO.....	60
TELEFONEMAS À PAOLA.....	70
TELEFONEMA A HENRIQUE.....	74
UM IMPREVISTO NA VINÍCOLA.....	77
NOVOS PLANOS.....	82
CASA DOS SONHOS.....	87
PEQUENO DESLIZE.....	95
MENSAGEM A HENRIQUE.....	100
DESPEDIDA DE PAOLA.....	103
RETORNO A GRAMADO.....	106
CHEGADA DOS CONVIDADOS.....	109
CASAMENTO.....	114

PRÓLOGO

Temos todos, desde que nascemos, uma estrada a seguir, seja ela curta ou longa, reta ou tortuosa. Podem surgir, no entanto, caminhos intransponíveis, que obrigam o ser humano a mudar de rumo. As circunstâncias da vida é que determinam qual será o novo caminho e como percorrê-lo.

Henrique, o protagonista desta história, é um dos exemplos de quem se viu forçado a mudar o rumo de sua vida.

A história a ser narrada diz respeito à trajetória de um homem com seu futuro traçado desde que nasceu. Teria uma vida tranquila junto da família, no meio dos parreirais, no interior do Alentejo, Portugal.

Desde a infância, passando pela adolescência, seguiu os passos dos pais e avós: cultivavam uva e produziam vinho. Casou-se e vivia feliz com sua esposa Helena. Teve filhos e netos.

Com a vida pessoal e profissional estável, foi surpreendido pela fatalidade com a perda repentina de sua amada Helena. O abalo emocional foi tamanho, que Henrique perdeu o gosto pela vida. Isolou-se de tudo e de todos. Não dava nem mais atenção aos filhos e netos aos quais dedicava amor imenso.

A morte da esposa tirou-lhe o prazer de viver. Dois anos depois, continuava amargando profundo sentimento de solidão. Nada trazia de volta sua alegria de viver. Decidiu, então, buscar um outro caminho, diferente do que tinha previsto para si e para a família.

O sonho que Helena alimentou nos seus últimos anos de vida apontou-lhe o caminho para aliviar o sofrimento que mal conseguia suportar. Decidiu realizar o sonho dela: conhecer o lugar que os encantou quando compareceram a uma feira de produtos da serra gaúcha, em Lisboa.

A história de Henrique é um relato de como se deu seu renascer para a vida e o quanto foi importante a inesperada intervenção de Helena para que ele voltasse a ser feliz.

Este livro tem a pretensão de se incluir entre aqueles que tentam resgatar os gostos e sentimentos dos leitores de gerações passadas: “Uma história de amor com final feliz”.

ALENTEJO

Em abril de 1965, no interior do Alentejo, maior região de Portugal e uma das maiores produtoras de vinho do país, nasceu Henrique Simões, um dos três filhos de Afonso e Inês. Seu pai teve a ideia de lhe dar o nome de Afonso Henriques, em homenagem ao fundador e primeiro rei de Portugal, que reinou por quarenta e dois anos (1143 – 1185).

Esse rei teve seu nome marcado na história como “O Conquistador”, por ter vencido os mouros na Batalha de Ourique em 1139. Entre suas conquistas destacam-se as vitórias sobre os mouros na tomada de Santarém, Lisboa e Évora. Fundou os mosteiros de São João Baptista, em Tarouca; São Vicente de Fora, em Lisboa; de Santa Maria, em Alcobaça, e de Santa Cruz, em Coimbra, onde está sepultado.

Alentejo, como região vinícola, remonta à época do Império Romano. Escavações descobriram algumas “ânforas”, tipos de vasos em terracota, já utilizadas centenas de anos antes de Cristo, que serviam, entre outras utilidades, para a fermentação do vinho.

O Senhor Afonso, que havia pensado em dar a seu primeiro filho o nome do primeiro soberano de Portugal, desistiu da ideia de registrá-lo por inteiro, optou pelo segundo nome: “Henrique” (sem o “s”). Imaginou ele que, associando seu próprio nome, “Afonso”, ao do filho, “Henrique”, homenageariam, juntos, o grande rei.

Henrique cresceu entre os parreirais dedicando-se à vinicultura, atividade que a família desenvolvia desde muitas gerações e à qual ele também se dedicara durante mais de quarenta anos.

O cultivo da uva na região é secular e mantém essa tradição até os dias atuais. O Alentejo, hoje em dia, produz vinhos de excelente qualidade. Há certos vinhos cujo preço de cada garrafa ultrapassa os cinco mil reais, tal é o prestígio do produto entre os melhores apreciadores.



A vida familiar de Henrique corria bem, todos felizes, em perfeita harmonia. Os negócios com a vinícola, da mesma forma. Mas, em 2021, já com filhos adultos, Henrique sofreu a perda de sua amada Helena, vítima de uma doença incurável.

O choque foi brutal, sentiu o mundo desabar sobre sua cabeça. Perdeu o interesse por seus parreirais, sem se importar se fazia sol ou chuva, nem olhava para suas uvas. Perdeu o interesse por tudo. O sofrimento era incessante, mal conseguia dormir e pouco se alimentava. Parou com todas as suas atividades rotineiras, que desempenhava com prazer. Não via mais motivo nem sentido para prosseguir. Nada mais o estimulava. A vida perdera a graça por completo.

Passaram-se mais de dois anos e Henrique, ainda arrasado pelo golpe do destino, decidiu, certa manhã, reunir os filhos e entregar a eles todas as responsabilidades para continuarem com o cultivo da uva e com a produção do vinho. Confessou-lhes que não estava mais suportando seguir a vida naquele lugar sem a companhia da mulher com quem viveu feliz por mais de trinta anos. Disse a todos que iria buscar um pouco de paz em um lugar que ele e Helena sonhavam conhecer. Contou-lhes que, três anos antes, eles tinham ido a Lisboa visitar uma Feira de Produtos Agrícolas do Brasil. Eram produtos da serra gaúcha, cultivados pelos habitantes da região, descendentes de portugueses, italianos e alemães, que emigraram para aquelas terras nos séculos XVIII e XIX. Durante o evento assistiram a espetáculos de música e dança, deslumbraram-se com as roupas tradicionais dos imigrantes; experimentaram a gastronomia colonial: salames, queijos, geleias, doces etc.; provaram os vinhos e espumantes, cujo sabor e qualidade os deixaram impressionados. Henrique chegou a esboçar um sorriso, algo que os filhos não viam desde a perda da esposa, quando lhes disse que não conseguiam parar de degustar as iguarias oferecidas nas barracas.

Como se estivesse revivendo os momentos daquela visita, continuou a falar um pouco mais animado:

— O vinho foi a grande surpresa — disse Henrique — Nos primeiros goles, sentimos logo o equilíbrio e a harmonia dos ingredientes que se encontram nos melhores vinhos: acidez, álcool; taninos e doçura. Surgiu, então, o sonho de



conhecemos o lugar onde tudo aquilo era produzido. Fotos e vídeos estimularam nossa vontade, pois mostravam a região com suas lindas montanhas e florestas.

A reação imediata dos filhos foi a de concordar com o pai e até incentivá-lo, pois não sabiam mais o que fazer para que aquele homem, que tanto amavam, voltasse a ver sentido na vida.

VIAGEM À SERRA GAÚCHA

Apesar da tristeza que o envolvia, mas determinado a fugir daquele lugar onde tudo lembrava Helena, Henrique procurou uma agência de viagens e solicitou uma passagem de ida para a capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Surpreendeu-se quando a funcionária da Agência de Lisboa falou sorrindo:

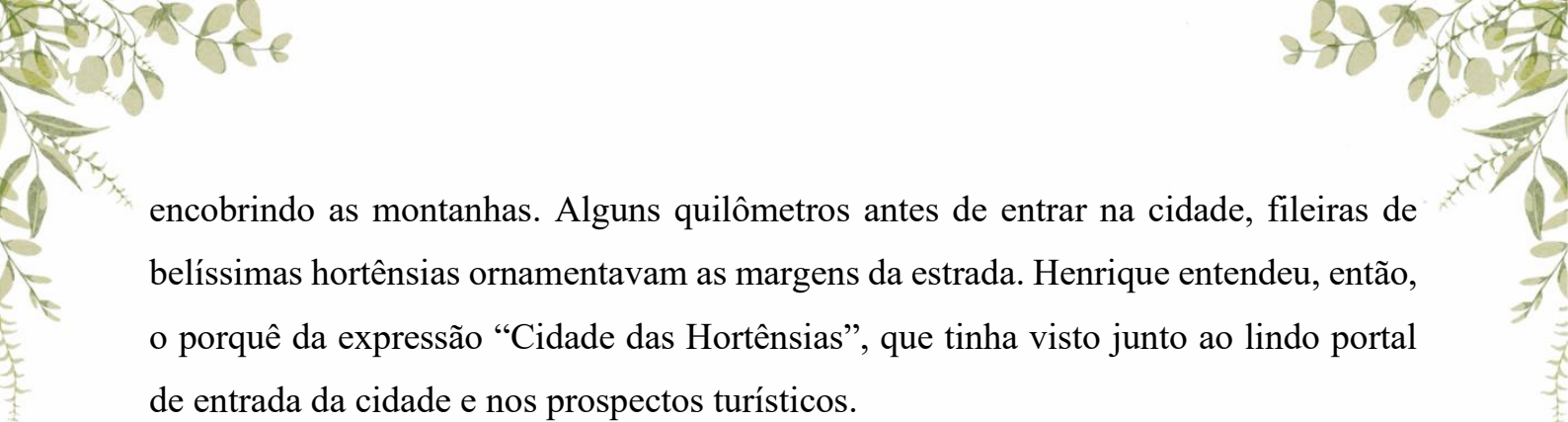
— Parabéns! O Senhor vai conhecer uma cidade fundada por casais açorianos, nossa gente, por isso lhe deram o nome de Porto Alegre dos Casais.

Ao ouvir o que a funcionária tinha acabado de falar, Henrique teve a sensação de que a Providência dava curso ao que o destino lhe reservava.

Garantiu a ela que não deixaria de conhecer a cidade, por sua importância e pelas fortes razões históricas. Agradeceu a informação e, prosseguindo, explicou-lhe que o destino final da viagem seria a cidade de Gramado, na Serra gaúcha. Solicitou ainda uma reserva de hospedagem em uma pousada simples, mas confortável, pouco distante do centro da cidade, pois buscava paz de espírito. Ressaltou, com certa ênfase, que fosse um lugar cercado pela natureza, onde pudesse sentir o cheiro da mata e ouvir o canto dos pássaros. Pediu, ainda, que o estabelecimento fosse provido de bons livros, de preferência de escritores brasileiros.

Anotados os pedidos, foi confirmada a passagem, com embarque previsto para o dia vinte de novembro, rumo a Porto Alegre, às seis horas da manhã, pela Companhia Aérea TAP, e chegada prevista para as dezoito horas. Do próprio aeroporto seguiria viagem para Gramado em carro providenciado pela agência.

Tudo ocorreu conforme o previsto, tanto o horário de partida de Lisboa quanto o de chegada a Porto Alegre. O motorista do carro que o recebeu no aeroporto da capital gaúcha mostrou-se educado, amável, disposto a deixá-lo à vontade. Pouco antes de começar a subida da serra, o motorista, agindo feito um guia de turismo, fez comentários sobre a exuberância da paisagem da região, com árvores frondosas



encobrendo as montanhas. Alguns quilômetros antes de entrar na cidade, fileiras de belíssimas hortênsias ornamentavam as margens da estrada. Henrique entendeu, então, o porquê da expressão “Cidade das Hortênsias”, que tinha visto junto ao lindo portal de entrada da cidade e nos prospectos turísticos.

Às vinte e duas horas, Henrique é recebido à porta de um belo casarão de arquitetura alemã por uma simpática recepcionista, que lhe ofereceu uma taça de champanha e informou que o jantar, naquela noite, seria servido até depois das onze horas.

A empresa de viagem teve o cuidado de lembrar à gerência da estalagem sobre o estado emocional abalado do hóspede e que a perda do jantar traria, logo na chegada, um maior desconforto. A casa foi compreensível e estendeu o horário de refeição para mais tarde, a fim de que ele recebesse o melhor atendimento possível.

Ignorando que o atraso de sua chegada era o motivo para o adiamento do horário de jantar, Henrique teve logo uma impressão positiva e animadora do lugar. Pensou ter feito a escolha certa para sua nova etapa da vida, independentemente do tempo em que ali estivesse.

Após o jantar, recolheu-se logo para o quarto, pois queria descansar da longa viagem e manter o hábito de levantar-se ao raiar do dia.

Henrique acordou cedo, surpreendido pelo canto das diferentes espécies de pássaros que têm o lugar como habitat natural. Foi o primeiro a degustar as iguarias da gastronomia local em seu primeiro café da manhã no Brasil. Após o desjejum, foi até uma estante de livros, postos à disposição dos hóspedes, e pesquisou algo que tratasse da fauna e da flora da região. Encontrou logo o que procurava, pois trazia na lombada as palavras “Guia de Aves de Gramado”. Sentiu-se confortável ao perceber que começaria a conhecer um pouco daquele imenso país com o qual seu Portugal historicamente tinha laços estreitos. Desejando satisfazer sua primeira curiosidade em lugar aberto, cercado de árvores e flores, ouvindo o cantar dos pássaros, solicitou à recepcionista que lhe sugerisse um local ideal ali próximo.

— Existe perto daqui — disse a funcionária da estalagem — um lugar visitado por milhares de turistas anualmente, atraídos por um lago belíssimo, que deram o nome de Lago Negro, cercado de araucárias e flores, tendo, ao seu redor, bancos confortáveis e disponíveis para dedicar-se à leitura. Os turistas, antes de visitá-lo, costumam ficar em seus hotéis e pousadas até mais tarde. Somente partem para os passeios depois das dez horas. Portanto é um horário ideal para o Senhor se concentrar na leitura.

Caminhando por uma estrada encoberta por araucárias e com as margens ornadas de hortênsias, completamente floridas naquela época do ano, tendo percorrido perto de um quilômetro, Henrique chegou ao local. Seus olhos, ao se depararem com o cenário à frente, despertaram nele uma sensação de deslumbramento, diante da beleza do lago, da cor esverdeada de suas águas, da vegetação ao redor. A tranquilidade era tamanha que até os patos e gansos saiam da água e passeavam sossegadamente, seguindo a trilha destinada aos turistas. Suas patinhas se moviam a passos lentos, dando ritmo ao balanço do corpo, e faziam parecer que eram os donos do lugar

Dirigiu-se a um dos bancos disponíveis, sentou-se, respirou o ar puro daquele lugar cativante, pensou em sua amada esposa, elevou o olhar aos céus e, como se estivesse a se comunicar com ela, falou em silêncio:

— Minha amada, gostaria que estivesse aqui comigo, pois estou no lugar que sonhamos um dia visitar. Isso me conforta um pouco, apesar de estar sentindo sua falta.

Henrique abriu o guia na página que falava sobre a fauna de Gramado. Com olhar atento, admirava, maravilhado, o lugar. A variedade de aves, com suas diferentes formas e cores de plumagem, assim como as variadas espécies de flores existentes ao redor do lago, fizeram com que se lembrasse, com profunda gratidão, de quem criou toda aquela beleza, cuja perfeição nenhum ser humano jamais poderia imitar. Percorreu as várias páginas do guia contendo inúmeras fotos, tentando registrar os nomes de algumas aves, como se fosse um aluno aprendiz. Chamaram sua atenção alguns nomes, como: o quero-quero, o pardal, o sabiá, o bem-te-vi, o azulão, o carcará, o pintassilgo, o tico-tico, o pica-pau, a caturrita, o tororó, o trinca-ferro, entre outros. Descobriu que, além dessas, outras espécies tinham como habitat uma extensa área próxima ao litoral

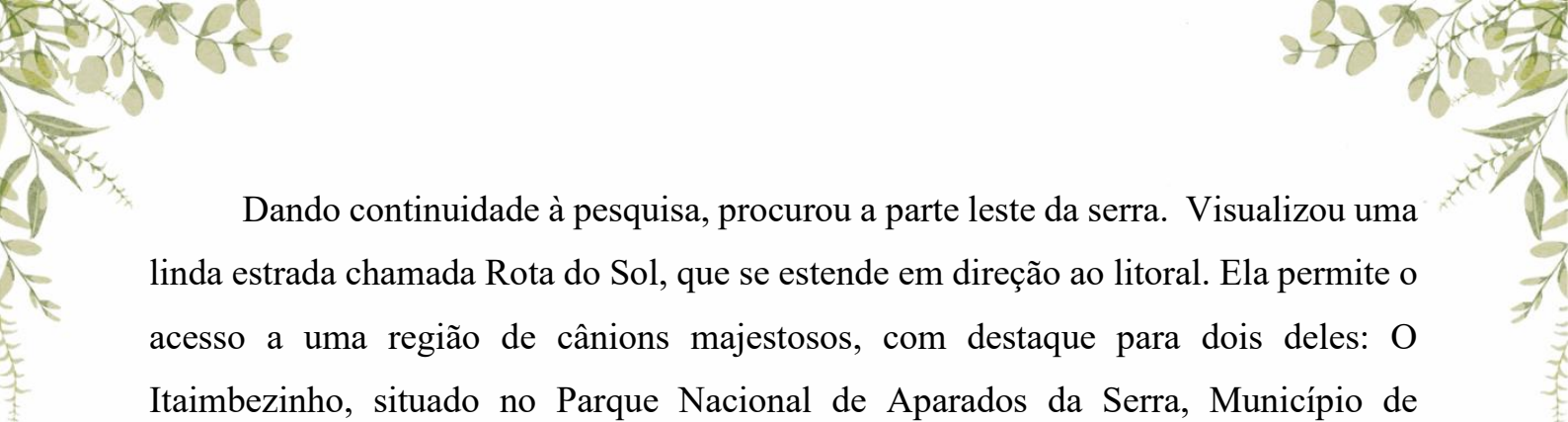
do Brasil chamada Mata Atlântica, que se estendia por quase todo o litoral brasileiro, desde o Estado do Rio Grande do Norte até o Estado de Santa Catarina, incluindo o Norte do Rio Grande do Sul.

Passaram-se duas horas quando percebeu a presença de muitos turistas visitando o local. Observou, admirado, as expressões de deslumbramento dos visitantes diante do lindo cenário. Ouviu muitas vozes proferindo palavras em tom elevado para exaltarem a natureza. Chegou a sorrir ao constatar que a dicção e o ritmo que davam às palavras e frases eram diferentes do que seus patrícios davam ao falarem. Retornou à pousada sentindo-se mais leve como se os novos ares o tivessem renovado espiritualmente.

Henrique, após o jantar, levou para o quarto vários prospectos que descreviam as atividades dos inúmeros pontos turísticos das cidades da região serrana, além de Gramado, tais como: Canela, Nova Petrópolis, Garibaldi, Bento Gonçalves, Farroupilha, Flores da Cunha, Caxias do Sul, entre muitas outras. Henrique, que se dedicara tanto ao trabalho, com raros momentos dedicados ao lazer, ficou impressionado com a variedade de opções turísticas que aquela região oferecia.

Contactou uma das agências de turismo que lhe apresentou dezenas de prospectos com inúmeras opções de lugares da serra gaúcha a despertarem no turista vontade de conhecer cada um deles. Entre eles havia muitos parques fechados e inúmeros lugares abertos com extensas trilhas ao longo das quais se descortinam paisagens deslumbrantes com grandes cânions e cascatas. Sem pressa, leu o que traziam os prospectos sobre as características da maioria deles, observando atentamente o que eles ofereciam como atração.

Primeiramente, voltou sua curiosidade para os Parques fechados: *Snowland*, NASA, NBA, Minimundo, Mundo a Vapor, entre outros. Depois, procurou conhecer as atrações turísticas existentes em lugares abertos: Cascata do Caracol, Jardim Zoológico, Le Jardin, Parque Terra Encantada Florybal, todas situadas em Gramado e Canela, cidades vizinhas, interligadas por uma grande avenida de dez quilômetros de extensão.



Dando continuidade à pesquisa, procurou a parte leste da serra. Visualizou uma linda estrada chamada Rota do Sol, que se estende em direção ao litoral. Ela permite o acesso a uma região de cânions majestosos, com destaque para dois deles: O Itaimbezinho, situado no Parque Nacional de Aparados da Serra, Município de Cambará, com cerca de seis quilômetros de extensão, encoberto por vegetação frondosa, com um paredão de setecentos metros de altura, tendo ao fundo um vale por onde corre um rio em direção ao mar próximo. Outro da mesma região, de nome Fortaleza, fica situado no Parque Nacional da Serra Geral, na cidade vizinha de São Francisco de Paula, de extensão e beleza similares às de Itaimbezinho. Ambos com extensas trilhas ao longo das quais se desvendam cenários deslumbrantes a serem admirados, principalmente, por quem costuma fazer caminhadas.

Henrique reservou os prospectos que falavam sobre vinícolas para uma leitura posterior. Seria um tipo de turismo que o levaria para a área que ele conhecia a fundo. Pretendia tirar dele o maior proveito possível, fazendo um estudo amplo e atualizado das novas técnicas sobre vitivinicultura para transmiti-las aos filhos.

Atraído pelas fotos que retratavam a majestosa região dos cânions, decidiu conhecer Itaimbezinho, como seu primeiro passeio, mesmo sabendo que seria um pouco distante. No correr das semanas e meses, visitou outros parques, famosos pela beleza e organização, cada um oferecendo com qualidade e originalidade os tipos de entretenimentos para os quais foram criados.

NOVOS HÓSPEDES

Quatro meses se passaram, e o hóspede que mais tempo permaneceu na Estalagem continuava a fazer seus passeios turísticos. Seu relacionamento com os proprietários e com os funcionários estreitou-se afetivamente. Tinha mais liberdade do que qualquer outro turista, chegando até sugerir cardápios aos cozinheiros de forma amistosa e cordial. Procurou até certificar-se de que, na Semana Santa, haveria o celebrado “bacalhau à portuguesa”.

A Páscoa faz parte de um dos principais eventos do calendário turístico de Gramado. A data lembra a morte e ressurreição de Cristo, e o lugar a celebra com destaque para dois de seus símbolos: o “ovo da Páscoa” e o “coelhinho”, ambos simbolizando o renascimento e a fertilidade, respectivamente. A natureza, as características de cada estação do ano, a gastronomia e a linda arquitetura de estilo alemão tornaram a cidade conhecida nacional e internacionalmente. Seus produtos coloniais e seus famosos chocolates também seduzem os turistas. Várias são as fábricas dessa guloseima, especializadas em tirar do cacau os mais diferentes tipos e sabores de chocolate, que fazem com que dificilmente os turistas consigam rejeitá-lo. O friozinho hibernal da serra, que já se faz anunciar a partir da Páscoa, provoca no turista o desejo de consumir o delicioso chocolate quente. Tantas são as maravilhas que se encontram em Gramado, que fazem dela uma cidade dos sonhos, atraindo anualmente milhões de turistas do Brasil e de outros países do planeta.

Os proprietários da estalagem em que Henrique se hospedou descendem de imigrantes italianos e costumam manter contato com pessoas oriundas da região de onde vieram seus antepassados: A Ilha da Sicília.

Atraídos por tudo que ouviram a respeito das atrações turísticas da serra gaúcha e interessados em conhecer ao vivo os festejos da Páscoa de Gramado, chegaram à estalagem três sicilianos: o casal Marcus e Priscila e a amiga Paola, todos professores da Universidade de Palermo.

Como sempre acontecia, Henrique foi o primeiro a descer para o café da manhã. Logo em seguida chegaram os três novos hóspedes, animados para conhecerem logo as primeiras atrações turísticas, vistas nos prospectos e nos anúncios feitos pela agência de turismo onde adquiriram os pacotes de viagem.

O clima de alegria de quem faz turismo favorece a aproximação das pessoas, gera neles uma sensação de alegria interior, de paz espiritual. A primeira saudação matinal entre o hóspede veterano e os três novos hóspedes sicilianos se deu com o entusiasmo próprio dos turistas. Paola, que tinha feito um curso de língua portuguesa, fez sua saudação no idioma de Camões.

Sentindo-se um veterano no lugar, Henrique, a pedido dos novos amigos, fez comentários a respeito de tudo que a região da serra oferecia. Paola, já a partir daí, tornou-se mais presente, pois atuava como intérprete do que ele falava. Disse aos três que, no dia anterior, tinha ido conhecer Itaimbezinho, ressaltando tratar-se de um majestoso cânion, situado entre os Estados do Rio Grande do Sul e de Estado de Santa Catarina. Começou a descrever o passeio caprichando nos detalhes, como se fosse um guia de turismo:

— Este cânion fica a cerca de vinte quilômetros da cidade gaúcha de Cambará do Sul. Lá pude confirmar tudo que me haviam dito sobre ele: a vegetação exuberante, as quedas d'água e as trilhas que levam o trilheiro ao ponto mais alto. Suas paredes rochosas medem, de alto a baixo, cerca de setecentos metros de altura.

Comentou que a escolha do passeio daquele dia, apesar de cansativo, tinha valido a pena, pois a beleza do lugar, da paisagem vista do alto do cânion era deslumbrante. Prosseguindo com sua descrição acrescentou:

— Lá do alto do cânion tem-se, diante dos olhos, uma mata com diversos tons de verde, entremeada com o amarelo dos ipês e com o lilás dos manacás. Parece um cenário encoberto pelo manto azul do céu, dando a impressão de que céu e mata se tocam no horizonte distante. Fiquei tão maravilhado, que cheguei a perder a vontade de deixar aquele paraíso. Mas logo lembrei que retornaria a um lugar também maravilhoso, que me fazia sentir em casa.

Relatou sobre a atitude de determinado turista que, seduzido por tudo que vivenciara, escreveu um belo texto ao qual deu como título “Louvor à Serra gaúcha”.

Concluindo, Henrique fez uma breve pausa e finalizou:

— Momentos como os que tenho vivido aqui me fazem lembrar minha esposa, imaginando como estaria feliz em desfrutar as maravilhas desta terra. Seguidamente ela falava, empolgada, em conhecer este lugar e dizia que não via a hora de viajar para a terra de seus sonhos. Agora estou eu aqui a viver o sonho que ela tanto acalentava. Por isso me vem, de vez em quando, um sentimento de tristeza por estar a desfrutá-lo sozinho.

Paola, a amiga do casal, ficou emocionada quando ouviu Henrique falar da saudade da mulher com quem viveu feliz por tantos anos. Por outro lado, ficou empolgada com a bela descrição feita por ele, com tantos detalhes, que parecia estar há muitos anos no lugar. Percebeu quão sensível era aquele homem a reverenciar o amor que viveu com a esposa.

Separada há mais de vinte anos, ela chegou a imaginar a possibilidade de viver um novo amor compartilhado com alguém que tivesse as virtudes do homem que estava ali na sua frente. Surpreendeu-se, caindo em si, por estar, de repente, sentindo-se atraída por alguém cuja vida desconhecia, mas curiosa de saber mais sobre ele. Pensou que a vida que ele teve com a esposa foi linda e merecida por ambos. Afugentou o sentimento mesquinho da inveja, louvou a relação que Henrique viveu com a esposa, apesar de ver nesse belo passado um paredão que o afastava da ideia de ter uma outra mulher em seu coração. À noite, Paola pensando em tudo que aconteceu, no que viu e ouviu, foi dormir com a certeza de que seu dia havia sido surpreendentemente inusitado.

Já cedo, durante o café da manhã, como de hábito, os quatro amigos trocaram informações a respeito do “tour” que fariam. Eram passeios diferentes. Alegraram-se, no entanto, ao perceberem a possibilidade de estarem todos juntos dali a três dias quando iriam conhecer as vinícolas da Serra.

Chegou, finalmente, o dia em que os quatro amigos fariam o passeio juntos. Iriam conhecer as vinícolas do Vale dos Vinhedos, região próxima a Gramado, com cerca de oitenta quilômetros quadrados, que abrange os municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul. O Vale é famoso por seus vinhos e espumantes. Os acompanhantes de Henrique, todos italianos, ficaram orgulhosos quando souberam que o lugar era conhecido como “Toscana Brasileira”.

Os visitantes pareciam extasiados com a paisagem deslumbrante, coberta de plátanos e araucárias, com imensos parreirais até onde a vista alcança. Conheceram algumas das vinícolas famosas, entre tantas lá existentes, como: Casa Valduga, Miolo, Salton, Aurora, Larentis, Torcelo, Peterlongo, Pizzato e Dom Cândido. Degustaram, nas que visitaram, excelentes vinhos e outros produtos da região. Henrique lembrou aos amigos já ter experimentado alguns deles quando esteve com Helena à feira de produtos da serra gaúcha em Lisboa.

Casualmente, durante a visita a uma das vinícolas, conheceram seus proprietários Fernando e Cecília, que os receberam animadamente. Henrique, sem a intenção de dar muita ênfase ao assunto, comentou que sua família tinha sua história ligada totalmente ao cultivo da uva e à produção do vinho na região do Alentejo, Sudeste de Portugal, sinalizou ele. Lembrou que a vinícola existia há décadas, mas ressaltou que ela não era tão antiga quanto à Adega Cartuxa, citando como exemplo, existente desde 1880 em Évora. Interessados na experiência de Henrique e sensibilizados pelo episódio que o fez largar tudo, inclusive a atividade que amava, sua convivência com as uvas e com o vinho, fizeram-lhe um insistente convite para que aparecesse lá um dia para almoçar com eles. Asseguraram que iriam em breve lhe telefonar para cobrar a visita.

Paola, durante a viagem de retorno a Gramado, virou para Henrique e lhe disse:

— Tenho a impressão de que as uvas e o vinho não querem te deixar em paz. Parece que este passeio reacendeu uma antiga paixão — acrescentou ela.

Querendo evitar que o passado aflorasse, calou-se e sorriu para ele, tendo recebido, também, um leve sorriso da parte dele.

Ainda no trajeto ouviram-se comentários elogiosos sobre o passeio, sobre a paisagem, sobre as degustações, sobre os vinhos e espumantes, aos quais deram como destaque especial o sabor e qualidade.

À noite, após o jantar, decidiram dormir mais cedo do que o normal. Afinal, todos revelavam cansaço, pois o passeio, apesar de prazeroso, exigiu deles um empenho físico muito grande. A jornada havia começado às sete horas da manhã, quando deixaram a estalagem, e só retornaram ao anoitecer.

Paola, por sua vez, teve certa dificuldade em conciliar o sono, lembrando a aventura do dia, que tinha como centro de suas atenções aquele que se apossara de seus pensamentos, mexendo com seus sentimentos. A ideia de retornar à Sicília não mais a empolgava. Lamentava ter de deixar a serra gaúcha, de renunciar ao prazer de tudo que a tornou feliz e sonhadora. Passou a rezar para que seus sonhos recentes viessem a se realizar num futuro próximo. Sua vida dali por diante seria em função desse sonho. Estava certa de que o caminho para sua felicidade surgiu naquele lugar. Sairia daquele país com a sensação de que, finalmente, voltava a sentir-se feliz.



Aproximava-se a data em que os três amigos voltariam à Sicília. A convivência entre os dois tornou-se mais íntima, a ponto de fazerem planos de voltarem a se ver. Henrique falou em visitar a família no Alentejo, e Paola, em conhecer Portugal, por gostar da história e da cultura do país. Lembrou ainda que sua admiração pelos escritores portugueses a levou a interessar-se em aprender o idioma, que, de certa forma, disse ela, tinha adquirido algum conhecimento por intermédio da música (gostava de fado) e pela literatura, citando Camões, Fernando Pessoa, António Gedeão e José Saramago.

SAUDADES DE PORTUGAL

Em vinte e cinco de abril, Henrique absteve-se de fazer passeio turístico. O sentimento patriótico e religioso levou-o até a Igreja São Pedro, Centro de Gramado, para reverenciar seus irmãos portugueses que, com o apoio das forças armadas do país, combateram a ditadura de Salazar, que perdurou entre 1932 e 1974. A reação popular ficou na história com o nome de “Revolução dos Cravos” pelo fato de terem as mulheres portuguesas distribuído cravos aos soldados, que os colocaram no cano de suas armas. (Cravo é uma flor que exala um perfume inebriante e é usado na produção de incensos. Seu aroma é tido como sendo próprio para homens. É muito usado nas lapelas dos noivos e padrinhos, em casamentos tradicionais).

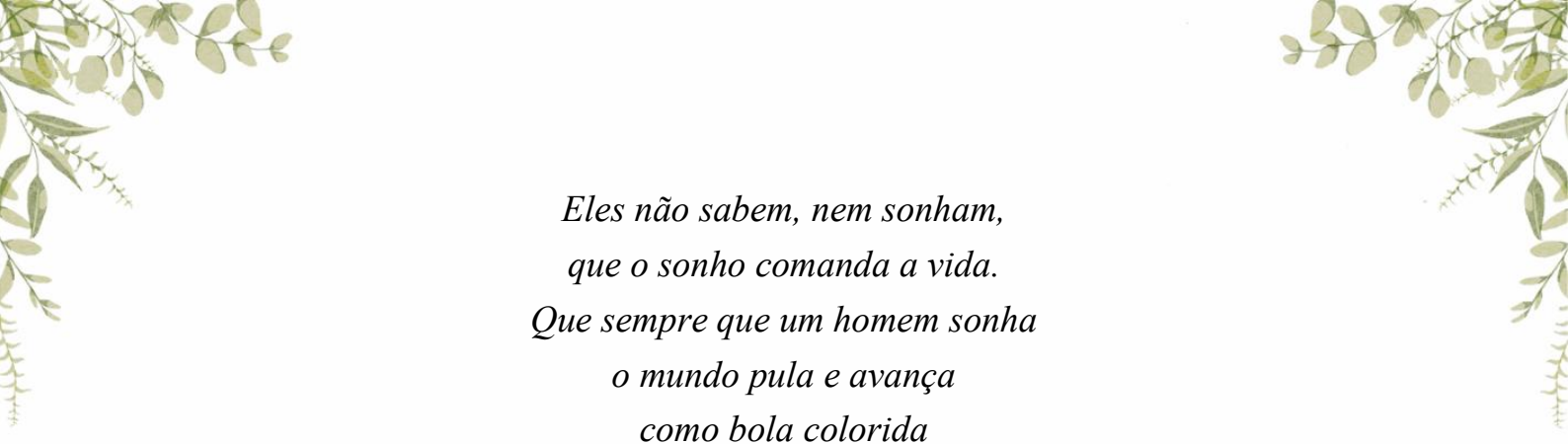
De volta à estalagem, Henrique, ainda impregnado do sentimento de amor a sua terra, procurou no google um de seus poetas favoritos do século passado, António Gedeão. Quis recordar as estrofes de seu poema predileto “Pedra Filosofal”. Emocionado, passou a ler o poema que se tornou uma espécie de hino à liberdade e ao sonho, que serviu de bandeira contra o governo de António de Oliveira Salazar.

*Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.*



*Eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
bichinho álaçre e sedento,
de focinho pontiagudo,
que fossa através de tudo
num perpétuo movimento.*

*Eles não sabem que o sonho
é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco, em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,
contraponto, sinfonia,
máscara grega, magia,
que é retorta de alquimista,
mapa do mundo distante,
rosa-dos-ventos, Infante,
caravela quinhentista,
que é Cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete de espadachim,
bastidor, passo de dança,
Colombina e Arlequin,
passarola voadora,
para-raios, locomotiva,
barco de proa festiva,
alto-forno, geradora,
cisão de átomo, radar,
ultrassom, televisão,
desembarque em foguetão,
na superfície lunar.*



*Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.
Que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.*

Após a leitura do poema, em silêncio, tornou a ouvi-lo na voz do cantor e compositor Manuel Freire, um dos melhores cantores portugueses, na opinião da crítica e de seus contemporâneos. Agradeceu mentalmente a Gedeão por seu poema genial, que o fez lembrar e acreditar que sem o sonho a humanidade empobrece, definha, e a vida perde sentido.

De volta à Sicília, Paola procurava manter-se informada sobre o cotidiano de seu amigo lusitano, mas de maneira discreta, sem insistir em contatos telefônicos excessivos. Justificava, às vezes, sua falta de contato durante alguns dias, como sendo as exigências de suas atividades de professora. Na verdade, ela queria evitar que ele se sentisse pressionado ou desconfiasse de suas intenções, que ele desvendasse o sentimento que ela, a muito custo, escondia no coração. Não conseguia mais esquecê-lo, mas não queria correr o risco de prejudicar a relação entre eles. Preferia manter pelo menos a amizade. Preferia manter acesa, mesmo em segredo, a chama da esperança. Afinal era uma relação que fazia com que ela se sentisse viva, algo que não lhe acontecia há muitos anos.

No último contato telefônico entre eles, Paola informou a Henrique que iria a Lisboa no mês de junho participar de um congresso. Disse já ter reservado o lugar onde ficaria: Hotel Mundial, bairro da Mouraria, berço do Fado e aos pés do Castelo de São Jorge. Mostrou-se animada, pois, disse ela, iria conhecer muitos lugares do país sobre os quais havia lido e despertado nela interesse por sua história e seus encantos.

Henrique, ao ouvi-la, viu-se tomado de um forte sentimento de nostalgia, de saudade de sua terra, coisa que não lhe tinha acontecido desde que viera para o Brasil, e, claro, a vontade de revê-la.

CONVITE DE TRABALHO

A amizade que se criou entre Henrique, Fernando e Cecília fez com que o visitante português adquirisse o hábito de ir, de vez em quando, à vinícola, hábito alimentado também pela insistência do casal. O mesmo gosto que tinham pelo cultivo da uva e produção do vinho os aproximaram.

Algumas semanas tinham se passado sem que o turista lusitano aparecesse na vinícola. Seus amigos lhe telefonaram convidando-o para almoçar com eles, adiantando que não aceitariam uma rejeição. Enfatizaram que o prato destinado a ele já estava posto na mesa.

Fernando e Cecília o receberam com alegria, na hora prevista. Preferiram conversar fora de casa, com vista para os parreirais ao longe.

Fernando, sorrindo, falou em tom de indagação:

— Olhando para essas parreiras assim como estão, carregadas de uva, tu deves sentir falta delas, hein, meu amigo?

Cecília não esperou resposta de Henrique e mudou o rumo da conversa:

— E tua amiga quando volta a nos visitar? Talvez sinta saudade de tudo, pois notei que se mostrava animada em tua companhia.

As inesperadas perguntas do casal pareciam flechas lançadas em direção ao coração de Henrique, causando-lhe um certo abalo, mas que procurou disfarçar elegantemente, concordando com ambos, confirmando ter sido muito agradável a companhia dos amigos italianos.

Cecília, como toda a mulher que gosta de auscultar o coração daqueles que lhe despertam interesse, especialmente de um amigo solitário, insistiu no assunto que lhe desperta prazer, como é próprio da sensibilidade feminina:

— Tem falado com Paola, meu amigo?

— Sim — respondeu Henrique — Temos nos falado de vez em quando. Ela disse ter gostado da viagem, de ter conhecido tantos lugares lindos. Aliás, perguntou por vocês. Disse ter tido um grande prazer em conhecê-los e mandou um grande abraço aos dois.

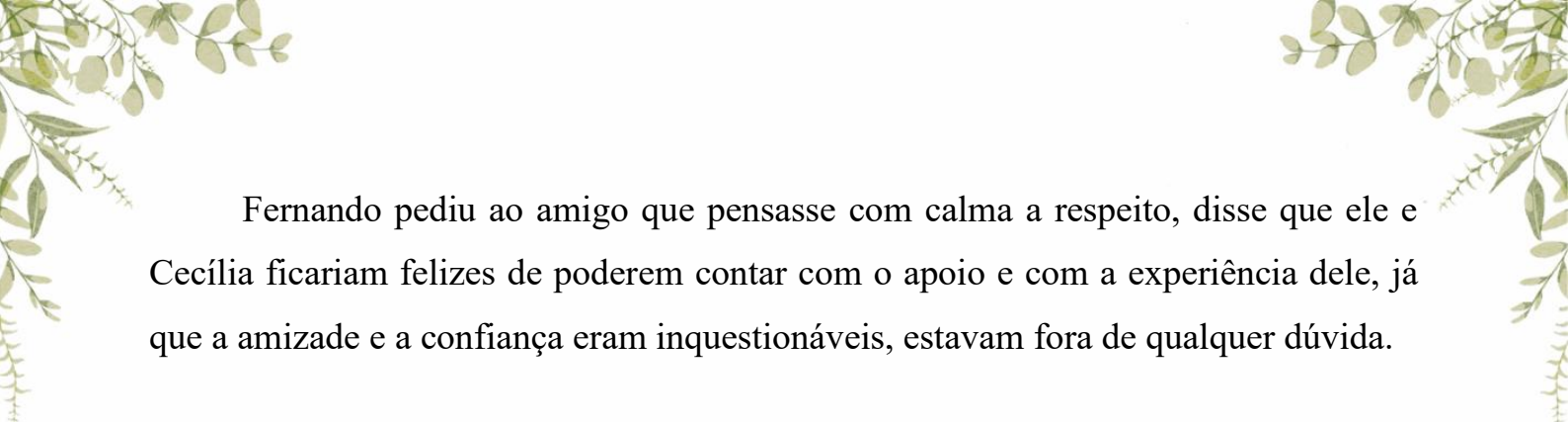
O casal agradeceu e pediu a ele que retribuísse o carinho e que estavam exigindo dela um rápido retorno à serra gaúcha.

Fernando resolveu mudar de assunto e tratar do que mais lhe interessava, falando num tom de voz sereno:

— Henrique, tu sabes que tenho um sócio, pois da última vez que aqui estiveste pôde conhecê-lo, o Robson. Pois é, ele vai se aposentar. Sente que precisa tratar da saúde e quer descansar, aproveitar a vida, diz ele. Eu e Cecília não reclamamos desse último motivo que Robson alega. Aproveitamos nosso tempo sem excluir os esforços que a vinícola nos exige. Harmonizamos nossa vida conciliando trabalho e lazer. Agora, sem nosso sócio, ficaremos sobrecarregados. Precisamos de um parceiro que tenha o mesmo prazer de lidar com a uva e com o vinho. Amigo, até cego vê que tu és o sujeito talhado para ocupar o espaço deixado por Robson. Eu e Cecília temos conversado a respeito e decidimos te fazer um convite: Gostaríamos muito que tu aceitasses ser nosso parceiro. Ficaríamos felizes se tu decidisses nos ajudar. Pense sobre isso com calma. Temos certeza de que tua ajuda faria com que a empresa se mantivesse sólida, garantindo o emprego das famílias que trabalham conosco. Agora, meu amigo, esperamos que esta conversa não tenha tirado teu apetite, pois a comida foi preparada com carinho e bom tempero.

Henrique disse estar surpreso pelo convite, agradeceu ao casal pela amizade e pela confiança em alguém que se encontrava há tão pouco tempo na região. Disse que não estava em seus planos, aos sessenta anos, voltar a ter um compromisso que exigisse muito dele. Já se considerava um aposentado, tendo deixado para os filhos a responsabilidade em manter a vinícola do Alentejo. Concluiu dizendo:

— Pelo que sei, meus filhos estão “dando conta do recado”. A propósito, esta expressão aprendi aqui com vocês brasileiros, disse ele.



Fernando pediu ao amigo que pensasse com calma a respeito, disse que ele e Cecília ficariam felizes de poderem contar com o apoio e com a experiência dele, já que a amizade e a confiança eram inquestionáveis, estavam fora de qualquer dúvida.

MENSAGEM DE PAOLA

No final da tarde, Henrique retornou à estalagem. Encontrou uma breve mensagem de Paola no Whatsapp, dizendo:

— Telefone mais tarde. Quero ouvir tua voz.

Aquela frase curta era o suficiente para alegrar seu final de dia. Só ficou no ar a curiosidade de saber sobre qual assunto ela iria falar.

O jantar daquela noite foi uma sopa de legumes, atendendo à preferência dos hóspedes, que não eram muitos, pois não era época de temporada no calendário turístico de Gramado. A expectativa do telefonema de Paola acelerou seu hábito de agir. Consumiu depressa a sopa, apesar de bastante quente. Subiu logo para o quarto, pois queria estar sozinho quando o celular tocasse.

Passados alguns longos minutos ouviu a chamada do aparelhinho. Esperou tocar mais duas vezes para não demonstrar sua ansiedade. Surpreendeu-se com a ligação por vídeo, quando se deparou com o rosto da mulher que alegrava seu coração.

— Estou com saudade — disse Paola — Por isso estou ligando por vídeo, para poder te ver. Não me basta só ouvir tua voz. Quero logo te comunicar que, no mês de junho, irei a Lisboa participar de um congresso pela Universidade de Palermo, onde trabalho. E talvez seja a última experiência como docente da Universidade. Pretendo, definitivamente, aposentar-me. Já exerci o magistério por mais de trinta anos. Decidi que já é hora de parar, aproveitar a vida, sem o rigor do compromisso com as obrigações que o trabalho exige. A propósito, espero que essa viagem a Portugal seja o mais proveitosa possível. Quero conhecer as cidades do interior, ricas em cultura por seus monumentos, castelos, igrejas, da famosa culinária portuguesa, além da uva e dos vinhos deliciosos. Um dia espero provar dos que são produzidos em tua vinícola, disse ela.

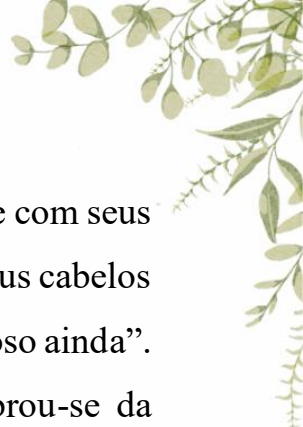
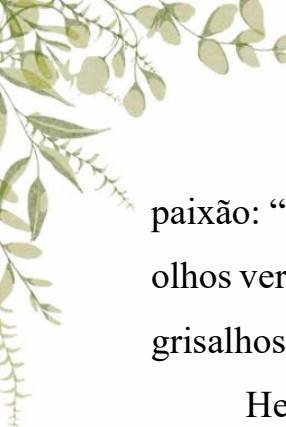
Paola tinha dado certa ênfase a sua fala final, como se insinuasse algo mais do que uma simples brincadeira, e se dispôs a ouvir a voz do outro lado.

Já falei demais, disse ela. Agora é tua vez!

— Também gostei dessa tua ideia de conversarmos pelo vídeo, de podermos olhar um para outro, não apenas ler mensagens ou somente ouvir as vozes. Por incrível que pareça, é a segunda vez hoje que ouço a palavra “aposentadoria”. Estive, pela manhã, na vinícola de Fernando e Cecília, atendendo ao convite do casal. Mas não foi um simples convite, acrescentou Henrique. Exigiram que eu fosse almoçar com eles. Disseram que a comida seria caprichada em minha homenagem. Não poderia fugir de um convite tão honroso, feito com tanta consideração. Mas não se tratava de um mero convite para almoçar. Levaram-me para conversar numa área dos fundos da casa com vista para os parreirais. Entendi, durante a conversa, que se tratava de uma estratégia psicológica para que me sentisse diante de um cenário com o qual estava habituado desde criança e que me traria boas e saudosas lembranças. Na verdade, tratava-se de um convite que habilmente me fizeram para que eu preenchesse a vaga do sócio deles, o Robson, que pretendia aposentar-se. Por isso que eu disse ter ouvido, hoje, de duas pessoas de continentes diferentes, a palavra “aposentadoria”, que, para nós dois, soa com perspectivas diferentes. A mim ela soa como uma chamada ao trabalho; para ti, como uma libertação dele. A propósito, a Cecília mostrou-se alegre, dizendo que haveria um motivo para fazê-la voltar a esta serra, lembrou Henrique com animação.

— Não rejeito a ideia, Henrique, de repetir a viagem que mudou minha visão e expectativa de vida. Ainda mais se tu ainda estiveres por aí, talvez de sócio do Fernando. Diga à Cecília que espero ser convidada também para um almoço tão bom quanto ao que te serviram.

Sorrindo, despediu-se propondo se falarem em breve, pois, disse ela, mal conseguia conter a curiosidade de saber sobre o dia a dia dele. Acabada a conversa, continuou a pensar nele: “Nunca imaginei que apareceria na minha vida alguém tão especial: amável, educado, atencioso e bonito, o tipo de homem com quem toda a mulher sonha”. Continuou dando asas ao pensamento, movida pelo sentimento da



paixão: “Ele é mais do que sonhei: sua pele morena harmoniza perfeitamente com seus olhos verdes; sua altura e porte atlético lhe dão uma presença imponente, e seus cabelos grisalhos, frutos dos sessenta anos de vida, fazem com que fique mais charmoso ainda”.

Henrique também continuou ligado à conversa que tiveram. Lembrou-se da notícia de Paola sobre sua iminente aposentadoria. Tomou-se de alegria e começou a pensar na mulher que invadiu seu coração: “Ela foi abençoada com uma aparência cativante, com uma fisionomia tão jovial, que ninguém lhe daria mais de quarenta e cinco anos. Seu porte físico é capaz de causar inveja a muita garota, uma voz macia e sedutora, com um rosto sem marcas do tempo, com os cabelos loiros bem cuidados, além de um sorriso cativante”. Tudo em Paola o convencia de que ela teria ainda muita energia e graça para desfrutar a vida.

CARTA A HENRIQUE

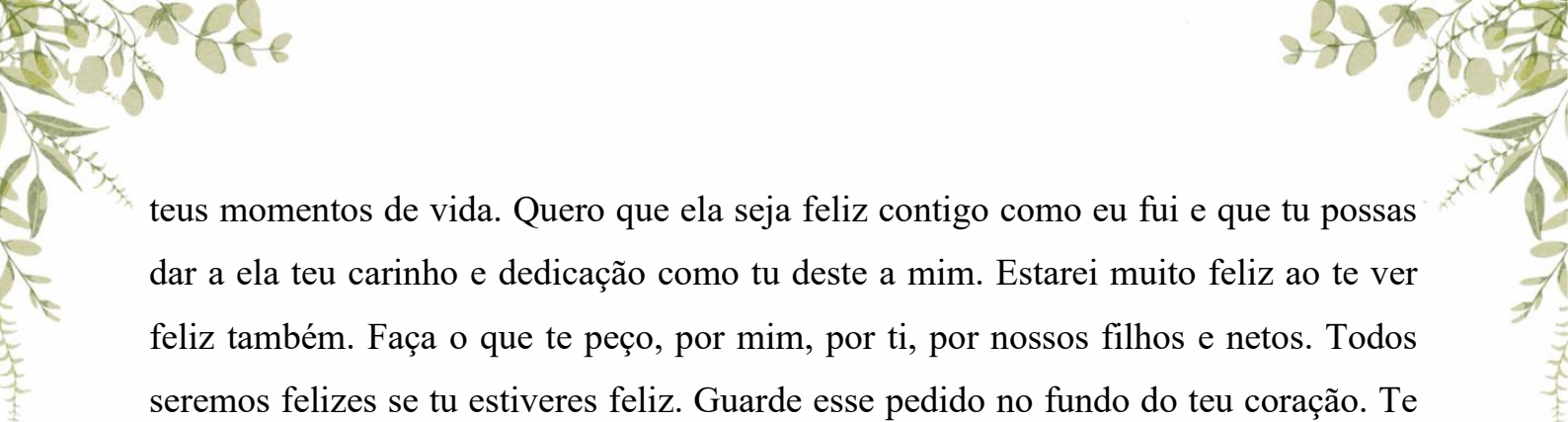
Organizando os pertences da falecida mãe, querendo dar um destino a eles, o filho mais velho, António, encontrou, no fundo de umas das gavetas do quarto do casal, uma pequena carta de Helena endereçada ao marido.

A folha em que a mãe tinha escrito aquela carta estava dobrada simplesmente, sem envelope. Ao pegá-la, um tanto constrangido, ousou ler as primeiras linhas. Percebendo a importância dela para seu pai, tendo em vista o conteúdo que ela continha, concluiu que não teria o direito de transformá-la em um mero texto de whatsapp. Preferiu enviá-la pelos correios. Ele merecia recebê-la do jeito em que a encontrou; caso contrário, estaria perdendo muito do seu valor sentimental, pensou ele. Colocou-a num envelope e enviou-a pela agência dos correios da cidade, informando ao pai que já havia providenciado seu encaminhamento.

Dez dias depois, Henrique recebeu a carta com muita curiosidade. Foi até seu quarto na estalagem, e, como se fosse um ritual, abriu o envelope com cuidado e emoção. Já soubera pelo filho que se tratava de uma mensagem de sua amada Helena. Acomodou-se na poltrona do quarto e começou a leitura:

“Amor da minha vida:

Em breve não estaremos mais juntos. Irei para o lugar onde voltaremos a nos ver um dia. Vou em paz e feliz por tudo que vivi na Terra em tua companhia. Rogarei a Deus que te proteja e ilumine todos os teus passos. Eu, do fundo do meu coração, peço-te que desfrutes tudo o que o ser humano tem direito na vida, e tu, mais do que ninguém, mereces ser feliz. Lembra-te da oração de São Francisco, querido, em que ele diz: “...amar e ser amado”. Temos, portanto, o dever de amar, e o direito de ser amado. Será abençoada a mulher que tiver a sorte de te conhecer e desejar te fazer feliz. O amor verdadeiro não é e nem deve ser mesquinho. Espero que alguém tenha a felicidade de te encontrar e sonhar em ser a companheira com a qual tu possas compartilhar todos os



teus momentos de vida. Quero que ela seja feliz contigo como eu fui e que tu possas dar a ela teu carinho e dedicação como tu deste a mim. Estarei muito feliz ao te ver feliz também. Faça o que te peço, por mim, por ti, por nossos filhos e netos. Todos seremos felizes se tu estiveres feliz. Guarde esse pedido no fundo do teu coração. Te amarei sempre. Beijo eterno da tua Helena.”

Após ter feito a leitura da carta de sua saudosa esposa, Henrique sentiu-se leve, espiritualmente, graças ao desejo de Helena, pedindo a ele que desfrutasse da vida e fosse feliz. Fechou os olhos e, com profundo sentimento de gratidão, rogou a Deus que a mantivesse ao Seu lado.

Lembrou-se, em seguida, do filho António e lhe telefonou para agradecer o carinho e bom senso de lhe ter enviado a carta de Helena, e acrescentou:

— Filho querido, a carta que tua mãe me deixou, pouco antes de partir, não foi uma simples despedida. O que ela quis deixar, com certeza, foi um conforto para minhas dores d’alma. Sua mãe queria aliviar meu estado emocional. Ela, como sempre, foi sábia e bondosa. Queria evitar que eu passasse a conviver com um sentimento de culpa, o que realmente vinha acontecendo por ela não estar comigo realizando seus sonhos de vida.

Agradeceu ao filho, mais uma vez, por seu gesto de amor e sabedoria e disse a ele que estava feliz na serra gaúcha, embora com saudades da família que ama. Resumiu o que vinha fazendo no dia a dia. Falou-lhe da vinícola e do convite de trabalho. Disse das amizades que fez, inclusive dos três sicilianos. Ressaltou que um dos três era uma professora da Universidade de Palermo, que lhe falou sobre uma viagem a Lisboa no mês de junho, a fim de participar de um congresso sobre os avanços da arquitetura. Disse até que iria reservar um tempo para conhecer o interior de Portugal, algo que, segundo ela, desejava fazer há muitos anos.

Henrique arriscou-se a esticar um pouquinho a fala sobre Paola:

— O detalhe curioso, filho, é que ela é fascinada por vinho. Os olhos dela faiscaram quando lhe falei que meus filhos se dedicavam à produção dos melhores

vinhos do Alentejo. Disse concordar com o que dizem ser o vinho a bebida dos deuses e que ele fazia parte do seu dia a dia.

Passadas duas semanas, Henrique foi visitar o casal Fernando e Cecília. Chegou de surpresa, para evitar novo convite para almoço. Disse-lhes que pretendia visitar os filhos e netos em Portugal, que falaria com eles a respeito do convite de trabalho quando voltasse de Portugal.

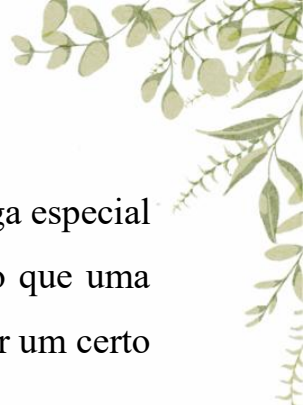

Fernando, sem questionar, aceitou a justificativa do amigo. Cecília, por outro lado, procurou saber os motivos reais da viagem, desconfiada de que os motivos alegados por Henrique não seriam somente os de visitar filhos e netos, e perguntou-lhe:

— Meu amigo, por acaso não pensou na possibilidade de ver nossa amiga Paola. Tenho certeza de que ela ficaria feliz se tu a surpreendesses com uma visita.

Cecília, antes de encerrar o assunto e não querendo insistir, disse que lamentaria caso duas pessoas de quem ela aprendeu a gostar muito não viessem a se encontrar estando ambas tão próximas, num mesmo continente.

Quando Henrique comunicou aos filhos que iria visitá-los, a família toda, filhos, noras e netos ficaram radiantes, pois tinham um amor imenso por aquele que sempre foi a referência e porto seguro de todos. O clima psicológico mudou. A expectativa pela chegada de alguém muito especial melhorou profundamente o emocional de todos. Passaram a planejar passeios e festas para agradá-lo, para festejarem sua presença.

Também foi grande a alegria de todos quando souberam que ele fizera boas amizades na Serra gaúcha. Ficaram mais curiosos quando souberam por António que o pai, apesar de discreto, tinha dado certo destaque para a amizade que fez com uma turista italiana. Disse que era professora de arquitetura da universidade de Palermo, capital da Sicília, e que, por gostar da cultura e dos escritores portugueses, ela até havia aprendido a falar a língua portuguesa. António lembrou ainda que o pai deixou escapar a notícia de que ela iria a Lisboa para um congresso sobre arquitetura e que aproveitaria para conhecer Portugal, um sonho dela guardado há muitos anos.



A notícia da existência da professora italiana, que se tornou uma amiga especial de Henrique, fez com que todos suspeitassem de que existia algo mais do que uma simples amizade. António disse a todos que o pai havia deixado transparecer um certo entusiasmo ao falar que ela iria a Lisboa.

António achou por bem dar ciência a todos sobre o conteúdo da carta deixada por Helena, a fim de que todos soubessem o propósito da mãe ao escrevê-la antes de partir. Pensou ele que o conhecimento de seu conteúdo, além de necessário, faria bem a todos.

— Mamãe, em suas palavras, disse António, insistia em que nosso pai procurasse ser feliz, disse que ele tinha o direito de amar uma outra mulher e de se permitir amar por ela. Disse que ficaria feliz em ver que outra pessoa também se sentisse feliz ao lado dele, da mesma forma que ela foi durante todos os anos em que estiveram juntos.

O conhecimento do conteúdo da carta de Helena ao marido fez com que todos passassem a querer que a vontade dela viesse a se realizar. Começaram, então, a pensar em um modo de contribuir para que o desejo de Helena acontecesse. Ansiavam todos em vê-lo voltar a sentir-se vivo e alegre.

A família, imaginando ser essa professora de Palermo uma pessoa especial, a ponto de chamar a atenção do homem que todos amavam, começou a vê-la com otimismo, pois já havia sinais de que o sentimento entre os dois parecia mais do que amizade, mais do que mera simpatia.

VIAGEM A PORTUGAL

Fazia uma linda manhã de sol quando o avião em que Henrique viajava aterrissou no aeroporto de Lisboa. Seu filho António estava a sua espera, ansioso para abraçá-lo.

Apesar de o relógio marcar aproximadamente onze horas, António propôs ao pai que fossem direto para o Alentejo e almoçar em casa. Henrique concordou dizendo que havia tomado café da manhã no avião e que gostaria de uma comida caseira em companhia da família.

O filho, durante a viagem, não quis puxar muita conversa, pois notou que os olhos do pai se voltavam para o cenário que fez parte de toda sua vida, onde nasceu, cresceu e constituiu família.

Ao chegarem ao casarão, que lhe serviu de abrigo durante sessenta anos, Henrique voltou ao passado, viu-se menino, correndo ao redor da casa, brincando com os irmãos. Estranhou por não ver ninguém à espera dele, mas não fez nenhum comentário.

António, em vez de conduzi-lo até a residência da família, pediu que o acompanhasse até o grande galpão, construído pelo pai há mais de trinta anos, para atender às necessidades impostas pelo crescimento da vinícola.

Ao entrarem no galpão, os outros dois filhos, Francisco e Rodrigo, as noras e os netos surgiram para festejar a chegada de quem tanto esperavam e abraçá-lo com carinho e muita emoção.

Durante o almoço ouviram-se as canções interpretadas por Amália Rodrigues, a cantora preferida de Henrique.

Nos cinco dias seguintes, Henrique teve visita de alguns amigos de muitos anos, foi à missa, no Domingo, com toda a família, na igreja de São Francisco, em Évora, expressar gratidão a Deus e pedir bênçãos.

Como a chegada de Paola a Lisboa estava prevista para a manhã de sábado, Franciso, o filho mais novo, sugeriu que ela fosse recebida com um almoço em família. Henrique mostrou-se feliz com a ideia do filho, mas sem fazer alarde, escondendo o entusiasmo.

Sábado de manhã, António, percebendo ter chegado a hora de pegar a estrada rumo a Lisboa, foi confirmar se o pai estava pronto. Notou uma preocupação que há muito não via por parte dele: cuidava da aparência, procurando parecer mais jovial; ajeitava a gola da camisa; penteava os cabelos grisalhos com capricho; penteava até os fios de seu bigode serrado.

Não querendo se denunciar, como se tivesse testemunhado todos aqueles cuidados, afastou-se para gritar de longe:

— Pai, está na hora! Não podemos deixar Paola perdida no aeroporto.

Chegaram dez minutos antes de o avião dela aterrissar.

Ao vê-la aproximar-se, Henrique teve a impressão de que ela estava mais jovem do que quando a conheceu em Gramado. Disfarçou sua alegria ao ver que vinha ao seu encontro aquela esplêndida mulher, de cabelos louros bem tratados, que desciam sobre os ombros, caminhando como se fosse uma modelo a desfilarem pelos corredores do aeroporto. Via nela, agora mais atentamente do que antes, sua beleza natural, usando uma maquiagem leve, sóbria, que servia apenas para dar realce à beleza dos olhos e da boca.

Henrique abraçou-a, deu-lhe as boas-vindas e lhe apresentou o filho. Antes de entrarem no carro, António sugeriu ao pai que não a deixasse sozinha. Disse que gostaria de se passar por motorista particular: ele, sozinho na frente, e os passageiros, no banco de trás.

Ao passar por uma estrada próxima ao Centro Histórico de Évora, capital do Alentejo, Henrique disse a Paola:

— Domingo passado, viemos à missa na igreja de São Franciso. Quando passamos pelo Templo Histórico Romano, construído no primeiro século depois de Cristo, lembrei-me de ti, do teu conhecimento e amor pela escultura e pela pintura.

Paola aproveitou a oportunidade e, referindo-se ao que ouviu de Henrique, falou pausadamente:

— Que bom que o monumento fez com que tu te lembrasses de mim. Espero que tu faças, diariamente, visita a monumentos, disse ela sorrindo.

— Para isso não tenho necessidade de fazer tais visitas — respondeu Henrique, retribuindo o sorriso.

António fingia não ouvir nada. Em pouco tempo, estacionava o carro entre as árvores que cercavam as casas e o grande galpão.

A família toda, curiosa por conhecer a cativante professora, postou-se em frente à entrada do galpão, que tradicionalmente servia de refeitório, pois, além de aconchegante, dispunha de armários bem conservados em cujas gavetas e prateleiras poderiam ser acomodados todos os utensílios de cozinha. A mesa de refeição era de um tamanho capaz de acomodar confortavelmente ao seu redor cerca de vinte pessoas. A família ainda mantinha, muito bem conservado, um aparelho de CD, com caixas de som compatíveis com o ambiente.

Depois da recepção solene, Paola foi convidada a entrar no velho e tradicional refeitório. Ficou surpresa ao ouvir a voz de Amália Rodrigues cantando algumas de suas músicas famosas. Era uma apreciadora de fado há muitos anos. Sua cantora predileta era precisamente Amália. Atreveu-se a pedir a António que pusesse Amália a cantar sua música preferida: “Foi Deus!”, citando até o autor da Letra: Alberto Fialho Janes – 1909/1971, um dos mais populares compositores portugueses.

A sugestão foi aplaudida por todos com tanto entusiasmo que, para conterem o ímpeto de cantar em voz alta, para não interferir na voz maravilhosa da cantora, limitaram-se a acompanhá-la mexendo os lábios, fazendo silêncio absoluto para ouvir cada verso:

*Não sei, não sabe ninguém
Por que canto o fado
Neste tom magoado
De dor e de pranto
E neste tormento
Todo o sofrimento
Eu sinto que a alma
Cá dentro se acalma
Nos versos que canto
Foi Deus
Que deu luz aos olhos
Perfumou as rosas
Deu oiro ao sol
E prata ao luar
Foi Deus
Que me pôs no peito
Um rosário de penas
Que vou desfiando
E choro a cantar
E pôs as estrelas no céu
E fez o espaço sem fim
Deu o luto às andorinhas
Ai, e deu-me esta voz a mim.
Se canto
Não sei o que canto
Misto de ventura
Saudade, ternura
E talvez amor
Mas sei que cantando
Sinto o mesmo quando
Se tem um desgosto
E o pranto no rosto
Nos deixa melhor*

*Foi Deus
Que deu voz ao vento
Luz ao firmamento
E deu o azul às ondas do mar
Foi Deus
Que me pôs no peito
Um rosário de penas
Que vou desfiando
E choro a cantar
Fez poeta o rouxinol
Pôs no campo o alecrim
Deu as flores à primavera
Ai, e deu-me esta voz a mim
Deu as flores à buganvília
Ai, e deu-me esta voz a mim.*

Após o final da canção, Paola olhou para Henrique e pensou, como se fosse um último verso: — “Foi Deus que te mandou pra mim”.

— Qual foi a tua impressão da serra gaúcha, Paola? — perguntou Sofia, uma das noras de Henrique.

— Não é exatamente o que vi nos prospectos turísticos, Sofia. É melhor! Não imaginava tanta beleza natural, tanta variedade de produtos cultivados naquelas terras: azeitonas, morangos, maçãs, laranjas, uvas etc. A quantidade de espécies de flores é inimaginável. A fauna também é rica em variedade de pássaros. A região foi desbravada e ocupada no século XIX por imigrantes portugueses, alemães e italianos. Seus descendentes fazem questão de manter as tradições de seus antepassados. Seus hábitos alimentares enriquecem a gastronomia da região, que é uma de suas atrações turísticas. Tem-se a nítida impressão de que os restaurantes, as pizzarias, as fábricas de chocolates, os hotéis, o comércio em geral competem para que sejam considerados os melhores entre os que oferecem o mesmo produto.

A educação do povo, a limpeza, a segurança das cidades, especialmente Gramado, é algo de impressionar qualquer cidadão do planeta. É de dar inveja. Parece outro mundo!

— Pelo visto, a Serra gaúcha terá em breve o retorno de alguém apaixonada por ela — disse Sofia — Aliás, acho que a nossa família também ficou empolgada com o lugar e passou a fazer planos para conhecê-lo na primeira oportunidade.

— Se depender de mim, terão o meu apoio total — disse Paola, olhando para Henrique, que sorria com o diálogo animado entre as duas.

O sorriso de Henrique tinha um motivo mais forte do que o assunto sobre o qual elas falavam. O que mais o moveu foi a percepção de que Paola começava a se entrosar rapidamente com sua família.

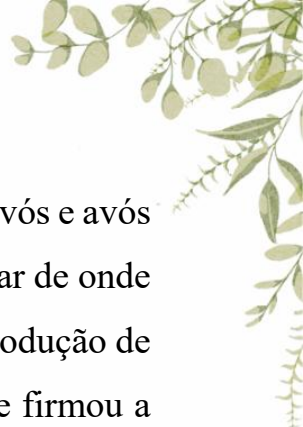
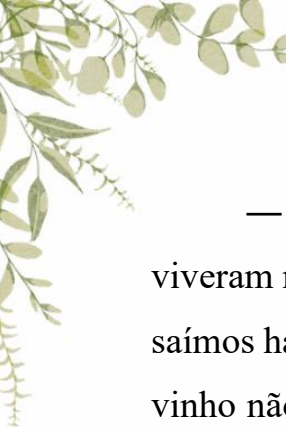
As horas passavam, e a conversa entre família e visitante fluía animada, todos atentos ao que falavam Paola e Henrique. Mostravam-se mais atentos ainda quando os dois falavam sobre a experiência deles em terras gaúchas, talvez curiosos de saber o nível de intimidade que surgiu entre eles.

O entardecer começou a se anunciar, e Paola lembrou que deveria ir para o hotel onde tinha feito reserva.

Henrique disse que aproveitaria a viagem para mostrar a ela lugares que marcaram sua infância no Alentejo.

António entendeu que estava descartado como motorista e disse ao pai que a chave do carro já estava na ignição.

Deixando o carro rodar devagar na estrada de pouco movimento, em direção a Lisboa, trocaram comentários sobre o encontro do dia. Riram das reações e das perguntas um tanto indiscretas de alguns. Em menos de dez quilômetros, Henrique saiu da estrada parou em frente a uma porteira que dava acesso a uma casa antiga, entre árvores, situada perto de um quilômetro para dentro do campo. Cercava a área um grande muro cuja construção provocou um comentário elogioso da arquiteta devido à preservação da antiga cerca feita de pedras. Voltando a falar sobre sua história, Henrique, apontando para o lugar com aparente abandono, disse à Paola:





— Lá é o lugar onde nasci, que virou tapera há muitos anos. Meus bisavós e avós viveram naquela casa. Meu pai também viveu, até se casar e ir morar no lugar de onde saímos há pouco. Meus avós cultivavam um pequeno parreiral, portanto a produção de vinho não era muito grande. Meu pai foi quem ampliou a área de videiras e firmou a qualidade do vinho produzido. Por isso me tornei, já na adolescência, um vitivicultor. A família toda cultivava uva e produzia o vinho. Aqui foi onde começou minha história de vida — finalizou Henrique.

Paola ouviu admirada aquele relato feito por alguém que tinha tomado conta de seus sentimentos, de seu coração; alguém que fez com que ela se sentisse uma mulher renascida, convencida de que, realmente, fazia sentido o que costumava ouvir de pessoas otimistas: “nunca é tarde para ser feliz”. Olhou para ele, deram-se as mãos, abraçaram-se demoradamente, para, em seguida, fazer o que desejavam há tanto tempo: beijaram-se apaixonadamente, como se a terra tivesse parado de girar, e a roda do tempo também.

Enquanto seguiam rumo ao hotel, fizeram planos para os próximos encontros, ou seja, conhecer os lugares históricos de Portugal. Preferiram evitar fazer comentários sobre projetos a longo prazo, reservando-os para outra ocasião, embora sonhassem realizá-los. Naquele primeiro encontro a dois, queriam tão somente seguir os conselhos do poeta Horácio, da antiga Roma: “Carpe diem”, tirar o melhor proveito do que estavam vivendo no momento.

Paola tratou de dormir cedo, queria relaxar. Mas as emoções vividas naquele dia impediam a chegada do sono. Preferiu recordá-las com detalhes para se convencer de que tudo era real. Lembrou-se de Camões, para ela o maior poeta em Língua Portuguesa, que definiu, em preciosos versos, o sentimento de quem está vivendo profundamente o amor. Percebeu que, finalmente, havia descoberto a força e a beleza desse sentimento. Tentou lembrar-se dos versos do poeta, mas surgiram somente alguns deles. Inconformada, apelou para o google e lá estavam:



*Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.*

*É um querer mais que bem-querer
É solitário andar por entre a gente
É um não contentar-se de contente
É cuidar que se ganha em se perder.*

*É um estar-se preso por vontade
É servir a quem vence o vencedor
É ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode o seu favor
Nos mortais corações conformidade
Sendo a si tão contrário o mesmo amor?*

Cansada e sonolenta, mas feliz, Paola adormeceu.

PORTUGAL HISTÓRICO

Paola, ao participar do congresso internacional sobre Arquitetura, teve presença marcante entre os presentes por ter transmitido toda a sua experiência adquirida em mais de trinta anos de docência. Seu nome era conhecido na Itália e no exterior pela publicação de artigos que lhe trouxeram prêmios devido às suas propostas de inovação na arquitetura.

Henrique esteve presente no dia de encerramento do congresso, quando teve a oportunidade de ouvir elogios a respeito da mulher que o conquistou, e fez com que ele, naquele dia, sentisse imenso orgulho dela.

À noite, levou-a para jantar em um restaurante tradicional de Lisboa. Durante o jantar falaram do futuro, da felicidade deles por terem se conhecido e brindaram a tudo que o destino lhes estaria reservando. Beijaram-se apaixonadamente, como dois jovens enamorados.

Henrique, depois do jantar, quis saber de Paola onde ela gostaria de ir. Sorrindo, pediu a ela que escolhesse um lugar que fosse inesquecível para os dois. A resposta dela foi a de que gostaria de ir para o hotel e subir com ele de mãos dadas para seus aposentos. Passaram pela portaria, saudaram o recepcionista com um alegre boa-noite e subiram para o quarto. Somente às nove horas da manhã desceram para o refeitório com a fisionomia de recém-casados, como dois pombinhos em lua de mel.

A atração entre eles surgiu, sorrateiramente, desde que se conheceram em Gramado, e foi crescendo a cada dia, até que, na noite anterior, consumou-se o desejo intenso, selando uma relação de plena felicidade.

O casal tinha previamente selecionado alguns lugares para visitar. Iriam agora estabelecer o roteiro juntos. Além do conhecimento que tinha de sua terra natal, Henrique havia assinalado algumas das principais cidades históricas do país. Estabeleceram uma sequência delas para visitarem, partindo do Hotel Mundial, situado

no coração de Lisboa, junto à Baixa Pombalina. Henrique comentou que o nome se deu em homenagem ao Marquês de Pombal, responsável pela reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755.

O casal, após o café da manhã, saiu do hotel em direção ao Castelo de São Jorge, nome dado em homenagem ao Santo padroeiro das Cruzadas e dos cavaleiros. De sua muralha se pode ter uma vista deslumbrante da cidade, dos telhados vermelhos das casas e do estuário do rio Tejo. Sua construção no atual formato se deu no século XI, durante a ocupação de Lisboa pelos mouros. Mas suas primeiras muralhas datam do século II a. C. quando por lá passaram diferentes povos, marcadamente os romanos, que, em 48 a.C. deram ao local a categoria de cidade romana, época em que se presume a construção da primeira fortificação.

Saindo do castelo, desceram até a Sé de Lisboa, catedral construída em 1150 por Afonso Henriques, quando recapturou Lisboa dos Mouros.

Visitaram ainda a Casa dos Bicos (rua dos Bacalhoeiros), construída em 1523, que abriga a sede da Fundação José Saramago (1922 – 2010), um dos orgulhos da literatura portuguesa, prêmio Nobel de Literatura no ano de 1998. Lá, Henrique, por admirar o talento e a história de vida de José Saramago, citou um pequeno texto, em que ele fala sobre a palavra que é uma exclusividade da língua portuguesa e que melhor define um dos mais belos sentimentos do ser humano: a palavra “saudade”:

— “A saudade é o que nos torna humanos. Ela é a lembrança do que fomos, do que tivemos e do que perdemos. Mas também é a força que nos faz seguir em frente, em busca do que ainda não encontramos. A saudade dói, mas é ela que nos lembra que amamos, que vivemos, que fomos felizes. Sem ela, seríamos apenas sombras de nós mesmos, perdidos em um presente vazio.”

Paola disse a Henrique que saía dali desejando ler toda a obra de José Saramago.

Encerraram o passeio matinal almoçando na rua Augusta, uma das mais elegantes, turísticas e gastronômicas do bairro.

Após o almoço, foram até a confeitaria Nacional, na Praça da Figueira, um dos cafés mais antigos da cidade, visitaram a histórica Igreja do Carmo e seguiram até a estação do metrô Baixa-chiado. No Chiado, provaram o cafezinho do restaurante “A Brasileira”, em frente ao qual se encontra a estátua de Fernando Pessoa. Dali, seguiram até a praça Luís de Camões, autor de “Os Lusíadas”, um dos maiores poemas épicos da história. Quase em frente a Camões, fica a famosa Manteigaria União, onde o casal degustou seus deliciosos pastéis de nata.

Henrique lembrou, em tom de alerta, uma curiosidade sobre o “pastel de nata”, chamado por muita gente, principalmente estrangeiros, de “pastel de Belém”. Disse ele:

— Paola, aqui neste lugar, se tu pedires pastel de Belém, vão dizer-te que só o encontrarás lá no Bairro de Belém. As pastelarias de outros bairros só atendem pelo nome “pastel de nata”. A diferença de nomes se deve a origem da iguaria, cuja criação se deve a criatividade dos monges do Mosteiro dos Jerónimos, em Belém. Diz a história que, no século XIX, os monges do Mosteiro quiseram aproveitar as gemas dos ovos, que eram descartadas na produção das “Hóstias”, feitas somente com clara e farinha de trigo. Assim, surgiu essa deliciosa guloseima feita a base de gema de ovo, leite, açúcar, canela e limão.

Decidiram sair dali e fazer logo uma visita ao berço do pastel de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos, onde estão sepultados grandes nomes da história de Portugal: Vasco das Gama, Luís Vaz de Camões, D. Manuel I, D. João III, Fernando Pessoa, entre outros. Em frente ao Mosteiro, do outro lado da praça, próximo ao Tejo, está a famosa Torre, construída no reinado de D. Manuel com o propósito de proteger a entrada do Tejo. Foi declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO, em 1983.

Antes de deixarem o histórico bairro, foram até a antiga confeitaria de Belém, decorada com lindos azulejos portugueses, que funciona desde 1837, e pediram, finalmente, pastéis pelo nome original: “pastéis de Belém”, confirmando sua fama de uma das delícias portuguesas.

O casal não poderia visitar os inúmeros lugares que merecem ser conhecidos, por isso deram prioridade a alguns deles pela importância histórica. No dia seguinte, saíram cedo do hotel e puseram o carro na estrada, seguindo um roteiro estabelecido previamente, considerando a importância histórica das cidades a serem visitadas.

A primeira visita foi ao **Santuário de Fátima**, um dos maiores centros de peregrinação católica. Em sua área, além da moderna igreja da Santíssima Trindade, existem a Basílica de Nossa Senhora do Rosário e a capelinha das aparições, lugar onde a Virgem Maria apareceu, em 1917, aos três pastorinhos — Lúcia dos Santos, Francisco e Jacinta Marto. Conheceram, também, as casas modestas onde moraram os pastorinhos, distantes dois quilômetros de Fátima, na pequena aldeia chamada Aljustrel.

A visita seguinte foi à cidade de **Tomar**, distrito de Santarém. Nas proximidades da cidade, foi construído o Castelo de Tomar, no reinado de Afonso Henriques, em 1160, por D. Gualdim Pais, Grão-mestre dos templários e Cavaleiro de D. Afonso Henriques. O Castelo Templário e o Convento de Cristo formam um conjunto monumental único no gênero. O primeiro foi sede da Ordem do Templo até 1314; o segundo foi sede da Ordem de Cristo a partir de 1357. Foi considerado pela UNESCO Patrimônio Mundial, em 1983. Sua importância cultural, histórica e arquitetônica tem valor imensurável. Foi uma das cidades mais influentes da Península Ibérica durante o século XIII.

A gastronomia de Tomar se destaca por sua fama na doçaria, que tem como especialidade as “Fatias de Tomar”, cuja receita incluiu gema de ovo, calda de açúcar, canela e limão. Entre outros doces, com nomes originais, merece ser lembrado o “beijame depressa”, também feito à base de gema de ovo, com forma de bolinhas, de sabor inigualável, que se desfaz na boca com suavidade.

Saindo de Tomar dirigiram-se até **Alcobaça**, situada na província histórica da Estremadura, distrito de Leiria, cerca de noventa quilômetros a norte de Lisboa. Visitaram o Mosteiro de Alcobaça, fundado por D. Afonso Henriques em 1148. Na igreja do mosteiro estão os túmulos, tidos como obras-primas da escultura gótica, dos

eternos apaixonados, o rei D. Pedro e D. Inês de Castro, cuja história de amor contém os principais ingredientes de uma tragédia: traição, ambição e vingança. É uma das mais belas histórias de amor impossível, que continua a comover todos os corações sensíveis até os dias de hoje. Agora os amantes, separados em vida, descansam juntos, diante do altar, um de frente para o outro, obedecendo ao pedido do próprio D. Pedro, o rei apaixonado. O mosteiro foi classificado pela UNESCO, em 1989, Patrimônio Mundial.

De Alcobaça seguiram para **Óbidos**, uma vila medieval cercada de muralhas, conforme a própria definição em latim: fortaleza, cidadela. Dados históricos registram que Óbidos foi construída pelos povos celtas em 308 a.C. e conquistada pelos romanos. Mais tarde dominada pelos mouros, de 711 até 1148, quando Afonso Henriques conquista a cidade, logo após ter conquistado Lisboa em 1147.

Almoçaram em uma tradicional tasca do lugar. Em seguida beberam a popular ginjinha de Óbidos ou “licor de ginja de Óbidos”, feito à base de Ginja, fruta semelhante à cereja, com infusão delas em álcool neutro, com sabor e aroma da própria fruta.

Voltaram mais cedo ao hotel. Precisavam de um tempo a sós para desfrutarem de um “dolce far niente”.

Dia seguinte, foram a **Évora**, capital da região centro-sul de Portugal, que não podia faltar no roteiro, pois é a região onde Henrique nasceu e viveu por seis décadas. Uma das regiões de maior importância histórica de Portugal. É famosa por ter, entre suas atrações históricas, a linda igreja de São Francisco, o museu de arqueologia, a capela dos ossos e as ruínas do templo romano, conhecidas como Templo de Diana.

Henrique, ao telefonar para seu amigo lisboeta Amadeu Marques, disse que estava em Évora fazendo um passeio turístico com Paola e que depois seguiriam para Reguengos de Monsaraz. Amadeu Marques, sem perda de tempo, deu logo uma sugestão:

— Se estás em Évora, reserve o almoço para a Vila de Mourão. Se quiseres experimentar uma comida tipicamente alentejana, da tua terra, ó pá, frisou Amadeu,

leva Paola à Adega Velha; lá, além da comida, ela irá conhecer o modo especial com que servem os clientes, além da decoração exclusiva do lugar, como as talhas de barro e os bancos de madeira. Uma atração, à parte, são os cantares alentejanos ao vivo — destacou Amadeu.

De Évora foram até a cidade medieval de Reguengos de **Monsaraz**. Visitaram o Castelo de Monsaraz, construído entre os anos de 1223 e 1248, com auxílio da Ordem dos Templários. Dentro de suas muralhas há uma vila com casinhas antigas, todas elas caiadas de branco. Das torres, que se erguem em suas muralhas, tiveram uma vista maravilhosa do Alentejo, e do lago que faz fronteira com a Espanha, cujas águas mantêm verdejantes as terras ao seu redor.

Logo após o meio-dia, deixaram Monsaraz e foram em direção à **Vila de Mourão**, atendendo à sugestão de Amadeu. Chegando à Vila, foram até o restaurante Adaga Velha, onde foram bem recebidos e puderam confirmaram tudo o que o amigo havia dito sobre a casa. Saíram de lá festejando o fato de não terem ignorado a sugestão de conhecerem o lugar, especialmente, o Adaga Velha. Paola, então, pediu a Henrique:

— Agradece a teu amigo Amadeu pela sugestão que te deu, pois nos fartamos da comida boa, do vinho bom e da cultura típica de tua terra. O “gajo” tem bom gosto — finalizou ela sorrindo.

Dali voltaram a Lisboa para mais uma noite juntos, lamentando ser o penúltimo dia de Paola em Lisboa. No dia seguinte fariam o último passeio.

Sintra foi a última cidade do roteiro. Lá visitaram o Palácio Nacional da Pena, construído com vários estilos arquitetônicos, considerado por muitos como o mais bonito da Europa. Foi considerado Patrimônio da humanidade, em 1995. Entre as principais atrações turísticas destacam-se o Castelo dos Mouros; o Palácio da Pena e a Quinta da Regaleira.

Não deixaram de experimentar um dos doces mais famosos em Portugal, encontrado na conhecida casa “Piriquita”, que criou, na década de quarenta do século XIX, o doce chamado “travesseiro”, feito de amêndoas, açúcar, farinha de trigo, gemas de ovo e canela.

Finalizaram o passeio sentindo-se, apesar do cansaço físico, espiritualmente plenos de fé e de gratidão. Os poucos dias em que estiveram juntos serviram para dar a eles a certeza da felicidade que teriam quando o sonho de se tornarem marido e mulher se concretizasse.

O casal chegou ao hotel por volta das dezessete horas. Mal entraram nos aposentos de Paola, uma chamada de vídeo no celular de Henrique mostrava a figura de uma moça bonita, que se apressava em dizer a ele que contavam com a aceitação do convite que lhe fora feito. Disse que o aguardavam o mais rápido possível. Era Letícia, a bela gerente comercial da vinícola.

Paola estranhou a urgência da ligação. Perguntou a si mesma por que aquela moça bonita tinha tanto interesse e tanta pressa em ter seu Henrique lá. Mas não falou nada. Não queria dar a entender que um sentimento de ciúmes interferisse a ponto de prejudicar as lembranças inesquecíveis dos últimos dias que passou na companhia de quem deu a ela os momentos mais prazerosos de sua vida.

Henrique, constrangido e contrariado, disse à funcionária da vinícola que havia dito a Fernando que daria sua resposta quando retornasse a Gramado. Enfatizou que não era momento para tratar do assunto, que tinha acabado de chegar ao hotel com a namorada, retornando de um longo passeio pelas cidades históricas de Portugal.

Para encurtar a conversa, aconselhou-a a vir com o namorado ou marido quando pudessem, pois não se arrependeriam, iriam se sentir compensados ao verem, “in loco”, tanta beleza e riqueza histórica. Agradeceu a lembrança e despediu-se adiantando que, quando chegasse o momento, conforme havia combinado com Fernando e Cecília, iria pessoalmente conversar com eles.

Depois de um banho reanimador, saíram para jantar. Pretendendo fazer uma despedida condizente com o momento romântico que estava vivendo, Henrique escolheu um restaurante tradicional, pois queria impressioná-la não só pela comida, mas também pelo aspecto histórico e arquitetônico da casa.

Levou-a à Cervejaria e Restaurante Trindade, situada na Rua Nova da Trindade, nº 20, considerada a mais bela cervejaria de Portugal, pois oferece ao cliente, além de suas saborosas comidas, um enriquecimento cultural. Suas dependências guardam a história de um antigo Convento da Santíssima Trindade, construído em 1294, tendo sofrido dois incêndios: um, em 1704 e outro, em 1755, este causado pelo terremoto que arrasou Lisboa. Ainda conservava, em suas paredes, os lindos azulejos, ainda intactos, apesar do tempo. É considerada hoje Património Cultural da cidade de Lisboa.

Paola saiu encantada com o cavalheirismo de Henrique ao levá-la a um lugar tão especial na noite de sua despedida de Lisboa. Tinha a sensação de estar nas nuvens por tudo o que lhe aconteceu nos últimos meses, depois de ter conhecido Henrique. Pensou ela: “Em lugar algum me senti tão feliz quanto me senti nesses dias em Portugal”.

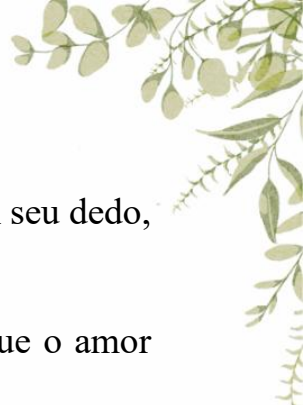
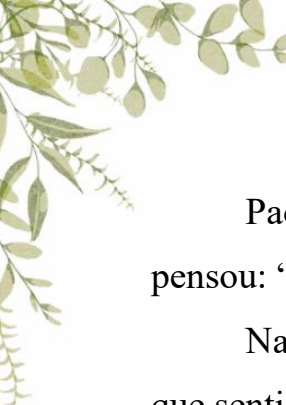
Votaram ao Hotel a fim de passarem juntos a última noite em Portugal, sem se importarem com os ponteiros do relógio. Nunca desejaram tanto que a noite fosse infindável, tamanho era o sentimento de felicidade que os envolvia.

Pela manhã, bateram à porta do quarto. Era um funcionário do hotel conduzindo um carrinho com um belo café da manhã, ornamentado com lindas rosas vermelhas. Paola adorou a surpresa. Ao sentar-se à mesa, Henrique ajoelhou-se ao seu lado e com os olhos fixos nos dela, abriu um estojo e falou:

— Querida, o único modo de me sentir completamente feliz daqui por diante é ter comigo a mulher por quem me apaixonei desde que conheci. Por isso te faço esta pergunta: Queres casar comigo?

Ao mesmo tempo em que fazia o pedido, abria um estojo de veludo e retirava dele um anel de safira verde, lindo, incomum, pedra da cor que simboliza alegria de viver, equilíbrio, renovação, serenidade e proteção. Delicadamente, fez com que o anel deslizesse no dedo delgado e macio de Paola.

Paola, já em pé, emocionada, com os olhos fixos nos de Henrique, ao mesmo tempo em que disse “sim”, jogou-se nos braços dele. A cena parecia uma explosão de alegria e felicidade. Para os dois foi uma despedida radiante, em que Paola deixava Portugal já sentindo a certeza de um futuro feliz.



Paola, mais tarde, estendendo o braço, com a linda joia estampada em seu dedo, pensou: “Quando olhar para este anel, vou-me lembrar dos olhos dele”.

Na manhã seguinte, despediram-se no aeroporto com a certeza de que o amor que sentiam um pelo outro manteria a felicidade deles indefinidamente.

EFEITO PAOLA

Henrique volta ao aconchego da família, que o aguardava com grande expectativa. Todos estavam curiosos para saber como tinham sido os momentos do casal nos últimos dias. Esperavam ver os olhos de Henrique brilharem de felicidade, pois Paola tinha conquistado a todos também. Sentiam que a presença dela entre a família faria com que todos ficassem felizes.

As atividades na vinícola ficaram menos intensas em virtude da chegada do chefe do clã. O almoço foi precedido de perguntas dirigidas a ele delicadamente, a começar por António, respeitando a ordem de antiguidade:

— Passearam muito, pai? Paola gostou de Portugal? Quando vão se ver de novo?

Henrique conteve seu entusiasmo, mas disse terem feito passeios maravilhosos e que Paola cada dia parecia mais encantada com o país, por sua beleza e história.

Sofia, a esposa de António, querendo satisfazer a curiosidade de todos e dela mesma, perguntou sobre a impressão que ela levou da família e se havia prometido voltar a visitá-los.

Henrique recebeu as indagações como um modo de manifestar simpatia por Paola, um modo de dizer que ela havia trazido alegria para a família, dando a eles motivos para festejarem a relação entre os dois. Teve até a sensação de que já faziam planos para o futuro, nos quais incluíam claramente a participação dela.

A curiosidade pedia outra indagação:

— Levou-a para jantar em algum restaurante chique de Lisboa? — perguntou Sofia, a mais ousada de todos.

A pergunta provocou um silêncio solene, à espera da resposta. Havia um certo receio de que a pergunta não fosse bem recebida por ser considerada algo que dissesse respeito somente à intimidade dos dois.

Henrique foi compreensivo, amável e habilidoso nas respostas, mantendo um clima de harmonia.

Rodrigo, o filho mais novo, antes do almoço, pôs a tocar uma das canções preferidas do pai: “Nem às paredes confesso”, na interpretação de Amália Rodrigues, ídolo máximo de sua geração. A letra tinha muito a ver com a situação do momento, em que Henrique evitava falar sobre assuntos mais íntimos do seu encontro com Paola. Não falou, por exemplo, das noites inesquecíveis que viveram no hotel, muito menos dos beijos ardentes que trocaram.

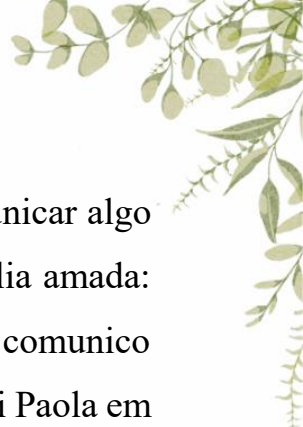

À noite, Henrique expôs aos filhos a pretensão de continuar no Brasil, falou do convite para ser sócio de uma vinícola na Serra gaúcha e da amizade com os proprietários, além do prazer de viver naquela região, ressaltando a beleza, o clima, a segurança e o progresso em todas as áreas: agricultura, comércio, indústria e turismo.

Os filhos e noras foram unânimes em dizer que o desejo de todos eles era vê-lo feliz.

António, no papel de porta-voz da família, manifestou-se por todos:

— Pelo visto, meu pai, o Senhor deverá escolher o lugar que o recebeu de braços abertos, onde passará a viver plenamente feliz. Pelo que percebemos, em futuro breve haverá mais alguém fazendo parte dessa felicidade. Nós até já estamos planejando uma visita a essa terra que conquistou seu coração. Concordaremos totalmente com qualquer decisão sua, mas já imaginamos qual será ela.

— Filho — disse Henrique — voltar a minha terra me trouxe muita alegria, encontrar todos os que amo com saúde, mais ainda. A alegria aumenta ainda mais quando me sinto compreendido pelos rumos que estou seguindo, pelas decisões que tenho tomado, o que me dá mais tranquilidade para continuar em frente. O que mais desejo é ter sempre minha família unida, não há limites que interfiram na relação familiar quando existe amor. Retorno ao Brasil com o espírito tranquilo, certo de que minha família continua unida e feliz, com as bênçãos de Deus.



Para encerrar a noite — disse Henrique — não posso deixar de comunicar algo que me deixou imensamente feliz, que agora compartilho com minha família amada: Consciente do que eu desejava e feliz com a importante decisão que tomei, comunico a todos que hoje, após o café da manhã, antes de irmos para o aeroporto, pedi Paola em casamento. Não serei eu a descrever a reação dela. Ela falará com vocês. Só posso dizer que ela, ao mesmo tempo em que disse “sim”, pulou nos meus braços. Tivemos absoluta certeza de estarmos dando um passo seguro para a nossa vida, guiados pela força do amor que nos unia.

Foi um final de noite maravilhoso para todos, que não esperavam outro desfecho que não fosse esse, fruto de uma relação amorosa entre duas pessoas lindas, que merecem estar unidas pelos laços do amor.

No dia seguinte, cedinho, Henrique despediu-se da família, já com sentimento de saudade de todos, mas feliz por tudo que estava acontecendo de bom em sua vida.

RETORNO À SERRA GAÚCHA

Henrique foi recebido com alegria pelos proprietários da estalagem e funcionários da estalagem, já habituados com a presença dele durante os cinco meses em que lá estava morando. Soube pelos proprietários que Paola havia mandado uma mensagem de agradecimento a todos pelo carinho com que foram tratados durante todo o tempo em que ela e os dois colegas estiveram hospedados.

Após o jantar, telefonou para Paola e lhe disse que recém tinha chegado e que já sentia saudade dela.

Paola disse que tinha faltado algo na mensagem que enviara à estalagem, porque deveria ser de conhecimento exclusivamente dele a seguinte declaração:

— Não há um hotel cinco estrelas do mundo que me daria o que encontrei nessa estalagem: o homem dos meus sonhos. Nada me faria mais feliz do que estar contigo.

Em resposta, Henrique disse que parecia um milagre ter aparecido alguém capaz de livrá-lo da tristeza em que se encontrava, de trazê-lo de volta à vida, para a felicidade que pensava não mais encontrar.

Assim, ambos encerraram a noite com o espírito em paz, confiantes em um futuro feliz

No dia seguinte, pela manhã, Henrique foi visitar Fernanda e Cecília. Chegando lá, foi recebido por Letícia, a gerente comercial da empresa, a funcionária que, sem razão plausível e inadvertidamente, havia lhe telefonado e causado um constrangimento, pois ele estava com Paola no hotel a quem ele queria dar atenção total.

Sorridente e bem maquiada, vestindo uma roupa um tanto insinuante, saudou o recém-chegado:

— Seja muito bem-vindo, Henrique. Esperávamos ansiosamente por sua chegada. Sua namorada não quis vir? — perguntou ela, sem disfarçar a curiosidade.

— Paola tem compromisso com a Universidade onde trabalha. Mas virá no final deste ano, com certeza. O tempo passa depressa — respondeu.

Henrique, não querendo estender a conversa, perguntou pelos patrões.

— Fernando foi levar Cecília ao médico para exames. Tinham consulta marcada — respondeu Leticia.

Convidou-o a entrar e tomar um cafezinho. Prosseguiu falando como se soubesse que Henrique seria seu novo chefe:

— Sabe, Henrique, estamos sobrecarregados de trabalho, pois o Robson já está em ritmo de aposentadoria, e a Cecília, pelo que vejo, anda visivelmente cansada. Não estou me queixando de forma alguma. A vinícola faz parte da minha vida, é como se fosse a minha casa.

Não querendo ser indelicado, Henrique elogiou a dedicação dela à empresa. A conversa foi interrompida pela chegada do casal vindo do médico.

Assim que enxergaram o amigo viajante, apressaram-se em descer do carro e foram abraçá-lo com a alegria de quem via nele o salvador da pátria.

Henrique notou que a fisionomia de Cecília não transmitia felicidade, embora demonstrasse alegria em revê-lo. Pensou logo nos possíveis resultados dos exames, mas não quis ser indiscreto. Fernando convidou o amigo a caminhar pelo arvoredo com o intuito de convencê-lo a aceitar o convite para ser um dos sócios e, já nos primeiros passos começou a falar:

— Não imagina como estávamos torcendo para que tu voltasses logo, meu amigo. Vejo em ti a pessoa ideal para nos ajudar a levar esta vinícola adiante, a melhorar nossa produção e ampliar os negócios. Não se sinta pressionado, como se estivéssemos esperando alguém que fosse uma espécie de tábua de salvação. Não é isso, a empresa está caminhando bem, apesar do acúmulo de trabalho. Eu e Cecília vamos ter uma sensação de conforto, de tranquilidade se pudermos contar contigo ao nosso lado.

O ambiente fraternal que o casal sempre proporcionou a Henrique facilitou sua decisão para aceitar o convite. Assim que Henrique aceitou participar da empresa na condição de sócio, Fernando correu até Cecília, que também estava ansiosa pela decisão, e lhe disse:

— Querida, Deus não falha. Henrique decidiu nos ajudar a seguirmos firmes com a vinícola.

Cecília correu até Henrique, abraçou-o e lhe agradeceu pela decisão tomada, dizendo-lhe que todos seriam felizes e que ele não teria motivos para arrependê-lo.

— Depois nos diz como está tua família, como foi o encontro com Paola. Tenho certeza de que foi maravilhoso, pois é evidente que o destino os uniu, que nasceram um para o outro — concluiu Cecília.

Henrique propôs a Fernando ficar incumbido de supervisionar o cultivo das uvas e a produção do vinho. Disse que não gostaria de se envolver com a parte comercial e com a logística de distribuição do produto.

Ninguém poderia suspeitar de que a escolha de tarefas feitas pelo novo sócio teria a ver com o desejo de manter-se distante da insinuante Letícia. Queria evitar que ela confundisse os limites que lhe cabem. Esperava que ela se voltasse somente para as tarefas de sua atribuição. Além do mais, não queria interferir no comando de Fernando.

Em plena harmonia, as sugestões do futuro sócio foram aceitas pelo casal, e Henrique ficou de começar já na semana seguinte, uma vez que já era quinta-feira e ele precisava se organizar para voltar à ativa.

Como de hábito, preferia falar com Paola geralmente à noite, até para não atrapalhar as atividades dela na universidade. Foi o que ele fez naquela noite, após a reunião na vinícola. Ligou e, do outro lado, Paola atendeu de imediato, antecipando-se ao que ele teria a dizer:

— Estava com o celular na minha frente sobre a mesa, querido. A chamada que mais espero ouvir é a tua. Nenhuma outra me gera expectativa, muito menos prazer. Hoje, então, quero saber das novidades. Como foi o encontro com Fernando e Cecília? — perguntou.

Henrique respondeu resumidamente ao que ela já esperava, ou seja, que havia aceitado o convite, que seria mais um novo trabalhador na serra gaúcha. Depois mudou de assunto. Falou de sua alegria de ter encontrado um caminho para seguir em frente e que esperava ter a companhia de alguém muito especial para desfrutar com ele desse futuro.

Paola, fazendo-se parecer uma menina sapeca, perguntou quem seria a felizarda. Recebeu logo a resposta:

— Espero que ela se sinta assim: feliz, disse Henrique. Sabe de quem estou falando? — Perguntou ele, já respondendo: — É alguém que me trouxe de Palermo o Sol para iluminar a minha vida, a luz e a alegria para que eu pudesse voltar a admirar o brilho das estrelas e sentir novamente o espírito leve e tranquilo.

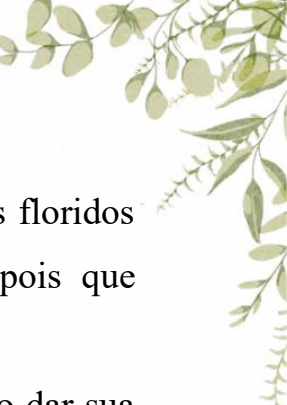

Paola não esperava uma resposta assim, romântica. Esqueceu o tom humorístico do início e, um pouco emocionada, disse que não via a hora de abraçar toda essa felicidade que sonhava ter junto dele.

Henrique continuou a falar:

— Sabe, querida, o que não vai faltar para nós aqui nesta serra são opções de lazer, e oportunidades de fazermos amizades. As pessoas são cordiais e comunicativas. Ontem, por exemplo, conheci um rapaz em frente ao hospital de Gramado onde a esposa estava internada. Tinha chegado da cidade de Cambará, região da Serra onde fica o cânion Itaimbezinho. Disse-me que trabalha com turismo, que tem lá uma agência e uma pousada de nome muito apropriado: “Paraíso da Serra”. Convidou-nos a conhecê-la. Lembrei o episódio para que tu tenhas uma ideia do modo cordial com que as pessoas se tratam.

— Tu estás me deixando alegre e ansiosa ao mesmo tempo, querido. Não vejo a hora de estar contigo e começar nossa vida juntos — falou Paola.

Apesar de separados, despediram-se alegremente, com a mesma sensação do prazer que sentem a cada noite em que se falam.



Henrique já estava acostumado a percorrer bem cedinho os caminhos floridos dos arredores do Lago Negro. Esperava continuar a fazê-lo mesmo depois que começasse a trabalhar.

No sábado que antecedia sua primeira semana de trabalho, foi cedinho dar sua caminhada seguindo o roteiro de sempre, passando pelo Lago Negro, em torno do qual tinha o hábito de estender seu passeio. Poucas pessoas, devido ao horário, andavam pela trilha que circunda o lago. De repente, passa correndo rente a ele, no mesmo sentido em que ele seguia, uma jovem loira, com cerca de quarenta anos, cujas vestes de atleta delineavam seu corpo esbelto, com cabelos longos e esvoaçantes. O que mais despertou sua atenção não foi tanto a aparente beleza da moça, mas o modo ousado e pouco educado de passar por ele, quase o atropelando, faltando pouco para jogá-lo nas águas do lago. Não ficou sabendo se foi simples desatenção ou se foi de propósito, como se estivesse incomodada com o fato de ter alguém andando à sua frente atrapalhando a corrida.

A loira sumiu de vista, sem que Henrique pudesse sequer imaginar o motivo da sua atitude agressiva e mal-educada. Surpreendeu-se com aquela cena, pois nunca havia presenciado tal tipo de comportamento.

Voltou para a estalagem com aquela cena na cabeça. Deu-se conta de nunca ter presenciado algo semelhante num lugar como aquele em que a natureza atrai o turista para o aconchego, para momentos de paz, como a dizer: “Esquece teus problemas, olha pra mim. Sou uma criatura de Deus. Ele me criou com a missão de trazer equilíbrio e harmonia ao espírito humano”.

Henrique continuou divagando: “Aquela moça até que se parecia com Letícia. Mas... que bobagem! pensou ele. Ela nunca veio à estalagem, nem sabe onde fica! Além do mais, aqui o que mais tem é rapariga semelhante a ela”.

NOVO SÓCIO

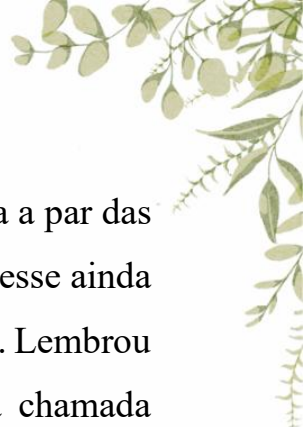
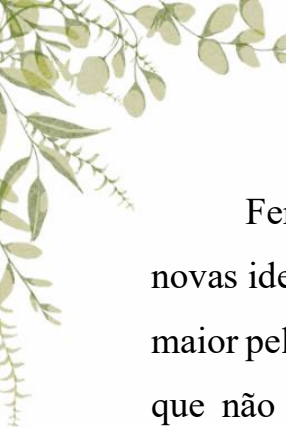
Após um fim de semana tranquilo, Henrique começa, finalmente, o seu primeiro dia de trabalho na vinícola. Foi recebido pelo casal de sócios lhe dando as boas-vindas. Robson, que já estava meio afastado do trabalho, já com o pensamento na aposentadoria, apareceu para lhe dar os parabéns e para agradecer a ele por fazer parte da empresa. Letícia não esteve na comitiva de recepção, o que lhe causou estranheza, pois já se encontrava no escritório. Henrique tinha experiência suficiente para perceber o clima emocional entre as pessoas em qualquer ambiente onde ele estivesse. Notou, claramente, que ela e Robson não se olhavam, nem se falavam, dando a impressão de que se ignoravam intencionalmente.

O restante do dia se destinou a conversas entre Fernando e Henrique com explicações ao novo sócio sobre o funcionamento da empresa, especialmente sobre o que seria da responsabilidade dele, ou seja, cuidar do cultivo da uva e da produção de vinho, conforme o desejo manifestado pelo próprio Henrique.

Cecília, justificando ser o primeiro dia do sócio, convidou-o para almoçar com eles, contando com a insistência do marido. Parecia que desejavam festejar uma conquista, no caso, a de ter recebido o novo sócio em quem eles depositavam confiança pelo trabalho e pelo caráter.

Os demais dias da semana foram bastante intensos, pois Henrique queria conhecer com detalhes o funcionamento da vinícola no que lhe dizia respeito, sentir o potencial dela e em que medida poderia melhorar em qualidade e produtividade.

Na semana seguinte, Henrique se reuniu com Fernando e Cecília e, embora tenha evitado participar da área de vendas, apresentou a eles ideias e propostas inovadoras a começar pela adoção de novas embalagens, com rótulos mais atrativos, e ações de marketing que levassem ao cliente o comprometimento da empresa com a qualidade de seu produto. Sugeriu mensagens mais ousadas nos rótulos e citou, como exemplo, frases do tipo “desafiamos os nossos limites para oferecer o melhor vinho da serra gaúcha”.



Fernando propôs uma reunião com a gerente de vendas para colocá-la a par das novas ideias a serem implementadas e discutir ações que despertassem interesse ainda maior pelo produto e provocassem no consumidor uma procura maior por ele. Lembrou que não se podia desprezar o velho tipo de propaganda, a horizontal, a chamada propaganda boca a boca, em que os contatos interpessoais, face a face, ainda eram de enorme eficácia, comprovadamente convincentes.

— Nada mais convincente do que o elogio de um apreciador do produto feito a um outro consumidor. Posso até estar um pouco ultrapassado, mas creio que é esse o tipo de propaganda que mais inspira confiança, que dá mais segurança, que seduz o consumidor — concluiu Fernando.

Logo no início da reunião com a gerente Letícia, ela deixou transparecer sutilmente certa surpresa com a invasão em sua seara (propaganda e marketing), por parte do sócio recém-chegado, mas se conteve, pois, além de perceber que suas ideias faziam sentido, sentia por ele mais do que uma simples simpatia. Achou oportuno fazer um pedido de ajuda a ele para implementar as novas ideias, alegando que duas cabeças pensariam melhor, e olhou para ele com indisfarçável entusiasmo.

Na manhã seguinte, Letícia perguntou a Henrique se poderiam almoçar ou jantar para conversar mais demoradamente sobre as propostas de inovações na vinícola. Pensando na oportunidade de pôr os “pingos nos is”, Henrique concordou com a ideia e sugeriu que o horário e o local fossem os mais apropriados para a discussão do assunto. Ficou combinado um jantar na quinta-feira à noite, em lugar que ainda seria escolhido por Letícia.

À noite, Henrique telefonou para Paola, e, como sempre, continuaram a alimentar o sonho de estarem juntos definitivamente no final do ano. Evitou tocar no assunto sobre Letícia. Não queria gerar um clima de desconfiança, pois ela não merecia sofrer com uma possível dúvida quanto à sua fidelidade. Ele tinha certeza de que nenhuma aventurazinha seria capaz de interferir em seu amor por ela. E pensou: “Às vezes a omissão evita sofrimentos desnecessários”.

Na quinta-feira à noite encontram-se no local sugerido por Letícia: um restaurante que dispunha de lugares apropriados para conversas reservadas.

Letícia, sem rodeios, disse que pouco faltava para pôr em prática as propostas de Henrique. Ressaltou que poderiam dispor de mais tempo para conversas sobre outros assuntos. Disse que estava curiosa de saber um pouco mais da vida dele e fez uma pausa para que ele falasse.

— Olha, Letícia, tenho por índole ser um homem mais reservado. Sempre evitei misturar assuntos de casa com os do trabalho. Prefiro te ouvir, caso queira falar um pouco de ti.

— Não sou assim, tão formal, sou pouco discreta, Henrique. Acho que a vida pessoal muitas vezes se confunde com a profissional. Dificilmente conseguimos separar uma da outra, afirmou ela. Não somos máquinas, somos seres humanos sensíveis, vulneráveis, carentes, sujeitos a erros, seja em casa, seja no local de trabalho. Procurei me preparar para a vida profissional, descuidando um pouco do particular. Corro atrás do que eu desejo, às vezes até precipitadamente, sem medir consequências. Inverto a ordem das prioridades sem olhar o que está ao meu redor, sem pensar que minhas atitudes possam afetar outras pessoas. Eu te confesso que, assim que te vi, senti uma forte atração. Comecei a fantasiar: “Esse é o homem que sonhei: bonito, sensato, discreto, gentil, um autêntico cavalheiro”. Sinceramente, Henrique, que mulher não se sentiria atraído por um homem assim?

Letícia fixou seus olhos azuis nos olhos verdes de Henrique. Não lhe deu tempo para responder e continuou:

— Não considerei o nível do teu relacionamento com tua namorada Siciliana. Ignorei esse detalhe. Resolvi apostar na sorte não escondendo o interesse que tu despertaste em mim logo à primeira vista. Às vezes, a ousadia na busca do que eu quero me “deixa em maus lençóis”, em todos os sentidos. Dou margem a ser vista como sendo uma pessoa leviana, que não merece confiança. Na verdade, tu és inteligente e experiente, deve ter suspeitado do meu convite para a tal reunião, não é verdade?

Henrique após ter ouvido atentamente o que Letícia falou e ter percebido que ela não era tão leviana como suspeitava, sentiu que ela era uma moça sensível, capaz de entender o que ele diria.

— Não me cabe julgar o teu modo de ser, Letícia. Vejo, porém, que a educação que recebemos em casa, as experiências que tivemos, além da diferença de idade, não são parecidas; ao contrário, são opostas. Tu és inteligente e sensível para perceber que somos diferentes até pelo modo como reagimos diante de certos fatos.

O modo como tu expuseste teu jeito de ser, deixou-me mais à vontade para te dizer tudo o que penso, já que foste muito franca. Percebo que tu és uma pessoa compreensiva, capaz de aceitar e de ser até solidária ao sentimento de outras pessoas.

Nasci e cresci no interior de Portugal, Letícia, sempre às voltas com as tarefas do plantio, do cultivo da uva e da produção do vinho. Nossa casa ficava entre as parreiras, sentindo o cheiro das uvas. Nossos pais nos educaram de acordo com os princípios cristãos, sem descuidar dos ensinamentos que se aprendem na escola. Mas a base de nossa educação se deve, acima de tudo, ao exemplo de amor à família. Ficou impregnada em nossas mentes a certeza de que não é possível ser feliz sem amor verdadeiro. Eles não nos iludiram com simples discursos, eles nos mostraram, na convivência do dia a dia, que a felicidade jamais pode prescindir do carinho, da solidariedade, do respeito, da honradez, da gratidão e da fé.

Dificilmente, continuou Henrique, seremos respeitados com a falta de um desses valores. Por isso é que se ouve falar tanto do progresso tecnológico e da paradoxal decadência humana. Não sou nenhum fanático religioso, mas a verdade é que estamos nos tornando cada vez mais individualistas, mais distantes dos ensinamentos cristãos. Os desejos das pessoas se resumem puramente em interesses pessoais, esquecendo ou desprezando valores essenciais ao ser humano. A felicidade não se sustenta com paixões avassaladoras. Exemplos e histórias não faltam sobre relacionamentos frutos de paixões repentinas, por mera atração física, que sucumbem em pouco tempo. Há advertências até de filósofos sobre este sentimento voluptuoso, que faz com que a pessoa perca seu centro de equilíbrio. Lembro, a propósito, a frase de Voltaire: “Agir

na paixão é embarcar durante a tempestade”. O amor verdadeiro só cria raízes e se fortalece com uma série de outros valores, sem desprezar, logicamente, a atração física.

Minha experiência de relacionamento íntimo só aconteceu com minha mulher Helena, com quem vivi por mais de trinta anos. Fujo, portanto, do padrão de comportamento das últimas gerações. Posso te garantir que fomos muito felizes. Tivemos três lindos filhos, já criados, cada um deles com as respectivas famílias e todos unidos e felizes. Pude confirmar essa harmonia entre eles há poucas semanas quando estive lá.

Em duas semanas, vivi duas experiências que convergiram para me sentir ainda mais feliz. A primeira foi com minha família; a segunda foi a de ter a companhia da mulher que tu talvez a tenhas conhecido quando ela esteve aqui em viagem de turismo. Nosso encontro foi casual e desprezioso, pois aconteceu na estalagem em que ainda moro. Ela veio de Palermo onde é professora da Universidade de lá e foi a Portugal participar de um congresso sobre arquitetura, modalidade que leciona há trinta anos. Já está prestes a se aposentar, com sonhos de vir para o Brasil. Confesso que este sonho é comum a nós dois, que está amadurecendo, a caminho de se tornar realidade, ressaltou Henrique sem esconder a empolgação. Este encontro em Portugal culminou com o pedido de casamento que fiz a ela.

Sabe, Letícia, eu estava emocionalmente abalado em razão da perda repentina de minha mulher. Imagina tu, de repente, perderes a pessoa que tu amaste por tanto tempo, tendo de conviver com o próprio sofrimento e com a tristeza dos filhos? Resolvi largar tudo e vir conhecer o lugar que tinha se tornado um sonho de nós dois.

Alguns meses depois da minha vinda, prosseguiu Henrique, chegaram à estalagem três sicilianos: um casal acompanhado de uma amiga. Sabes bem que turistas chegam aos lugares como meros visitantes, sem intenção alguma de se estabelecerem. Chegam, conhecem suas belezas naturais, seus costumes, experimentam sua gastronomia etc. e voltam para suas casas. Essa era a ideia que eu fazia sobre o comportamento dos turistas, até que chegou alguém diferente para mexer com minha vida monótona. Paola chamou minha atenção aos poucos, pelo modo de falar, pela

educação e gentileza, com seu jeito discreto, sem demonstrar algum interesse especial. Falava comigo da mesma forma com que conversava com os demais hóspedes e funcionários. Certo dia, ela chegou mais tarde para o café da manhã. O casal de amigos chegou no horário normal, antes dela. Educadamente, pediram licença para ocuparem a mesa onde eu estava. Entre outros assuntos, falaram sobre a amizade e o carinho que tinham por ela há muitos anos e que, depois de separada, tornaram-se ainda mais próximos (ao escutar a palavra “separada” tive a impressão de que se acendeu em mim uma luzinha verde). Disseram que ela se dedicava quase que exclusivamente à profissão, o que fez com que ela sobressaísse perante os demais professores de arquitetura. Seus trabalhos inovadores renderam-lhe reconhecimento e homenagem nesse congresso de Lisboa por parte de autoridades de outros países. À medida que se passavam os dias nos aproximávamos mais. Nossas ideias, nossos hábitos, nossa gostos se afinavam. Para minha surpresa, até a língua portuguesa ela dominava razoavelmente. Com isso, a admiração por ela cresceu e se fortaleceu, não só por sua beleza física, mas também pela classe e discrição com que tratava as pessoas. Surgiu, então, declaradamente, uma cumplicidade de sentimentos entre nós com tamanha intensidade, que não queríamos mais estar distantes um do outro. Em poucos dias, ela teve de retornar à Sicília. A distância e o passar dos dias não abrandaram o sentimento de saudade. O celular contribuiu para amenizar a separação. Serviu até como confidente e testemunha de que nos dois corações se acendia um sentimento muito além da simpatia e admiração. O que mais me confortou e me tirou da escuridão para a luz do Sol, Letícia, foi a carta de Helena, que, antes de partir, deixou escondida em uma das gavetas do nosso quarto, com palavras em que exigia que eu procurasse ser feliz. Dizia na carta que, se eu estivesse feliz, ela também estaria. Insistiu dizendo que eu deveria amar e me deixar ser amado. Essa carta, portanto, foi decisiva para que minha vida mudasse e pudesse descobrir novamente o amor. Parece que o destino decidiu trazer esse amor até Gramado e colocá-lo na mesma estalagem, ao alcance de meus olhos, mesmo existindo centenas de hotéis e pousadas na cidade. De vez em quando me pergunto: “Será coincidência ou ação do destino?”

Depois de Henrique ter concluído o que premeditara falar, desculpou-se com Letícia e lhe agradeceu pela paciência de tê-lo escutado. Em seguida, disse, com certa ênfase, que gostaria de ouvi-la também.

— Olha, Henrique, usei o recurso da reunião para me aproximar de ti, não por razões profissionais, mas pessoais. Queria mais intimidade, mas acabei recebendo uma grande lição sobre amor e sofrimento, em que o primeiro, pelo que acabo de ouvir, prevaleceu sobre o último. Agradeço por isso.

Letícia deu um sorriso, mostrou-se tranquila, capaz de tirar proveito das boas lições para sua própria vida.

— Confesso que, quando te conheci, na visita à vinícola, fiquei atraída. Não culparia ninguém que sentisse o mesmo. Tu sabes que tua presença impressiona qualquer mulher. Minha fantasia começou a funcionar logo que te vi, apostando que eu teria, finalmente, o homem da minha vida. Só que sempre tive o hábito, ou mau hábito, de enfiar os pés pelas mãos. Cheguei até te perseguir logo no começo, quando quase te joguei nas águas do Lago Negro para chamar tua atenção, mas me arrependi da audácia e desapareci antes que tu descobrisses que aquela loira atrevida era eu. Já tive vários relacionamentos, e, pelo que podes ver, todos desfeitos.

— Causam certa estranheza os motivos de não terem dado certo seus relacionamentos, Letícia; afinal, tu és uma moça bonita e inteligente. Essa mania de atropelar as pessoas não é razão suficiente para tantos desencontros afetivos — disse Henrique sorrindo.

— Sou uma pessoa exigente. Gosto de me sentir independente, sem aceitar ser manipulada pela vontade masculina. Isso já é motivo para a maioria das separações. Acontece, Henrique, que meu estilo de vida, esse meu jeito de ser “independente”, dá margem a relacionamentos comprometedores, ou seja, sujeitar-me a aceitar uma relação proibida, com alguém “ainda” casado. Digo “ainda” porque, no meu caso, aceitei o argumento de que o casamento só estava no papel, que não havia mais nada entre o casal e que a separação legal estava em andamento. Meu último relacionamento é exemplo de que não se deve misturar trabalho com vida pessoal. É por isso que,

quando te vi, fantasiei logo: “Este é o homem que vai dar rumo à minha vida de uma vez por todas”.

Henrique julgou que estaria sendo muito indiscreto indagar sobre a última relação de Letícia, por suspeitar de ser um caso delicado que poderia envolver pessoas próximas.

Ela parecia adivinhar o pensamento dele e se antecipou:

— Já que seu coração tem dono, isto é, dona, vou fazer de ti meu confidente e, se quiseres, meu conselheiro. Portanto vou te fazer a primeira revelação, antes que outra pessoa o faça. Não sei se o Fernando e a Cecília sabem, ou desconfiam. Robson não vai se aposentar por questão de saúde. É o que ele alega. É, sim, por desgaste emocional, pois a convivência, a proximidade diária, nos levou a ter um caso amoroso.

Dizem que a mulher tem sexto sentido. Parece que sim. A mulher dele, segundo Robson, deu sinal de desconfiança. As atitudes dele alimentavam as suspeitas, pois saía cedo de casa e voltava tarde da vinícola. Tu podes imaginar por quê! Deixei claro para ele que não tinha planos de morar com alguém, muito menos com ele. A maior prova que poderia dar a ela para manter o casamento era deixar a vinícola, aposentar-se. Ele chegou a me propor vivermos juntos argumentando que pediria o divórcio. Fui irredutível. Disse-lhe “não”. Assim, a única opção que ele teve foi aposentar-se, esfriar a cabeça e tentar consertar os estragos. Depois dessa burrice que cometi, prometi a mim mesma jamais ceder a tentações por alguém do meu lugar de trabalho. Mantive-me segura, reservada, discreta, até tu surgires à minha frente. Mas havia duas justificativas que me absolvem: Primeira, pelo que eu sabia, tu tinhas vindo solteiro pra Gramado; segunda, nem sonhava que tu irias fazer parte da empresa.

Henrique ficou mais relaxado diante da franqueza com que Letícia falou sobre a própria conduta pessoal e profissional. Então perguntou o que ele poderia esperar dela quanto ao modo de se comportar no futuro sendo ele seu chefe.

— Henrique, agora tu és meu chefe — disse Letícia — Passarei a ver em ti um amigo e conselheiro, que vai me ajudar a agir como uma profissional responsável. Tu me convenceste a mudar radicalmente meus propósitos, os quais, não nego, eram

animadores, estimulantes em certo sentido. Mas essa mudança de propósito, por outro lado, faz com que eu enxergue outro rumo a tomar. Vou torcer para que tu sejas feliz com Paola. No entanto, tudo é possível nesta vida. Se um dia tu precisares de um ombro amigo, estarei sempre pronta a te ceder o meu, e deu um sorriso maroto como quem diz: “não serei a responsável caso não dê certo sua relação com Paola”.

—Tudo farei para manter o respeito ao meu novo chefe, por ter conquistado a minha admiração incondicional. Não darei um passo sequer para prejudicar a vida do casal — finalizou ela.

Henrique agradeceu à Letícia por ter entendido seu modo de ser e deixou claro que será feliz ao lado de Paola pelo resto da vida. Finalizou dizendo:

— Se mudares realmente de atitudes, como afirmaste há pouco, tu serás respeitada, não pela bela aparência, mas por tuas virtudes. Surgirá, sem dúvida, alguém que te valorize e queira te fazer feliz — Encerrou dizendo: — Todos têm o direito de ser felizes, desde que façam por merecer.

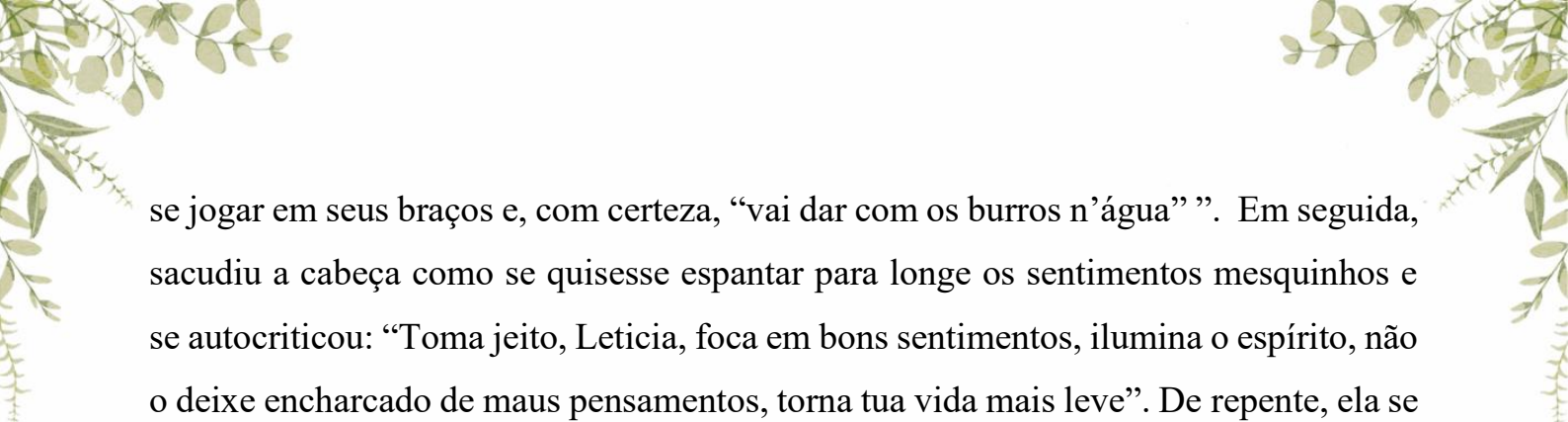
Ao se despedirem, Letícia deu sinais de que ainda mantinha seu estado de espírito elevado e bom humor, afirmando:

— Chefe, esta noite não saiu como eu havia planejado, mas aprendi contigo uma lição valiosa, que ainda não tinha recebido na vida. Levo hoje daqui o respeito e a amizade verdadeira de um bonitão que se faz respeitar e admirar.

No dia seguinte, uma sexta-feira, o clima de harmonia reinava na vinícola. Todos animados com as ideias de Henrique e com visível vontade de implementá-las.

Cecília, alegremente, propôs a Henrique fazer um churrasco no sábado para comemorar as futuras novas medidas a serem adotadas. Fernando concordou de imediato, e se dispôs a ir, ao término das tarefas, providenciar o necessário para a comemoração.

Letícia, com a desconfiança própria da intuição feminina, sentindo um certo exagero na expressão de alegria de Cecília pelas novas ideias propostas pelo novo sócio, e movida, talvez, por um ciumezinho secreto, pensou: “Hum, vai devagar, amiga, não se entusiasme demais com o bonitão, pois vai ser a segunda mulher a querer



se jogar em seus braços e, com certeza, “vai dar com os burros n’água””. Em seguida, sacudiu a cabeça como se quisesse espantar para longe os sentimentos mesquinhos e se autocriticou: “Toma jeito, Leticia, foca em bons sentimentos, ilumina o espírito, não o deixe encharcado de maus pensamentos, torna tua vida mais leve”. De repente, ela se surpreendeu com a inesperada mudança em seu modo de ver as pessoas, graças à autocrítica que acabava de fazer. Veio-lhe à mente o que ouviu durante o jantar da noite anterior: “Acho que as lições do bonitão estão surtindo efeito, começo a sentir os benefícios da mudança, pois estou me sentindo melhor”. Mas ela ainda não estava curada inteiramente dos maus sentimentos, pois logo teve uma recaída ao desejar participar do churrasco com a intenção de confirmar suas suspeitas sobre a empolgação de Cecília.

O churrasco no sábado foi animado, as conversas e o vinho ajudaram a dar ao ambiente um clima descontraído, por vezes recheado de olhares curiosos. Leticia disfarçava a postura, mas, de vez em quando, tentava avaliar a intensidade dos olhares de Cecília em direção a Henrique, como se quisesse auscultar as batidas do coração da chefe. Mais uma vez se sentiu pequena por estar impregnada de maus pensamentos. Empenhou-se em expulsá-los da cabeça e conseguiu superar as desconfianças, anular seu lado sombrio; sentiu-se mais serena, mais leve, desejosa de conciliar-se com todos. E o jantar chegou ao seu final em plena harmonia.

TELEFONEMAS A PAOLA

Assim que chegou à estalagem, já um pouco tarde da noite, Henrique, ansioso, telefonou para Paola.

— Oi, querida, lamento estar ligando a esta hora. O churrasco na vinícola terminou um pouco tarde. Fernando e Cecília te mandam grade abraço. Insistem sempre em dizer que estão te aguardando e pedem que não demores a aparecer, pois estão com saudades.

— Agradeça a eles por mim e diga que não vejo a hora de voltar a esse paraíso e estar com nossos amigos. Tu podes ligar a qualquer hora, querido. Meu mundo gira, agora, em função de ti. Se não posso te ver pessoalmente, posso, pelo menos, te ver e ouvir à distância. Estou mais atento ao celular do que um soldado de sentinela. Meu coração chega a parar de bater quando o telefone toca. Confessa uma coisa pra mim: Tem muita italianinha esticando olhares pra ti? Só pode! Todas gostam de ver o que é lindo! Sinto inveja das que podem te ver diariamente.

— Se alguém olhar pra mim, vai te enxergar dentro do meu coração e saberão que tu és a dona dele. Portanto nunca duvide disso. Tua presença é indispensável na minha vida.

— Acho que precisava ouvir declarações desse tipo para dormir feliz hoje — disse Paola — Aliás, talvez nem consiga dormir cedo depois de uma declaração como a tua. Vou sonhar acordada, bem desperta, a fazer planos para meu futuro contigo. Tu deves estar cansado e sonolento. Afinal, pelo que te conheço, trabalhou durante o dia todo e festejou com Fernando, Cecília e outros mais, com um belo churrasco e um bom vinho. Amanhã, depois de tua caminhada ao redor do Lago Negro, gostaria de te ligar pra conversarmos um pouco sobre meu trabalho — finalizou Paola.

Henrique concordou dizendo que ficaria sempre feliz em falar com ela a qualquer hora, reconheceu que estava realmente cansado, e despediram-se da forma com que se despedem os amantes.

Henrique evitou dizer à Paola que iria à missa dominical na Igreja São Pedro, centro de Gramado. Resolveu adiar seu compromisso religioso para o horário das dezoito horas.

Como de costume, Henrique, após o café, foi dar sua caminhada pelas ruas quase desertas, aquelas escondidas, que passam despercebidas da maioria dos visitantes, onde os carros que por elas circulam são dos próprios moradores, daqueles privilegiados que privam da paz do lugar.

Durante a caminhada, Henrique estava com os pés na estrada e a cabeça em Palermo. Os pensamentos aceleravam as passadas, apressando sua chegada à estalagem. Estava ansioso para falar com sua amada. Sentia uma alegria imensa por ter seu amor correspondido.

Em menos de três chamadas do celular, a ligação foi atendida por Paola.

— Bom-dia, querido — uma voz doce e feliz do outro lado do oceano — Pelo visto, já fizeste teu exercício pelas ruazinhas desse paraíso, disse ela. Não quis te falar, ontem à noite, sobre uma proposta da Universidade pedindo que eu continuasse na ativa. A reitoria me oferece uma boa gratificação para trabalhar em um projeto de projeção internacional sob a minha liderança.

Henrique conteve sua preocupação. Esforçou-se em não deixar transparecer sua frustração por ver seus planos irem por água abaixo. Deu-lhe os parabéns pelo reconhecimento do excelente trabalho que desenvolveu em toda a sua vida acadêmica.

Paola agradeceu e falou com firmeza na voz:

— Nem vou considerar sua opinião, pois tu vais querer ser um altruístico cavalheiro e me deixar à vontade diante de uma possível tentação movida à vaidade e interesse financeiro. Proposta alguma, por mais mirabolante e tentadora que fosse, iria me afastar dos nossos planos de vivermos juntos o mais breve possível. Encontrei o tesouro mais valioso da minha vida e nada vai me tirar a oportunidade de ser finalmente uma mulher feliz. Não vou dar as costas para a felicidade que Deus me oferece.

Henrique, depois de ter ouvido, com certa ansiedade, as palavras de Paola, desafogou os temores que ele, a muito custo, teve de conter enquanto ela falava. Sentiu, inicialmente, um bloqueio, um apagão. Em sua cabeça, a lucidez sumiu ao pressentir o risco de continuarem separados por um tempo indefinido, pondo em risco todos os seus sonhos. Voltando a respirar normalmente, falou:

— Tu não imaginas o que se passou na minha cabeça quando me falaste da tal proposta da universidade. Senti o mundo desabar. Vi nossos sonhos ruírem, nosso futuro jogado fora.

Tua decisão, querida, fez com que meu dia se tornasse mais alegre, abençoado, embora tenhas me dado um susto gigantesco no início da tua fala. Vou pedir a Deus que me proteja contra sustos como esse que me deste.

Continuaram os dois a conversar, agora mais relaxados. Reacenderam-se os planos de vida e voltaram a falar sobre o assunto que se tornou quase obrigatório em seus diálogos. Henrique falou da ideia que guardava desde que esteve com ela em Portugal: comprar uma casa em Gramado ou em cidades próximas, como Canela e Nova Petrópolis. Disse que começaria a pesquisar ofertas de imóveis e discutiria com ela detalhes sobre localização, número de cômodos, área externa em que coubesse, no mínimo, um jardim, uma garagem e uma churrasqueira.

O restante da manhã tornou-se animador. Conversaram durante cerca de duas horas, até se despedirem animados, como sempre.

Às dezoito horas, Henrique entrou na Igreja de São Pedro, compenetrado em sua fé. Para sua surpresa, enxergou, mais à sua frente, Robson com a esposa. Acreditou que a nova postura do casal sinalizava uma conciliação, um recomeço de vida que implicava três sentimentos indispensáveis: Perdão, Gratidão e Fé.

Ao término da missa, encontraram-se ao saírem da igreja. O casal mostrou-se surpreso ao saber que Henrique tinha por hábito ir à igreja. Essa descoberta aumentou a admiração de Robson pelo novo sócio e lhe serviu de conforto e estímulo para tomar o rumo certo na vida, autopenitenciando-se do grave deslize que cometeu, razão que o levou a procurar o amor e o perdão de Deus.

Depois que se despediram, pensando na história entre Robson e Letícia, vieram à mente de Henrique ideias conflitantes, mas com o propósito de ajudá-la. E assim pensou: “Letícia deveria harmonizar-se espiritualmente. A igreja seria o melhor lugar para concentrar-se e fazer seu *mea culpa*, a fim de que aconteçam os dois sentimentos essenciais: o arrependimento e o perdão”. Deu-se conta, no entanto, de que ele não seria a pessoa indicada para levá-la à igreja, pois, se ela e o casal comparecessem no mesmo horário, haveria um grande mal-entendido caso a esposa de Robson os visse juntos. Ela pensaria em duas hipóteses, ambas desastrosas, concluiu Henrique: “Na primeira hipótese, eu seria o novo caso amoroso de Letícia; na segunda, eu seria um alcoviteiro, que estaria ajudando a reacender o caso entre Robson e Letícia, e seria o fim da possível reconciliação do casal.”

Henrique desistiu de assumir o papel de conciliador, até porque ele não acompanhou o caso deles e nem os conhecia; não poderia, portanto, intrometer-se, tomar partido em favor de nenhum deles.

Logo que Henrique chegou à vinícola na segunda-feira, Cecília e Letícia apressaram-se em entregar a ele uma lista de ofertas de imóveis. Ambas revelaram um espírito de solidariedade surpreendente e até elogiável. Na verdade, parecia mais uma disputada secreta entre ambas para ver quem melhor agradaria o novo sócio, cuja presença atraía os olhares sorrateiros das duas.

Pensando em jogar um balde de água fria nas visíveis intenções das “samaritanas”, disse Henrique:

— Agradeço muito a ajuda que estão me dando, meninas. Paola vai ficar feliz em saber que vocês estão empenhadas em antecipar a compra de uma bela casa antes que ela venha pra Gramado.

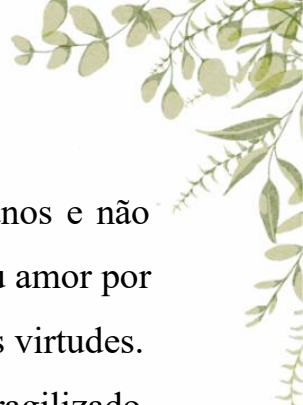
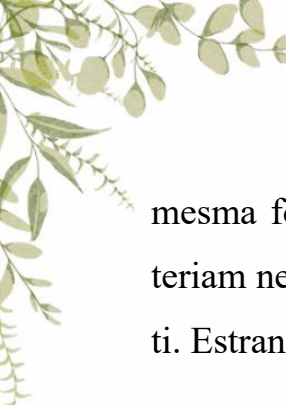
As duas mulheres não esperavam que Henrique expressasse sua gratidão com esse tipo de declaração. Ambas se apressaram em confirmar que aquela era justamente a razão que as levou a procurar logo o imóvel. Lembraram ainda, como reforço, que homem não sabia escolher um bom imóvel. Alegando terem muito trabalho a fazer, trataram de se retirar para os respectivos refúgios, a fim de esconder a fisionomia constrangedora a revelar diante do que tinham acabado de ouvir de Henrique.

TELEFONEMA A HENRIQUE

— Lembra aquele casal de amigos, Marcus e Priscila, que estiveram em Gramado comigo, querido? — perguntou Paola a Henrique — Telefonaram no sábado à noite e me disseram que passariam aqui em casa com um novo colega, professor da Universidade de Roma, que havia pedido transferência para a universidade de Palermo por questões emocionais. Separou-se da mulher de forma litigiosa e queria fugir de lá. Veja só, querido, como é o ser humano! A mudança pode até amenizar o choque com novos ambientes, novos amigos, mas se não tiver a cabeça no lugar, uma estrutura psicológica equilibrada, pouco adianta trocar de cidade.

— Então, querida, seus amigos, num gesto de solidariedade, resolveram levar o professor para apresentá-lo a ti!? — Perguntou Henrique, mais exclamando do que indagando — Seus amigos se mostraram bons cicerones, bons samaritanos, contando contigo para abrandar a dor do colega. Até entendo, desde que não tomem por hábito resolver os problemas sentimentais dos outros contando com a amiga Paola — disse Henrique, denunciando descontentamento e acrescentou — Quando encontramos uma joia rara não queremos expô-la aos olhares de muitos homens, principalmente a homens carentes — concluiu Henrique.

— Querido, tu sabes que sou uma mulher independente. Nem por isso vou me jogar nos braços do primeiro que aparece na minha frente, tanto é que fiquei sozinha desde que me separei. Não faltaram homens que tentaram me cortejar, que prometiam compromisso sério. Talvez os problemas que tive no casamento tenham me tornado exigente demais, em razão da imagem que passei a fazer dos homens. Só me dei conta disso quando te conheci e decidi acreditar que o amor entre um homem e uma mulher pode existir de verdade. Apesar de vivermos distantes um do outro, nossos corações estão unidos na certeza do que queremos, confiantes num amor recíproco que nada nem ninguém poderá destruí-lo. Espero que tua confiança em mim seja incondicional, da



mesma forma que tenho em ti. Marcus e Priscila são amigos de muitos anos e não teriam nenhuma intenção de prejudicar minha vida pessoal, sabendo do meu amor por ti. Estranho esse tipo de recaída de um homem cuja segurança é uma de tuas virtudes.

— O tempo em que vivi sozinho, talvez tenha me tornado um pouco fragilizado, disse Henrique. O sentimento que passei a ter, quando te conheci, foi muito forte a ponto de fazer surgir o medo de te perder. Não sei se suportaria a perda de um amor que me trouxe novamente a alegria de viver.

— Seu bobinho — falou Paola — Tu achas que te trocaria por outro. Só se eu ficasse louca, desatinada. Tu és o homem dos sonhos, não só meus, mas de todas as mulheres, que eu nem acreditava conhecer. O que mais desejo é viver o resto dos meus dias contigo. Nunca duvide disso.

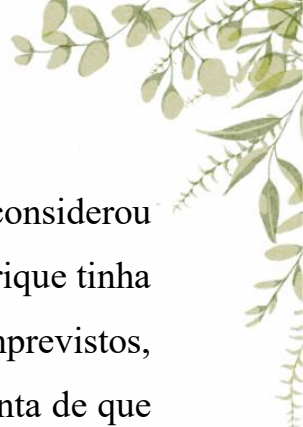
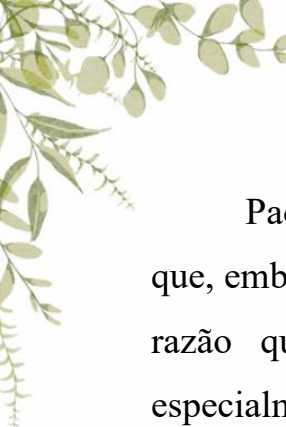
As emoções, um tanto abaladas, voltaram à tranquilidade, e a harmonia entre os corações voltou a reinar.

Henrique falou da ajuda que teve de Cecília e Leticia na procura de ofertas de imóveis, pois sabiam que eu tinha certa pressa, que estava empenhado em adquirir uma casa antes do final do ano. Disse a elas que seria ótimo te surpreender com uma bela casa quando tu chegares.

A primeira reação de Paola foi de alegria pela notícia; a segunda foi a de insinuar certa cisma ao dizer:

— Que bom que tu tiveste ajuda, querido. As mulheres foram muito solícitas em te ajudar, o que não me causa estranheza. Afinal, é compreensível que tu atraias a boa vontade de outras pessoas, especialmente das mulheres. Agradeça a elas por se preocuparem com a nossa felicidade e lhes comunique que nada vai me reter aqui na Sicília além do meu último dia de trabalho, que não vejo a hora de me jogar em teus braços. Diga-lhes que assim que me aposentar, viajarei no dia seguinte, que estou ansiosa para abraçá-las e agradecer o grande apoio que estão dedicando a ti.

Encerraram a conversa com a declaração recíproca de que nada iria interferir na relação deles, que a distância temporária era apenas um detalhe. Paola despediu-se declarando — Querido, todos os nós, por mais amarrados que estejam, serão desfeitos pelo poder do nosso amor.



Paola, depois da despedida, ficou avaliando a conversa que tiveram e considerou que, embora tenha sido firme em fazer valer o sentimento que os unia, Henrique tinha razão quanto à necessidade de ser cautelosa com os convites imprevistos, especialmente, em se tratando de pessoas que ela nem conhecia. Deu-se conta de que nem o casal de amigos conheciam o professor recém-chegado. Concluiu que seu Henrique não estava errado e se sentiu protegida por ter revelado sua preocupação com ela.

Henrique também se autocriticou por ter passado a ideia de ter adotado um comportamento machista ao condenar a visita repentina à Paola, reprovando a atitude dos amigos e dela, como se tivesse o direito de julgá-la.

Ambos se arrependeram do que disseram na troca dos argumentos gerando pequenas farpas que, às vezes, causam ferimentos desnecessários.

UM IMPREVISTO NA VINÍCOLA

Henrique ainda não havia completado um mês de trabalho na vinícola, quando foi surpreendido com a descoberta de um desvio de verba e de superfaturamento na compra de produtos adquiridos pela empresa. O novo sócio, por ser um estranho, não escapou de uma provável suspeita. Foi incluído numa rede de boatos, sendo visto como um aventureiro que, mal havia conquistado a confiança dos sócios, tinha aplicado um golpe na empresa. Levantaram, inclusive, a suspeita do interesse dele em comprar um imóvel com dinheiro cuja origem não se sabia de onde vinha.

Fernando e Cecília, em virtude da comprovação de que houve um golpe nas finanças da empresa, tomaram medidas para apurar o culpado, ou culpados. Fizeram uma pesquisa para averiguar a origem do golpe. Começaram a investigar o comportamento dos fornecedores e compradores da empresa. A maioria mantinha relações comerciais há muitos anos. Alguns deles disseram ter conhecido Henrique recentemente por intermédio da Senhora Letícia, que o apresentou a eles como novo sócio. As declarações não foram além disso.

As averiguações das contas bancárias confirmaram a existência de uma conta secreta em nome do ex-sócio Robson. Uma ação judicial movida pela empresa bloqueou os bens que estavam em seu nome, para ressarcimento da importância correspondente ao prejuízo causado.

Concluída a investigação, Fernando convocou uma reunião com a participação da esposa, da Letícia e do Henrique. Robson teria de participar para dar explicações, mas não compareceu alegando problemas de saúde. Enviou comprovante de que estava hospitalizado.

Começando a reunião, Fernando lamentou e desculpou-se por não ter sido ele, pessoalmente, a apresentar Henrique aos compradores e fornecedores. Disse ter sido bem representado por Letícia e que era muito importante que todos conhecessem o

novo sócio. Em seguida, dirigiu-se á Letícia perguntando-lhe como eram feitos os pagamentos à empresa pelos compradores, se ela acompanhava toda a movimentação de venda dos produtos, se os valores depositados estavam de acordo com os preços cobrados. Os esclarecimentos de Letícia causaram surpresa a todos.

— Na realidade — disse Letícia — Robson estava à frente de tudo. Acertava com os compradores as formas de pagamento pela compra de nossos produtos. Cabia a mim confirmar se o pagamento por parte dos compradores entrava em nossa conta. Agora, os valores estabelecidos para as transações, ou seja, o valor cobrado para a venda do nosso vinho, por exemplo, era estabelecido por Robson. Ele controlava, também, a remessa da quantidade dos produtos a serem enviados a cada comprador.

Fernando, diante do imbróglio que se criou, não duvidou um segundo da honestidade de Henrique. Pelo contrário, convidou-o a fazer com ele a apuração das irregularidades. Constataram, juntos, que os compradores depositavam dez por cento do valor a ser pago em uma conta bancária em nome do sócio; em contrapartida, recebiam uma quantidade a mais dos produtos constantes na nota de compra. Ou seja, Robson negociava roubando o fruto do trabalho de todos, sem se preocupar com a saúde da empresa, com o emprego de muitas pessoas, que se dedicavam a dar o melhor de si pela empresa, comprometidos com o seu crescimento e, conseqüentemente, com o próprio emprego.

Continuando, Fernando virou-se para Letícia e falou:

— Agradeço tua franqueza, Letícia, no entanto cometeste o grave erro de não nos ter revelado os procedimentos adotados por Robson, que, por decisão própria, assumiu a responsabilidade que era tua e não dele. Permitiu que ele interferisse em tuas atribuições, sem questionar ou trazer o caso ao nosso conhecimento. Robson não era o único dono da empresa, como era do teu conhecimento.

Expressando confiança no futuro, Fernando pediu a união de todos e a dedicação de sempre, a fim de tornar a empresa cada vez maior e tão confiável quanto vinha sendo ao longo de toda sua história.

Letícia reconheceu ter cometido erros, desculpou-se por ter confiado cegamente em Robson e disse que não tinha mais clima psicológico para continuar trabalhando na empresa. Disse que sempre se sentiu bem e feliz na empresa, que vivia seu dia a dia como se a vinícola fosse sua segunda casa. Mas, diante das circunstâncias em que se achava envolvida, não tinha outra alternativa senão a de pedir demissão de forma irrevogável. Disse ter aprendido muito na empresa, apesar dos deslizes cometidos, que levaria boas lembranças e ensinamentos. Deu parabéns a Fernando e Cecília pela sorte de terem encontrado um sócio à altura do que a vinícola merece: competente, dedicado, leal e honesto.

Fernando ressaltou que tomaria as medidas necessárias para que os prejuízos fossem reparados e que não viessem a ocorrer novamente.

Disse à Letícia que não estava disposto a aceitar seu pedido de demissão num momento em que todos estavam de cabeça quente. Alegou ser necessário tempo para reflexão. Solicitou à Letícia uma colaboração para fazer, no dia seguinte, juntamente com ele, Cecília e Henrique, um levantamento cuidadoso dos ativos e passivos da empresa, com a previsão do que teriam a pagar e a receber.

Encerrada a reunião, Cecília foi solidária à Letícia. Disse que entendia as razões que a induziram ao erro e que gostaria de que ela repensasse, pois ela fazia parte do time há muitos anos, mostrando-se, portanto, digna de total confiança. Henrique deu um abraço fraterno em Letícia e a louvou por ter reconhecido sua falha ao deixar-se manipular por Robson. Disse concordar com Fernando quando pediu à Letícia para repensar quanto à decisão de deixar a empresa.

Letícia, ao voltar para casa, ao fim da reunião, foi se condenando por ter sido leviana, fraca e irresponsável, quando aceitou um envolvimento amoroso com Robson, deixando-se manipular a ponto de negligenciar em suas obrigações, de comprometer sua vida profissional. Seu nome poderia ser banido da lista de profissionais confiáveis para sempre. Começou a se dar conta da origem do dinheiro que Robson usava para levá-la a bons restaurantes e a hotéis de luxo em Porto Alegre. Certamente, pensou ela, justificava sua ausência em casa como a necessidade de participar de reuniões na

capital. Não parava de sofrer em pensamento, de sentir um aperto no coração: “Fui uma completa idiota, leviana. Estou pagando caro pelo que fiz, e ainda tive, há pouco tempo, a audácia de tentar conquistar o novo sócio, um homem de verdade, como se eu merecesse essa sorte”.

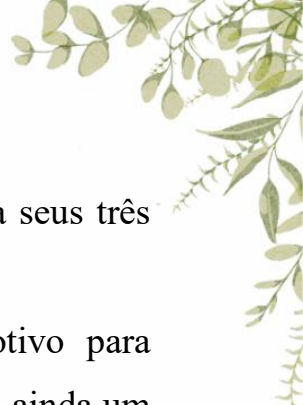

Henrique também meditou sobre o que aconteceu e, ao final de suas reflexões, concluiu: “Se não fosse a total confiança que Fernando e Cecília, de imediato, depositaram em mim, eu seria mais um a pedir demissão. Abandoná-los agora seria uma ingratidão, logo neste momento em que a empresa precisa se aprumar, em que eles precisam de apoio e da prova de minha amizade”.

À noite, após o jantar, como de costume, telefonou para Paola. Ela, também, como de hábito, atendeu imediatamente a ligação. Deu ciência a ela do que estava se passando na empresa. Ao falar de sua decisão de continuar na vinícola, teve total apoio de Paola, que concordou em que ele havia tomado a decisão mais sensata, considerando a declaração de lealdade do casal amigo.

Felizes os dois por compartilharem suas aflições e alegrias, despediram-se, com Paola dizendo a Henrique estar sempre disposta a ouvir tudo a respeito do homem que faz a alegria da vida dela.

No dia seguinte, Letícia procurou, logo na chegada, pelos três chefes, a fim de manifestar sua decisão. Antes de fazer sua declaração, perguntou a todos se realmente havia interesse da parte deles em que ela permanecesse na empresa. Após ouvir deles o pedido insistente para que continuasse colaborando para que a vinícola continuasse a ser bem-sucedida, falou emocionada:

— Refleti muito antes desta minha decisão: Pensei no tempo que dediquei com prazer a esta casa, na qual trabalhei por muitos anos num ambiente de harmonia familiar. Cheguei à conclusão de que, se eu sair daqui, não terei a oportunidade de dar provas do amor que passei a ter por ela, que merece todos os nossos esforços para que continue a ter sucesso e a crescer cada vez mais. Devo reconhecer também o apoio que recebi de todos. São esses os motivos que me convencem a aceitar o pedido que gentilmente me fazem para continuar aqui.



Letícia finalizou o que tinha para falar, agradecendo, emocionada, a seus três chefes.

Fernando abriu um espumante dizendo que o momento era motivo para comemorar o retorno da harmonia, da paz e da conciliação. Disse que havia ainda um outro motivo para festejar, dando a notícia de que os resultados dos vários exames médicos que Cecília havia feito, não confirmaram a suspeita. “O medo passou”, disse Fernando, por isso temos duplo motivo para brindar.

Henrique louvou a felicidade do casal e o bom senso de Letícia por ter tomado uma decisão com lucidez e sabedoria. Elogiou a coragem de Cecília por ter enfrentado, em silêncio, sem alarde, o clima de medo que surge na cabeça de qualquer um quando vê a saúde seriamente ameaçada. Logo em seguida, ergueu a taça do espumante para brindar pela superação de todos os problemas ocorridos, acompanhado pelo demais.

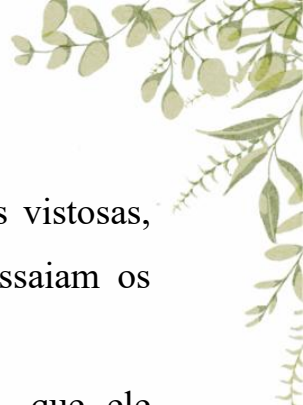
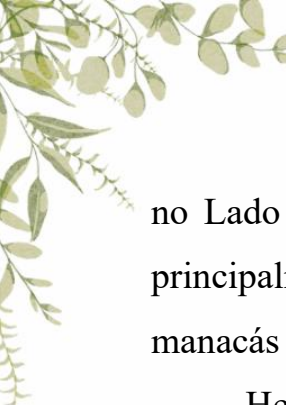
NOVOS PLANOS

Em reunião, nas primeiras horas do dia seguinte, Fernando apresentou ao grupo mudança de estratégia para as relações comerciais da empresa:

— Irei visitar com Letícia todos os nossos clientes, para dizer a eles que os pedidos deverão, de agora em diante, ser feitos diretamente a ela. Se, por qualquer motivo, ela não estiver disponível, poderão contactar um de nós três. Passarei a eles todos os nossos números para contatos telefônicos. A comunicação imediata é muito importante para os negócios — concluiu Fernando.

Henrique sugeriu que as frases já previstas para os novos rótulos das garrafas, tanto de vinhos quanto de espumantes, já constassem das próximas remessas, pois são mais impactantes, disse ele, por chamarem a atenção do consumidor para a qualidade de nossos produtos. Sugeriu ainda, que se fizesse um estudo cuidadoso da situação financeira para ver a possibilidade de dar um aumento de salário aos funcionários. Lembrou que a melhoria de salário motiva o trabalhador a se empenhar ainda mais para a melhoria da empresa, tanto na qualidade do produto quanto no aumento da produtividade.

Nos dias seguintes, Henrique passou a pesquisar anúncios de imobiliárias que oferecessem casas à venda na região próxima ao Lago Negro. Sabia que Paola, declaradamente, não alimentava sonhos com mansões de luxo. Seus valores não priorizavam bens materiais, uma qualidade que a tornava ainda mais admirável. Mas queria surpreendê-la com uma casa confortável em um lugar tranquilo, de preferência com árvores ao redor e com espaço para o cultivo de flores. Sabia que um jardim faria a alegria de Paola. Procurou aproveitar o tempo ocioso para encontrar o imóvel ideal, pois, dentro de alguns meses, ela estaria aposentada. Queria que ela, quando chegasse, já encontrasse uma casa pronta para morar, onde já pudessem viver juntos desde o primeiro dia em que ela pusesse os pés em Gramado. Descobriu que, nas proximidades



no Lado Negro, havia ruas com muitas casas lindas, cercadas de árvores vistosas, principalmente araucárias, ipês roxos e amarelos. Entre as flores, sobressaiam os manacás e as hortênsias.

Henrique percebeu que havia lugares próximos ao Lago Negro, que ele desconhecia. Notou a existência de muitas ruas pelas quais ele nem sequer havia passado. Identificou dezenas de ruas belíssimas, todas muito arborizadas, tranquilas e com casas lindas, de diferentes estilos, construídas em espaços que permitem total privacidade entre elas. Lamentou que a maioria delas fiquem desertas na maior parte do ano porque os proprietários moram em outras cidades, não usufruindo do conforto que elas oferecem. Teve conhecimento de que pessoas de diferentes cidades, com possibilidades financeiras, procuram a serra gaúcha para investir na região, em busca de tranquilidade, de contato com a natureza e de um clima agradável, como é o que Gramado proporciona. Vizinho ao Bairro do Lago Negro, surpreendeu-se com outro lindo Bairro: o Bairro Ipê Amarelo. Nele existe um lago menor e pouco visitado por turistas, mas igualmente lindo e aconchegante, que serve de habitat para patos, tartarugas e outras espécies. Ao redor desse lago e em ruas adjacentes a ele, encontrou muitas casas lindas, combinando com o lugar bucólico e charmoso em que foram construídas. Fotografou o anúncio estampado na frente das que lhe despertaram interesse, depois as relacionou por ordem de preferência, considerando o visual, a dimensão, a localização solar e valores de venda. À noite, enviou à Paola fotos dessas casas sem que ela soubesse a de sua preferência. A reação dela foi de deslumbramento, ao ver tantas moradias lindas num lugar só. Elogiou Henrique pela decisão de ter preferido um lugar maravilhoso como aquele. Disse que a beleza do lugar compensaria viver em qualquer casa, por mais modesta que fosse, desde que situada naquela área. Disse que a casa que ele escolhesse a faria feliz, por isso não gostaria de opinar, pois desejava que fosse inteiramente do gosto dele.

Depois da troca de opiniões, cada um deles ficou com a sensação de que tudo contribuía para que, em breve, estivessem juntos, vivendo felizes num lugar dos sonhos.

Henrique, antes dormir, agradeceu a Deus, em oração, pela felicidade de sua família e por todas as dádivas que ele tem recebido.

Ainda intrigada com a situação que se criou na vinícola, Cecília convidou Letícia, reservadamente, para almoçar. Foram a um restaurante discreto e escolheram uma das mesas distantes dos olhos e dos ouvidos de curiosos. Após pedirem uma bebida, Cecilia falou, sem rodeios, o porquê do convite:

— Letícia, estamos felizes por teres ficado trabalhando conosco. Tenho respeito e admiração por ti. Não quero que fique nenhum ressentimento ou receio entre nosso relacionamento. Quero que te sintas tranquila, em paz com tua consciência, quero que tenhas absoluta certeza de minha estima por ti e reconhecimento pelo teu trabalho em benefício da vinícola. Não existe mancha alguma em teu histórico como funcionária e amiga. Quero te ver sorrindo e confiante em nossa relação, pois vejo em ti uma amiga, como se fosse minha filha. Tenho pressentimento de que tu tens algo no coração que te causa mágoa ou arrependimento. Quero ser completamente aberta, franca contigo. Tinha a sensação de que, nos últimos meses, tu andavas meio desconfortável na presença de Robson, como se estivesses guardando algum ressentimento em relação a ele. Foi comprovado que nada tiveste a ver com a fraude que ele cometeu contra a empresa. Imaginei até que tu passaste a desconfiar da deslealdade dele e tiveste medo de denunciá-lo. Ninguém é perfeito, querida — disse Cecília — Se for isso, esquece. Se for outra razão, estou absolutamente certa de que não foi para nos prejudicar. Ao contrário, sinto que a prejudicada tenha sido tu mesma, minha amiga. Se estiveres carregando um fardo, livra-te dele. Se cometeste um erro, lembra-te de que todos nós cometemos deslizes. Não existe ser humano perfeito.

As palavras de Cecília sensibilizaram Letícia com tal intensidade, que ela decidiu desabafar de uma vez:

— Cecilia, não tive, praticamente, nenhuma orientação de casa durante minha infância e adolescência. Não tive quem me desse bons conselhos. Um dos elogios que eu mais recebia era o de ser uma guria linda. Isso só alimentava minha vaidade. Não havia freios, nem bons conselhos para evitar as falsas ilusões e as armadilhas da vida.

Mesmo assim, consegui estudar e adquirir uma profissão. Graças a ela vim trabalhar na área comercial da vinícola. As carências de minha formação na adolescência se revelaram na fase adulta, ou seja, dava mais valor às aparências, às mordomias e aos elogios dos homens a meu respeito. A valorização de tudo isso me causou, como tu podes perceber, amargos arrependimentos. Tinhas razão de suspeitar de que algo me incomodava. A verdade é que todos esses defeitos que apontei a meu respeito contribuíram para que me deixasse seduzir pelos elogios constantes de Robson, que se mostrava gentil, educado, sedutor, um perfeito galanteador. Dava-me bons presentes, levava-me a bons restaurantes e a hotéis de luxo em Porto Alegre. Dizia em casa que as viagens eram necessárias para resolver problemas da empresa e ampliar as vendas da vinícola. Deixei-me seduzir pela vaidade, pelas mordomias. Usando dessa minha fraqueza, ele tomou conta dos negócios, tomou pra si as atribuições que eram da minha responsabilidade. De uns dois anos pra cá, começou a falar em se separar da esposa e dizer que queria morar comigo. Fiquei surpresa e assustada. Disse a ele que nunca havia pensado em me casar, muito menos com ele. Disse que tinha cometido o maior erro da minha vida em me envolver com um homem casado e, além do mais, meu chefe. Disse-lhe que estava arrependida e que não queria mais continuar a relação. Aconselhei-o a se reconciliar com a esposa, se ainda fosse possível, ou separar-se caso quisesse continuar a conquistar outras bobas que nem eu. Fui uma mulher fútil, ambiciosa, leviana. Pensei somente em mim e da pior maneira. Minha grande e triste surpresa foi descobrir que ele me usou para dar golpes na empresa. Meu remorso foi o ter feito parte indiretamente, pois usufruía, sem saber, de seus roubos a fim de dar mordomias às namoradas, como fez comigo e com outras, certamente. Agora tu podes avaliar, Cecília, o peso de meu sentimento de culpa. Nunca imaginei que uma conduta errada minha viesse prejudicar a empresa que me acolheu, que sempre me respeitou como ser humano. Em resumo, fui a mais completa idiota!

— Parece que a intuição me levou a te convencer de que deverias tirar esse peso da consciência, disse Cecília. Acreditamos realmente que tu te deixaste envolver pelo Robson. Aprendeste uma grande e sofrida lição. Nosso respeito e nossa amizade

continua a mesma, até mais fortalecida, pois tu foste transparente, confessaste teus erros. Saiba que jamais iríamos usá-los contra ti. Seria uma atitude baixa de nossa parte, indigna e injusta. Somos e continuaremos a ser uma equipe.

Terminada a conversa, finalizaram o almoço falando sobre outros assuntos, inclusive sobre o novo sócio, alvo da admiração de ambas por um tipo de sentimento que nenhuma delas ousaria trazer à baila.

Saindo do restaurante, cada uma delas entrou em seu carro e tomou seu rumo. Ao mesmo tempo em que cuidavam do volante, faziam suas próprias reflexões a respeito da conversa que tiveram.

Cecilia lembrando-se do caso que motivou o encontro recente, olhou-se no espelhinho à sua frente e perguntou-se a si mesma: “Cecília, se Henrique lhe desse sinal verde para terem um caso, você o recusaria?” Caiu em si, imaginando que talvez não resistisse à oportunidade de ter um caso com ele. Acelerou o carro como querendo afugentar aquela fantasia, que alimentava em segredo.

Letícia, por sua vez, também com a cabeça no encontro recente, pensou no que tinha acabado de confessar e preocupou-se com o tipo de julgamento que Cecília iria fazer a seu respeito. Consolou-se com a ideia de que toda mulher é sensível e sonhadora. Partindo dessa consideração, Letícia desenvolveu uma linha de pensamento que a confortou: “Rara é a mulher que não se encanta com a beleza de um homem, de se imaginar nos braços dele. Até flagrei-a olhando embevecida para Henrique, quase desejando pular no colo dele, assim como eu quis e me dei mal. Ela nem teve essa chance. Em compensação, livrou-se de sofrer com uma grande decepção, pois, pelo visto, nenhuma mulher vai tirar Paola do coração dele. O jeito é tratar de tirá-lo da cabeça, esforçar-se para mantê-lo como amigo, contentar-se em tê-lo por perto, afinal é um homem cuja amizade não se pode desprezar, além de fazer bem aos olhos”.

Enquanto as mulheres conciliavam suas emoções, Henrique ia em busca da casa dos sonhos.

CASA DOS SONHOS

Henrique aproveitava seu tempo livre para estabelecer contatos com os proprietários cujas casas puseram à venda. Entre os itens que gostaria de ter no imóvel, a piscina não fazia parte, preferiam ter o visual de um belo jardim. A temperatura da serra não comporta piscina aberta por ter, na maior parte do ano, temperaturas baixas. Além do mais, ele e Paola preferem um terreno onde possam plantar flores e, se possível, uns dois canteirinhos onde possam colher, a qualquer hora, alguns temperinhos que aguçam o paladar.

Henrique havia comunicado aos filhos que iria procurar uma casa para morar com Paola e que essa casa deveria ter cômodos onde coubesse toda a sua família quando viesse visitá-los. Disse a eles que esperava ter a alegria de recebê-los em breve.

Passados alguns dias, tocou o celular de Henrique, que atendeu um tanto surpreso, pois estava no trabalho, portanto não poderia ser Paola, pois costumava falar com ela somente à noite e em fins de semana. Era o filho António que estava ligando:

— Pai — disse o filho — desculpe telefonar a esta hora. Falando com meus irmãos nos demos conta de que a oportunidade da compra de um imóvel é imprevisível. Então, resolvemos avisar o Senhor que a produção do vinho deste ano foi melhor do que esperávamos, graças a Deus. Deverá render perto de um milhão e meio de euros. Por isso nos apressamos em lhe dizer que o Senhor pode contar com esse dinheiro para a compra da casa, a fim de não perder uma boa oportunidade que surja, pois nunca se sabe quando ela aparece.

— Afinal — disse António — o Senhor é o responsável por fazer crescer esta vinícola. Trabalhou anos e anos para torná-la grande e produtiva. Temos uma vida tranquila com nossas famílias. Este ano vamos viver bem, com pouco. Ano que vem, teremos nova colheita, novas vendas, logo o Senhor pode dispor desse dinheiro. Achamos mais do que justo. Devemos tudo o que temos ao seu sacrifício. Merece, mais do que ninguém, colher os frutos do que plantou.

Henrique ficou emocionado com o sentimento de gratidão dos filhos, esforçou-se para conter a emoção, segurou o coração e as lágrimas, e respondeu a António:

— Filho querido, sinto, cada vez mais, orgulho dos meus três filhos, por terem se tornado homens honrados, amorosos e chefes de família exemplares. Agradeço sempre a Deus pelos filhos abençoados que tenho. Agora decidem me apoiar de uma forma que eu não poderia sequer imaginar. Tu sabes que eu tenho minhas reservas feitas ao longo de mais de quarenta anos de trabalho. Parte desse tempo contei com a ajuda dos meus filhos amados. Agradeço o carinho de todos e a decisão de me apoiarem, como sempre fizeram. Não dispenso parte da oferta, caso eu venha precisar. Mas não esqueçam que eu voltei a trabalhar e, se precisar de parte desse dinheiro, eu o tomarei como empréstimo. Afinal, o que conseguimos com o nosso trabalho é de vocês. Agradeço a todos por esse gesto de amor e de gratidão. Darei notícias sobre a compra da casa. Um beijo a todos da minha família amada.

À noite, ao dar a notícia do telefonema do filho à Paola, ela deu os parabéns a Henrique pela criação que deu aos filhos, em que o amor não faltava entre eles. Depois, fez pequena pausa e acrescentou:

— Querido, quero te dizer algo que deveria ter feito antes, só não disse por receio de que tu pensasses que eu estaria a te pressionar ou quisesse me intrometer nos teus planos. Eu também tenho reservas financeiras e gostaria de participar desse investimento de alguma forma. Tenho o suficiente para montar a casa com tudo que é necessário; aliás, eu ficaria muito feliz de poder escolher os móveis em tua companhia. Se concordares, ficaremos na estalagem por algum tempo até montarmos a casa do nosso gosto.

Henrique agradeceu e aceitou a participação de Paola. Disse que era excelente a ideia de conviverem por mais alguns dias com o pessoal da estalagem, com os quais fizeram grande amizade. Certamente eles ficariam contentes de terem agora, juntos, os dois hóspedes que lá se conheceram e que se apaixonaram, disse ele.

No correr dos dias, Henrique acertou com os corretores algumas visitas às casas que estavam à venda nos arredores do Lago Ipê Amarelo, já sabendo que Paola gostaria de morar em um lugar que tivesse um cenário semelhante àquele. Lembrou-se até de que ela havia dito de ter ficado encantada com a arquitetura das casas próximas ao lago, quando ela e o casal de amigos sicilianos foram passear naquela região.

Os critérios para a escolha de uma casa deveriam se alinhar com a conversa que tinha tido com Paola. Ambos concordavam que, entre as prioridades, estaria o número de cômodos e um espaço de área livre que comportasse um pequeno jardim e um ou dois canteiros para o cultivo de algumas ervas, como a salsa, o alecrim, a cebolinha e o manjericão. Ambos sentiam prazer de mexer na terra.

Henrique disse que a surpresa da residência era um lindo quarto anexo à casa com acesso próprio para o ateliê, onde ela poderia pôr em prática seu talento na arte da pintura e escultura.

Henrique visitou quatro casas, duas localizadas às margens do lago e as outras duas em ruas adjacentes. Realizadas as quatro visitas, Henrique reuniu fotos e anotou outras características, como o estado de conservação e posição das casas em relação ao sol. Colocou-as na ordem de sua preferência, para, mais tarde, apresentar esses detalhes à Paola. Enviaria fotos, a fim de decidirem qual seria a preferida, considerando, também, o preço estipulado.

Paola e Henrique, entusiasmados com o prosseguimento das ações referentes à compra da futura moradia, levantaram minuciosamente os prós e os contras de cada uma delas até decidirem qual seria a preferida, considerando o gosto de ambos e as condições financeiras.

Henrique tinha ido conferir com o corretor se o imóvel da preferência de ambos oferecia realmente tudo o que constava no anúncio:

“Casa próxima ao Lago do Ipê Amarelo, cercada pela vegetação típica da região, com duzentos e oitenta metros quadrados de construção, com posição solar ideal, em terreno plano de 800m², com três araucárias na frente e duas próximas ao muro dos fundos; quatro quartos, todos com armários embutidos, dois deles com suíte; quarto de

empregada completo, sala de jantar com vinte e cinco metros quadrados, sala de estar com trinta metros quadrados, com lareira; dois banheiros sociais; cozinha ampla, com armários em ótimo estado; garagem fechada para dois carros; espaço para jardim e para pequena horta; uma churrasqueira, um banheiro e uma lavanderia, todos sob a mesma cobertura; ao fundo, um pequeno chalé com quarto, sala, cozinha e banheiro e uma garagem coberta para 1 carro de médio porte. O imóvel fica situado em rua adjacente, a cem metros do lago.” Preço a combinar.

Paola ficou entusiasmada com a escolha. Disse a Henrique que já se imaginava mexendo na terra, cuidando do jardim e do plantio de salsa, manjeriço, alecrim e cebolinha. — À noite — disse ela — estaremos em frente à lareira, com a taça de vinho na mão, felizes, celebrando a vida.

Revedo a descrição dos cômodos da casa, Paola percebeu que havia um amplo quarto anexo, que não havia sido citado no anúncio. Henrique disse que já havido notado essa falha, mas não fez questão de questionar, já que tudo estava legalmente constando na escritura da casa.

— Até gostei dessa omissão — disse Henrique —, pois seria uma bela surpresa pra ti ao saber que haveria um ambiente exclusivo para teu ateliê, onde poderias pôr em prática teu talento na pintura e na escultura, artes que tu amas tanto que não poderiam ser esquecidas.

Outra novidade que Henrique disse à Paola foi a confiança do corretor em relação ao preço constante no anúncio. O valor do imóvel que constava no anúncio era de três milhões e quinhentos mil reais à vista, mas o corretor, interessado em vender, confidenciou a ele que, por uma falha de redação, mantiveram, no final do texto, a expressão “preço a combinar”, que deveria ter sido retirada. Dessa forma ficava claro que havia uma margem para pedir redução do preço, disse ele.

— Farei uma proposta de compra ao proprietário por três milhões de reais à vista. Segundo o corretor, há várias casas à venda e não conseguem vendê-las. O que importa ao corretor é vender, pois ele vive da comissão, mesmo que ela seja um pouco menor. Portanto, querida, amanhã mesmo farei a proposta.

No dia seguinte, Henrique foi à imobiliária apresentar sua proposta de compra. O dono da imobiliária, certamente informado pelo corretor do valor da proposta (três milhões), garantiu a Henrique que o proprietário já lhe havia dito que, por menos de três milhões e duzentos mil reais, não venderia o imóvel.

— O comentário que fiz com o corretor — disse Henrique a Paola — fez efeito favorável, pois, certamente, ele falou ao chefe o valor que eu iria oferecer. Diante disso, eu pagaria menos trezentos mil reais. Mas a história não termina aí, disse ele. Consegui fazer, secretamente, por intermédio do corretor, contato com o proprietário. Advinha só, querida!? Ele é dono de uma vinícola. Falei resumidamente sobre o porquê de minha vinda pra cá e sobre minha decisão de continuar neste lugar. O Senhor Felipe, proprietário da casa, foi sensível à minha decisão de me fixar em Gramado e concordou em me vender a casa pelos mesmos três milhões de reais que eu tinha pensado pagar desde o início, e ainda nos tornamos amigos. Agora vou falar com meus filhos e dizer-lhes que preciso de um milhão por empréstimo, pois o restante eu tenho em aplicação bancária. Semana que vem, começarei a tratar do pagamento do imposto de transmissão, da escritura e do registro do imóvel — concluiu Henrique, bastante empolgado.

Homem de profunda fé em Deus, Henrique, durante a missa de Domingo, agradeceu a Ele por mais uma bênção recebida.

A família toda, lá do Alentejo, reza por ele. Quando vão à missa, aos Domingos, na igreja de São Francisco, em Évora, pedem proteção para aquele que tanto fez por eles. Ao tomarem conhecimento de que, naquela semana, Henrique havia comprado a casa dos sonhos, o dia de Domingo foi de alegria e gratidão por tudo de maravilhoso que estava acontecendo com ele no lugar que o acolheu generosamente.

Henrique falava com Paola quase que diariamente. Na quarta-feira à noite, no horário de costume, telefonou para Paola, mas ela não atendeu à chamada. Esperou alguns minutos, telefonou novamente e não foi atendido. Tentou outras vezes, dando espaço de quinze a vinte minutos, todas sem sucesso. Começou a ficar nervoso, apreensivo e sem ter para quem ligar, pois não tinha o número do telefone dos amigos

dela. Passaram-se horas até que ela telefonou, pedindo desculpas por não ter ligado antes e se pôs a explicar:

— Querido, alguns colegas da universidade me convidaram insistentemente para que eu fosse com eles a um “happy hour” na saída da universidade. No caminho para o local do encontro, houve um acidente de trânsito entre o táxi em que estávamos e um ônibus. O motorista do táxi em que estávamos não conseguiu evitar que o carro batesse na traseira do ônibus, cujo motorista foi obrigado a freá-lo de supetão para não atropelar um pedestre imprudente que atravessava a rua. Sofri um ferimento na cabeça, fiquei meio tonta. Ainda bem que eu não estava sozinha. O colega agiu rápido e me levou direto para o hospital. Lá me fizeram os exames para verificar se havia suspeitas de formação de coágulo no cérebro. Isso demorou mais de duas horas até me liberarem. Felizmente não detectaram nada de anormal. Meu colega foi muito gentil, chamou um táxi e me levou para casa.

Dividido entre a preocupação com a saúde dela e o sentimento de ciúmes pela atenção e cuidados que o colega tinha dedicado a ela, Henrique perguntou com sutileza disfarçada:

— Tu tiveste coragem de ficar sozinha em casa depois desse acidente, querida?

— Vivo sozinha há anos, querido. Não me assusto por pouca coisa, respondeu Paola. Meu colega até insistiu em ficar mais algum tempo comigo mostrando-se preocupado com a possibilidade de surgirem algumas sequelas do acidente. Mas agradei e o dispensei. Lembrei até de dizer a ele que a esposa deveria estar preocupada com o atraso dele. Ele, dizendo-se preocupado comigo, tentou ficar mais algum tempo com o argumento de que sua mulher já estava acostumada com seus atrasos e que havia um bom motivo para justificar a sua demora. Agradei mais uma vez o apoio, e insisti que ele fosse embora, voltando a lembrar que toda esposa sempre fica aflita quando o marido chega fora de hora.

— Fiquei aflito, querida — falou Henrique — sem saber o que fazer, sem ter a quem telefonar para saber de ti. Assim que puderes, manda o contato de alguém daí para que eu não fique desinformado em caso de imprevistos.

— Desta vez, tu não conseguirias ter notícias imediatas porque foi algo que aconteceu de repente — disse Paola.

As circunstâncias daquele dia desviaram o rumo da conversa, que seria sobre a casa, cuja compra já estava praticamente fechada, dependendo da legalização oficial. Ficaram de falar a respeito em outro dia e se despediram, não da forma que gostariam que fosse, com algumas nuvens conspirando contra o clima alegre de sempre.

Talvez tenham ficado alguns arranhões no coração de Henrique, que, cutucado pelo sentimento de ciúme, ficou indignado pelo falso cavalheirismo do colega de Paola, que, pensou ele, tentou aproveitar-se da situação dando uma de bom moço.

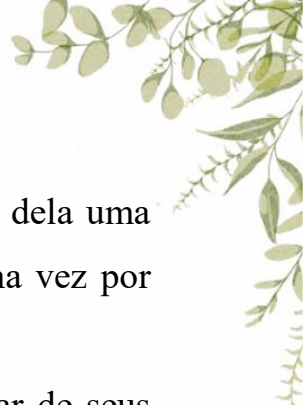
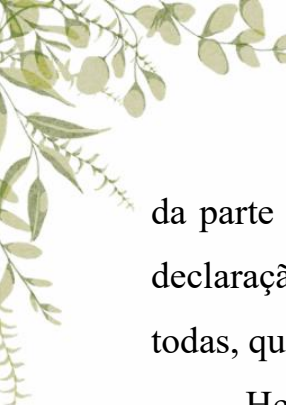
Na manhã seguinte, Eduardo, o “dedicado” colega que tinha prestado socorro à Paola, telefonou para ela sob pretexto de saber como estava de saúde, se havia passado bem a noite. Tinha um motivo perfeito para fazer o contato telefônico. Paola respondeu-lhe que estava ótima e que até iria à universidade naquele dia.

Assim que Paola chegou à universidade veio ao seu encontro, todo sorridente, seu “salvador”, o colega Eduardo, dizendo:

— Queria ver com os próprios olhos se tu estavas bem e linda como sempre. Vejo que, felizmente, estás recuperada. Não dormi direito preocupado em saber como tu estavas. Não sei o que eu faria se tu fosses minha esposa e te perdesse no acidente de ontem à noite, porque eu teria perdido uma mulher fantástica e, sem ela, não poderia mais viver. Se tu fosses minha namorada, eu casaria contigo lá no hospital mesmo. Não esperaria nem mais um minuto. Seria, sem dúvida alguma, a melhor coisa que eu teria feito na vida.

— Que coincidência, Eduardo, disse Paola, Henrique, ainda há pouco, mandou-me uma mensagem com as seguintes palavras: “Não se atreva a deixar este mundo antes de nos casarmos. Quero viver contigo até o resto da minha vida”.

A resposta imediata de Paola causou em Eduardo um impacto semelhante ao de alguém que recebe um balde de água gelada na cabeça. Não contava com uma reação tão rápida da parte dela, que não mostrou o menor interesse em ouvir as palavras que foram propositadamente ensaiadas por ele e simuladas com emoção. Eduardo esperava



da parte dela um gesto de carinho e de aproximação. Ao contrário, ouviu dela uma declaração de amor, vinda do outro lado do oceano, que eliminou, de uma vez por todas, qualquer pretensão do colega galanteador.

Henrique e Paola, depois do susto da noite anterior, voltaram a falar de seus planos, da casa dos sonhos já praticamente adquirida. Paola preferiu não falar sobre o assédio do colega Eduardo. Pensou que a omissão de algo já solucionado, sem ter prejudicado o relacionamento, evitaria um desgaste desnecessário.

PEQUENO DESLIZE

Fernando, seguindo os novos planos, passou a acompanhar Letícia nas visitas aos clientes, a fim de participar da comercialização dos produtos, de ver as possibilidades de flexibilizar os preços de cada produto: suco, vinho e espumante, conforme a quantidade de cada um deles existente em estoque.

As visitas tornaram-se frequentes, trazendo mais proximidade entre os dois. As viagens, dependendo da distância e do trânsito, às vezes forçavam uma parada para o almoço. Com isso, as conversas se tornaram mais descontraídas, mais íntimas. Os assuntos, que antes eram exclusivamente sobre o trabalho, passaram a ser mais pessoais. A troca de histórias de vida de cada um passou a ser a tônica durante o horário de almoço. Com o passar dos dias, em um dos almoços, regado a vinho, Fernando disse a Letícia ter lamentado que a situação entre ela e Robson tenha causado um grande desgaste, dando a entender que sabia do caso entre os dois. Ressaltou que não quis se envolver, pois os dois eram adultos. Mas não imaginava, acrescentou Fernando, que seu sócio a tivesse seduzido com mordomias, e que, para isso, tenha se aproveitado inescrupulosamente da empresa para bancar suas aventuras furtivas e dispendiosas.

— Até entendo por que motivo Robson se sentiu atraído por ti, Letícia — falou Fernando — afinal tu és uma mulher jovem e bonita, que atraí os olhares dos homens. Acho quase impossível que os homens não se sintam atraídos por ti, disse ele, sem esconder sua admiração.

Ao dizer a última frase, olhou para o rosto de Letícia, fitou seus olhos azuis cintilantes para ver a reação dela em relação ao que ele tinha acabado de dizer. Mas, logo em seguida, como alguém saindo de um estado de hipnose, recuperou a lucidez, pensou no seu tempo de casado, tendo ao lado sua querida Cecília, percebeu-se agindo como um sedutor, a imitar o próprio Robson.

— Opa! — Pensou Fernando — aqui estou eu avançando o sinal vermelho.

Sentiu-se meio perdido, com o sentimento dividido entre um homem agindo feito um galanteador, bancando o sedutor, e um homem que deveria reconhecer sua fraqueza e desculpar-se por seu atrevimento.

— Estou me sentindo um galanteador barato, Letícia, faltando com o respeito. Exagerei nos elogios, como se fosse um adolescente irresponsável. Não respeitei os limites, agi como se tivesse algum direito de te dizer o que viesse na minha cabeça, sem raciocinar. Minha mulher não merece que eu proceda desse jeito, sendo leviano e pondo em risco nosso casamento. Por favor, considere o efeito do vinho e me desculpe. Prometo que esse tipo de elogio não irá se repetir.

— Tenho respeito e estima por ti, Fernando, não só por ser meu chefe, mas por ter sido, também, meu amigo — falou Letícia. E continuou: — Depois do que aconteceu entre mim e Robson, quero separar, definitivamente, minha vida profissional da minha vida pessoal. Aprendi, um pouco tarde, esta lição, mas vocês três me estenderam as mãos, confiaram em mim, especialmente a Cecília, que, por sua sensibilidade feminina, foi compreensível e solidária. Foram, além de chefes, meus amigos. Não quero mais continuar a agir com leviandade. Não quero repetir o que aconteceu no passado recente, não quero mais dar uma de adolescente deslumbrada. Se continuarem a confiar em mim, como sempre fizeram, posso provar que saberei dar conta do setor comercial sozinha. Caso haja algum impasse em relação às vendas, trarei imediatamente o problema para meus chefes decidirem comigo. O que mais quero é trazer harmonia para a empresa, jamais alimentar discórdias e decepções.

Fernando voltou a recuperar seu bom senso e não só aceitou a sugestão de Letícia como agradeceu a ela a compreensão e a iniciativa de apontar o melhor caminho para que a empresa continuasse no rumo certo.

Assim que pôde, Fernando, ao chegar em casa, foi conversar com a esposa sobre seu trabalho. Fez grandes elogios ao comportamento profissional de Letícia. Disse que ela fez questão de deixar claro aos compradores, na presença dele, que seus chefes tomariam ciência, imediatamente, das negociações realizadas com a venda dos produtos da empresa.

— Ela quer dar provas definitivas de que está comprometida com a empresa, Cecília. Agradeceu pela confiança que demos a ela, especialmente pelo tratamento e carinho que tu demonstraste ter por ela. Aliás, querida, não vi, nem tu me falaste a respeito desse apoio que deste a ela, mas valeu a pena. Agiste sabiamente.

— Há assuntos sobre os quais só as mulheres têm competência para falar, disse Cecília, dando por encerrada sua argumentação.

Cecília, em seu íntimo, gostou da proposta de Letícia. Não estava muito confortável com as idas e vindas dos dois juntos nas visitas a clientes. Sentiu-se grata à Letícia pela ideia de assumir, sozinha, as tarefas. Com isso, sua confiança na amiga firmou-se ainda mais.

Letícia, mais tarde, passou a refletir sobre o clima constrangedor que se criou devido aos elogios inesperados de Fernando. Até perguntou a si mesma: “Será que fiquei mais madura em tão pouco tempo? Será que minha vaidade e imaturidade estão cedendo lugar ao bom senso? Tomara que sim”, pensou ela. De repente lhe veio outra dúvida: “Será que, se fosse o Henrique, eu agiria de outro modo?”. Preferiu acreditar que seu caráter estava finalmente se firmando.

Indignado com sua conduta, Fernando passou a fazer um julgamento de si mesmo:

— Refletindo agora, de cabeça fria, sobre meu comportamento recente, avaliando as palavras que usei, fúteis e levianas, pus em sérios riscos tudo o que havia construído com minha mulher. Quando se dá um passo em falso, por vontade própria, de forma irresponsável, é que se percebe o real significado da expressão “andar no fio da navalha”. Um passo errado decide nosso futuro, ou melhor, corre-se o risco de destruir tudo que construiu. É por isso que se ouve o argumento de que nada adianta adquirir conhecimentos, acumular diplomas se não for um bom aluno na grande escola da vida.

Henrique, além de sócio e amigo, passou a ser para Fernando um seu confidente. Para desabafar com seu amigo, disse à Cecília que iria tomar um vinho com Henrique e tratar de negócios da vinícola.

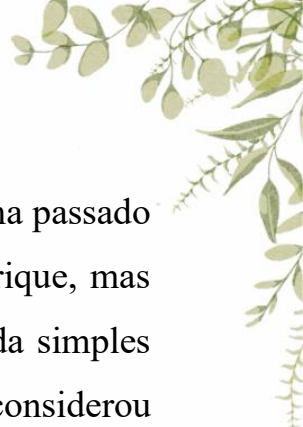
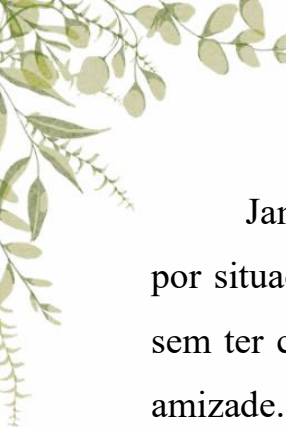
Quando o assunto envolvia a participação de Henrique, Cecília aceitava de bom grado, pois confiava nele, além da admiração que, secretamente, tinha por ele.

Fernando estava ansioso para contar ao amigo a confusão que causou na conversa que teve com Letícia durante um almoço. Mal se acomodaram em uma salinha reservada da vinícola, Fernando serviu o vinho, fez um brinde à amizade e desandou a falar:

— Estava na iminência de cometer o mesmo erro de Robson, meu amigo. Cometi uma grande idiotice — lamentou-se ele. Ainda bem que me recompus com a ajuda de Letícia, que, sabiamente, percebendo estar sujeita a mais uma arapuca devido à atração que provocava em mim, após algumas taças de vinho, foi gentil, entendeu minha fraqueza e habilmente me colocou no meu devido lugar. Fez parecer que tinha ouvido um simples elogio despretensioso e apontou logo para uma nova dinâmica para o relacionamento com nossos clientes. Disse que daria conta das tarefas comerciais, liberando-me dessa tarefa para que eu pudesse atender às outras necessidades da empresa. Disse que nos manteria a par de tudo relacionado às transações comerciais. Foi sábia ao sugerir um caminho que não interferisse no ambiente de paz que voltamos a ter na empresa, dispensando minha companhia, propondo assumir sozinha a responsabilidade de tratar dos negócios com os compradores.

— Ainda bem que te voltou a sensatez, disse Henrique. Já imaginou as consequências se ela cedesse aos teus galanteios!? O desejo de uma aventura poderia estragar a vida de todos os envolvidos: a sua, a da Cecília, a da Letícia e da vinícola. Sempre achei que tu e Cecília formam um lindo casal, carinhosos um com o outro, companheiros em tudo, tanto no nível pessoal quanto profissional.

— É, meu amigo, obrigado por me escutar, entender meu momento de fraqueza, disse Fernando. Felizmente, tenho alguém a quem dar vazão ao meu arrependimento. Agora, olho pra Cecília e sinto vergonha desse meu procedimento só ao pensar que ela não faz a mínima ideia do que seu marido aprontou. Nem consigo imaginar o tamanho da decepção e sofrimento que eu causaria a ela.



Jamais passaria pela cabeça de Fernando que sua mulher também tinha passado por situação semelhante, ao sentir, em certos momentos, atração por Henrique, mas sem ter cedido à tentação de acenar com algum tipo de intimidade além da simples amizade. Cecília tratou de sublimar seu casamento de mais de vinte anos e considerou essa atração como sendo um típico capricho feminino. Agiu com sensatez quando pensou: “Não se pode satisfazer todos os caprichos que surgem na nossa imaginação”. Apelou para o bom senso e concluiu que a tentativa de realizar um simples capricho poderia dar fim a uma relação que tem dado mostras de que podem continuar juntos e felizes.

Do outro lado do oceano, em Palermo, está uma mulher que aposta na própria felicidade, determinada a seguir a qualquer custo o que seu coração manda. Tem consciência de que ninguém é perfeito, que, na relação entre o casal, surgem, inevitavelmente, pequenos arranhões, mas que se curam com a força do amor.

MENSAGEM A HENRIQUE

Henrique recebeu, no início da tarde, por whatsapp, uma mensagem de Paola, comunicando que falaria com ele à noite, pois ainda estava na universidade e não poderia entrar em detalhes.

Receber uma mensagem, sem revelar o motivo, deixa qualquer pessoa apreensiva, ainda mais vindo da pessoa a quem ama. Henrique não parou de pensar a respeito durante o restante do dia: “Seria um impasse que surgiu a respeito da aposentadoria? Seria um arrependimento de querer vir para o Brasil? Teria recebido uma grande proposta de trabalho? Teria cedido ao assédio de algum admirador? Talvez (quem sabe?) seus sentimentos por mim se tenham desvanecidos”. As dúvidas de Henrique fervilhavam em sua cabeça.

Intrigado com a mensagem de Paola, Henrique chegou até mais cedo à estalagem, segurando, a muito custo, a curiosidade. Enfim ouviu o celular tocar. Tentou disfarçar e esperou que o alarme tocasse três vezes. Ao atender, ouviu logo a voz de Paola: Oi, querido! O tratamento “querido”, com a vozinha meiga de sempre, foi o suficiente para que ele se acalmasse. Henrique respondeu com saudação afetuosa e a deixou falar:

— Preferi falar contigo fora do trabalho, com calma, porque tenho uma novidade pra ti, disse Paola. A contagem de meu tempo de serviço na universidade revelou que eu posso me aposentar a partir de setembro. Quando soube disso, querido, dei pulos de alegria, disse ela. Significa que poderei estar contigo já na estação das flores, final de setembro. O que tu achas? — perguntou Paola.

— Tu me perguntas o que eu acho, querida! Desde que recebi tua mensagem, sem saber do que se tratava, pensei em coisas negativas, que nem vale a pena lembrá-las. Sofri por algumas horas até receber essa notícia maravilhosa. Então, no final de setembro, começaremos a mobiliar nossa casa, se Deus quiser!

— Vou quitar a compra da “nossa casa” ainda esta semana — disse Henrique — Quero fazer a escritura o mais rápido possível. António já transferiu para minha conta a importância que falta.

Quando Henrique passou a notícia de que Paola viria mais cedo do que esperava, Cecília e Letícia se ofereceram logo para organizar os preparativos do casamento. Abriram até um espumante para festejarem a notícia.

Henrique adiantou que ele e Paola queriam, sim, consagrar a união, mas com uma cerimônia singela e com poucas pessoas, limitada aos amigos da vinícola, aos da estalagem, além de sua família, que já festeja, também, a oportunidade de conhecer a serra gaúcha. Lamentou não poderem se casar no religioso, pois a Igreja não celebra a união com quem esteja separado. Lembrou, ainda, que da família de Paola só viria a mãe, pois o pai já era falecido.

Os colegas de Paola, cientes de sua iminente aposentadoria, insistiram em comemorar seu adeus ao trabalho ativo, mesmo sabendo que ela não fizesse muita questão. Ela foi persuadida quando alegaram que havia dois motivos para a confraternização: sua aposentadoria e sua despedida de Palermo. Disseram que, por ambos os motivos, ela deixaria saudades.

Henrique, ao saber do compromisso de Paola, sugeriu, tentando disfarçar o ciúme, que, se tivesse que ir de táxi, não aceitasse a companhia de Eduardo, alegando estar convencido de que ele era um enorme pé-frio e poderia atrair algum tipo de acidente.

Paola sorriu, entendeu o recado e garantiu que também não queria correr esse risco.

Henrique gostou de ouvir a resposta de Paola. Sentiu-se mais seguro ao perceber que ela estava atenta e prevenida contra possíveis assédios.

A família de Henrique também festejou a notícia de um casamento iminente. As mulheres ficaram mais animadas ainda, pois viam na viagem uma ótima oportunidade para renovar o guarda-roupa. Todos ficaram felizes, inclusive os netos, pois iriam conhecer lugares do Novo Continente, que só viam em vídeos, em fotos e em livros de



história, já que nunca haviam saído de Portugal. Começaram, então, a pesquisar tudo que dizia respeito à Serra Gaúcha.

Como havia planejado, Paola reservou passagem para Porto Alegre para o dia seguinte ao da aposentadoria. Telefonou para os filhos de Henrique, informando que estaria com o pai deles antes do que ela imaginava, e explicou a razão. Disse que esperariam ansiosos pela chegada de todos eles, que estariam com tudo preparado para recebê-los.

Antônio, falando pelos irmãos, disse que estariam todos em condições de viajar a partir da segunda metade de novembro. No entanto fez uma ressalva:

— É claro que, se houver um evento muito importante, antes desse período, como a união oficial de duas pessoas muito próximas a nós — disse sorrindo — daremos um jeito de antecipar a viagem.

DESPEDIDA DE PAOLA

Em toda a parte existem pessoas infelizes, pobres de espírito, que procuram compensar o fardo da infelicidade invejando a dos outros. A inveja é uma erva daninha impregnada no ser humano, que, por incompetência de quem a tem, por não cultivar o verdadeiro sentimento do amor, procura se valer dos sentimentos baixos e sombrios, para conspirar contra tudo que é bom: a fé, a simplicidade, a solidariedade, a honestidade, o respeito e a honra.

Paola, por delicadeza, sentiu-se na obrigação de estar presente no encontro de colegas para festejar sua aposentadoria e sua despedida de Palermo. Entre os presentes estava o casal de amigos com os quais ela viajou a Gramado e, como não deixaria de estar presente, o colega que a socorreu no acidente cerca de dois meses atrás. Eduardo tratou de sentar-se ao lado dela. Assim que os colegas já se encontravam presentes, levantou-se e declarou, em voz alta, que fazia questão de fazer um brinde à mulher que deixará marcas de sua competência profissional e de sua grandeza humana, pois demonstrou ser, além de amiga de todos que a conheciam, sempre carinhosa com seus colegas. Acrescentou que a Universidade passaria a amargar uma perda irreparável. Em seguida, levantou a taça para o brinde, acompanhado por todos os presentes.

De volta ao seu assento ao lado de Paola, Eduardo disse a ela, sussurrando:

— Quase disse a todos que o grande perdedor seria eu, pois não tive a felicidade e a competência para conquistar a mulher dos meus sonhos. Mas ainda espero, um dia, ver este milagre acontecer.

Paola, ao ouvir essa declaração de Eduardo, que já estava meio alcoolizado, pensou: “Tenho que me cuidar, pois, pela fama que se tem dele na universidade, ele não vai parar por aqui”. Alertou o casal de amigos que conversavam com Giovanni, o colega de Roma.

Ao término da confraternização, todos se despediram com abraços e promessas de voltarem a se ver. Paola saiu da tratoria acompanhada do casal de amigos e de Giovanni. Despediu-se deles e se dirigiu até o ponto de táxi próximo. Assim que os amigos se retiram, surge, de repente, na frente dela, seu colega Eduardo, oferecendo-se para ir com ela a fim de protegê-la. Desconfiada, agradeceu a gentileza. Era noite, e havia pouca iluminação no local. Eduardo, dando mostras de que estava alterado pelo álcool, chegou junto à Paola e lhe disse:

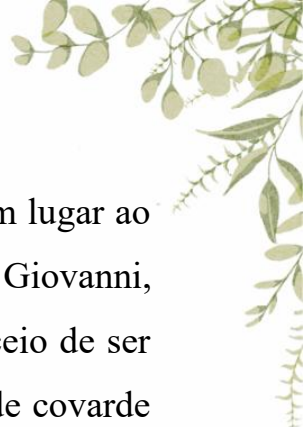
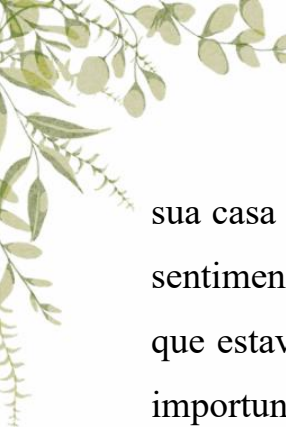
— Paola, você sabe que sempre te admirei, sempre tive atração por ti e sempre te respeitei. Sei que tu vais embora. A vida é passageira e dela só levamos aquilo que aproveitamos, e isso inclui o que tivemos de prazeroso nesta terra. Quero te propor, disse ele, cheirando a álcool e tropeçando nas palavras, uma bela despendida de solteira. Poderíamos dormir juntos na tua casa hoje. Tu tens esse direito de ter uma aventura mais íntima. Eu te desejo há muito tempo! Quem sabe... tu até decidas desistir dessa viagem e queiras ficar comigo!?

— Um de teus grandes defeitos, que impedem que tu sejas feliz, Eduardo, é que tu ages por impulsos sexuais, por isso teu casamento está falido. Enquanto tu não corrigires esse desequilíbrio psicológico e de caráter, nunca terás paz e não terás o respeito dos amigos e colegas.

— Prometo corrigi-los depois de dormires comigo esta noite — respondeu ele, com a voz embargada pela embriaguez.

Diante da forte rejeição de Paola, Eduardo não se conteve, tentou abraçá-la e beijá-la à força. Inesperadamente, surgiu, de repente, um indivíduo, de estatura alta, que o puxou pelo pescoço e aplicou-lhe uma bofetada tão forte, que pôs Eduardo a nocaute. Em seguida, o inesperado cavalheiro, até então desconhecido, pegou Paola pelo braço e a colocou dentro de um táxi, dizendo ao taxista o endereço para onde deveria levá-la. Despediu-se dela e foi embora.

Paola, ainda surpresa pelo episódio inusitado, ficou mais surpresa ainda ao reconhecer a pessoa que a defendeu. Havia sido socorrida por alguém que também tinha sido alvo de sua suspeita. Era Giovanni, o novo colega de Roma, que estivera em



sua casa acompanhando seus amigos Marcus e Priscila. As suspeitas deram lugar ao sentimento de gratidão pelo gesto cavalheiresco ao salvá-la de uma agressão. Giovanni, que estava junto do casal de amigos de Paola quando ela lhes falou do receio de ser importunada por Eduardo naquela noite, ficou atento a uma possível atitude covarde de Eduardo.

No dia seguinte, Paola contou a Henrique o gesto cavalheiresco de Giovanni ao salvá-la do ataque de Eduardo. Disse ter sido injusta ao pensar mal a respeito dele quando esteve em sua casa. Ele, que estava há pouco tempo em Palermo, sem ter o que fazer, havia aceitado, sem qualquer outra intenção, o convite do casal para visitá-la. Henrique, embora ainda revoltado com a atitude de Eduardo, reconheceu o gesto nobre de Giovanni e disse que um dia gostaria de agradecer a ele pessoalmente.

Dois dias depois da noite de despedida dos amigos, foi publicada a aposentadoria de Paola. Como havia planejado, viajou para o Brasil no dia seguinte.

RETORNO A GRAMADO

Ao chegar à serra gaúcha, Paola teve a sensação de quem passa a respirar os ares da liberdade e de ter, de uma vez por todas, sua vida de volta. Sentia-se ainda meio incrédula por estar, finalmente, junto de quem amava desde que o conheceu.

A estalagem se encheu de alegria, como se fosse a responsável pela felicidade dos dois. Os amigos proprietários ajudaram o casal com informações sobre os lugares onde encontrariam os melhores móveis para a casa nova. Os funcionários ofereceram-se para ajudar com a limpeza da casa e com os preparativos para a cerimônia do casamento. Criou-se um clima de amizade contagiante. Até o relacionamento entre os proprietários e os funcionários tornaram-se ainda melhor, mais harmonioso. Era animador o clima de cordialidade entre todos.

No primeiro final de semana, o casal Fernando e Cecília convidou Paola e Henrique para um churrasco na vinícola, a fim de festejarem o retorno da futura esposa do amigo. Ao chegarem à vinícola no Domingo pela manhã, Cecília apressou-se em abraçar os convidados e foi logo dizendo à recém-chegada que era visível o quanto a falta dela era sentida. — Henrique parecia ter adquirido a mania de consultar o calendário como se quisesse que a semana virasse um mês. Seu noivo não conseguia esconder a ansiedade — disse ela.

A conversa entre os casais foi animada. Teve como assunto principal a cerimônia de casamento e a compra dos móveis para a nova casa. Ficou confirmado que não haveria cerimônia na igreja por impedimentos religiosos, que só haveria no civil. Fernando e Cecília não esconderam a alegria quando Henrique os convidou para serem padrinhos. O convite alegrou ainda mais o ambiente, que já era de festa.

Nas semanas seguintes, Paola dedicou-se a procurar o que era necessário para a nova residência. Contou com a ajuda de Cecília e Letícia, que apontaram as melhores fábricas, escolhida tanto pela qualidade da madeira quanto pelo visual do design. Em

meados do mês de outubro, a casa já estava habitável, com tudo o que era necessário. Claro que o jardim e os canteiros da pequena horta seriam tratados pelo casal quando já estivessem morando no local, já vivendo no próprio lar.

Paola e Henrique, entres outras providências, teriam de prever uma data para celebrar o casamento. Pensaram em datas históricas e religiosas referentes aos três países: Brasil, Portugal e Itália. Entre tantas opções, decidiram limitar a escolha ao mês em que Henrique veio para o Brasil. Paola quis saber, então, o dia em que ele havia chegado a Gramado. A pergunta de Paola fez surgir, por fim, a data definitiva do casamento: “Dia vinte de novembro”. Henrique concordou de imediato, dizendo que foi o dia em que ele chegou ao lugar que o acolheu, que o fez renascer e onde teve a felicidade de conhecer a mulher de sua vida.

Decidido o dia do casamento, Henrique tratou de comunicar logo à família que aguardava ansiosa lá no Alentejo, a fim de tomarem as providências necessárias para a viagem. Ficaram todos contentes por ser um período em que estariam disponíveis e poderiam se afastar do Alentejo por uma ou duas semanas com tranquilidade.

A chegada de Paola e a expectativa do casamento mudaram a rotina de todos os amigos do futuro casal. Os de Gramado queriam ajudar de alguma forma; os do Alentejo passaram a ter como assunto diário a cerimônia de casamento e a expectativa da viagem a um lugar que atraía tanta gente pelas maravilhas que falavam dele.

Marcus e Priscila, ao receberem de Paola o convite para serem os padrinhos de casamento, aceitaram na hora e se mostraram felizes e honrados com a lembrança. Aproveitaram para perguntar à amiga se Giovanni poderia acompanhá-los, já que ele estaria em férias e não tinha motivos para ir a Roma. Justificando a pergunta, Priscila acrescentou:

— Querida amiga, quando Giovanni soube que iríamos ao Brasil, comentou que gostaria de conhecer o país de Machado de Assis, de Érico Veríssimo, de Jorge Amado e de Mário Quintana, os quais, para ele, eram os escritores brasileiros de sua preferência. Giovanni lembrou que, por ser professor de literatura, conhecia a obra desses grandes escritores, aos quais admira desde os tempos de faculdade.

— Desta vez — disse Priscila sorrindo — ele ocuparia seu lugar para compor o trio de amigos a visitar a serra gaúcha, pois aquela que nos acompanhava resolveu deixar o trio e ser feliz em Gramado. Nosso amigo Giovanni pode até encontrar alguém por aí, apaixonar-se e ser feliz também, já que não teve sorte em seu primeiro casamento.

Quando Paola falou a Henrique que seus padrinhos, Marcus e Priscila, teriam a companhia de Giovanni, ele mostrou-se alegre, dizendo que assim teria a oportunidade de agradecer a ele, pessoalmente, por tê-la protegido do canalha do Eduardo, disse Henrique.

O trio viria três semanas antes do casamento, pois, além de estarem de férias, estariam festejando seus últimos anos na ativa, antes da sonhada aposentadoria. Pretendiam conhecer, com mais calma, lugares que ainda não tinham visitado na primeira vez, sem deixar de levar o parceiro de viagem aos tradicionais pontos turísticos da serra.

Henrique prosseguia com seu trabalho na vinícola, atento ao surgimento dos pequenos cachos de uva e aos riscos a que estão expostos, mesmo com as condições climáticas favoráveis.

Paola tinha seu tempo ocupado com inúmeras tarefas, que faziam com que ela se sentisse uma autêntica dona de casa. Antecipou algo que pensava em fazer só depois do casamento, ou seja, encomendou plantas e flores para surpreender a todos com um belo jardim, deixando a entrada da casa com um cenário magnífico.

A rotina de trabalho na vinícola seguia com tranquilidade. Tudo fluía em ordem, tanto nos trabalhos internos, referentes aos cuidados com os parreirais, quanto nas atividades externas, relativas à área comercial. Os compradores mantinham-se interessados nos produtos. Além dos clientes fiéis, outros procuravam a empresa com o propósito de fazer seus primeiros pedidos, levados pela fama crescente tanto do vinho quanto do espumante. O trabalho de marketing, as novas embalagens e o bom trabalho de Letícia atraíram mais empresários interessados em conquistar novos clientes, apreciadores de um vinho de procedência confiável. A vinícola, com seu longo tempo de vida, já tinha se tornado conhecida pela tradição e pelo prestígio de seus produtos.

CHEGADA DOS CONVIDADOS

Os dias se passaram até que, num Domingo à tarde, chega a Gramado o trio de amigos de Paola, procedentes de Palermo. Preferiram hospedar-se em hotel mais próximo do centro. Queriam perambular mais pelo centro, disse Priscila, e acrescentou:

— Queremos sair à rua a qualquer hora, como se fôssemos moradores. Pode ser que um dia sejamos mais um desses felizardos.

Henrique sugeriu levá-los à vinícola logo na segunda-feira, antes de iniciarem o “tour” que iriam planejar. Lembrou ser um dia em que deveria estar lá por obrigação profissional, e justificou-se, em tom de brincadeira:

— Agora sou um homem voltado para o trabalho, enquanto alguns amigos estão querendo fugir dele — disse ele, esboçando um sorriso.

O trio e Paola riram do gracejo e reagiram com alegria, sem se sentirem ofendidos, pois a carapuça servia para todos que ali estavam. Afinal, o que eles mais desejavam era a abençoada aposentadoria.

Henrique antecipou para Cecília e Fernando que levaria os amigos até a vinícola na parte da manhã. O casal recebeu a notícia alegremente e pediu a todos que dispensassem o café do hotel, pois estariam a esperá-los para o café da manhã.

Em menos de duas horas foram recebidos na empresa. A quebra da rotina foi motivo de alegria para os sócios de Henrique. Enquanto trocavam abraços e saudações, aproximou-se do grupo a gerente Letícia, que saudou o casal Marcus e Priscila já conhecidos da última vez em que estiveram na vinícola. Cecília apressou-se em apresentá-la ao novo visitante. Quando Letícia olha para o recém-chegado e lhe estende a mão, sentiu um impacto pela impressão que o estranho lhe causou. Em certo momento, a sós com Cecília, Letícia fez a ela uma pergunta que não causou estranheza a nenhuma delas:

— Cecília, de onde saiu esse homem lindo! Será que a estátua de Davi ganhou vida e veio pra cá?

— É um colega deles, um professor, recém-separado que, desgostoso com a separação, pediu transferência de Roma para a Universidade de Palermo. Foi isso que me disseram — respondeu Cecília.

Letícia, com seu hábito de gracejar, disse à Cecília que o novo visitante poderia estar “desgostoso”, sim, pela separação, porque ele em si não tem nada de “desgostoso”. Só se retirar o “des” dessa palavra, disse ela. Feliz com o pedido de Cecília para servir de cicerone, convidou Giovanni para conhecer o parreiral, já sabendo que ele havia dito ser apreciador de vinho. Ao mesmo tempo em que falava, Letícia olhava para ele e pensava:

— A sorte não me abandonou. Tenho à minha frente esse homem que parece ter caído do céu: elegante, alto, cabelos grisalhos, olhos castanhos e sorriso cativante, um belo exemplo de príncipe italiano.

Sem perder tempo, Letícia aproveitou a oportunidade e ofereceu-se para acompanhá-lo a um passeio pela vinícola.

Giovanni, que tinha sido discreto na presença de todos, sentiu-se mais à vontade para dizer que estava fascinado pela beleza da serra e das mulheres gaúchas e, fixando o olhar nela, afirmou que ela era um exemplo dessa beleza feminina. O clima frio, próprio de um início de encontro, foi mudando..., o nível de simpatia foi se transformando em atração mútua. A beleza das uvas passaria a ser percebida pelos olhos de outros turistas, porque a admiração da parte deles se limitou à troca de olhares entre os dois. A emoção que impregnava a conversa no intuito de se conhecerem tirou deles qualquer outro interesse. Antes de voltarem a se juntar ao grupo, trocaram os números de telefone para conversas futuras, que, pelo clima recém-criado, não demoraria muito.

Quando se dirigiam até onde estava o grupo, Cecília notou, pela fisionomia de Letícia, que sua amiga mal conseguia disfarçar a alegria do encontro. Então concluiu que seu trabalho de cupido, deixando os dois passearem sozinhos, tinha atingido o alvo. “A flexa atingiu os dois corações”, pensou ela.

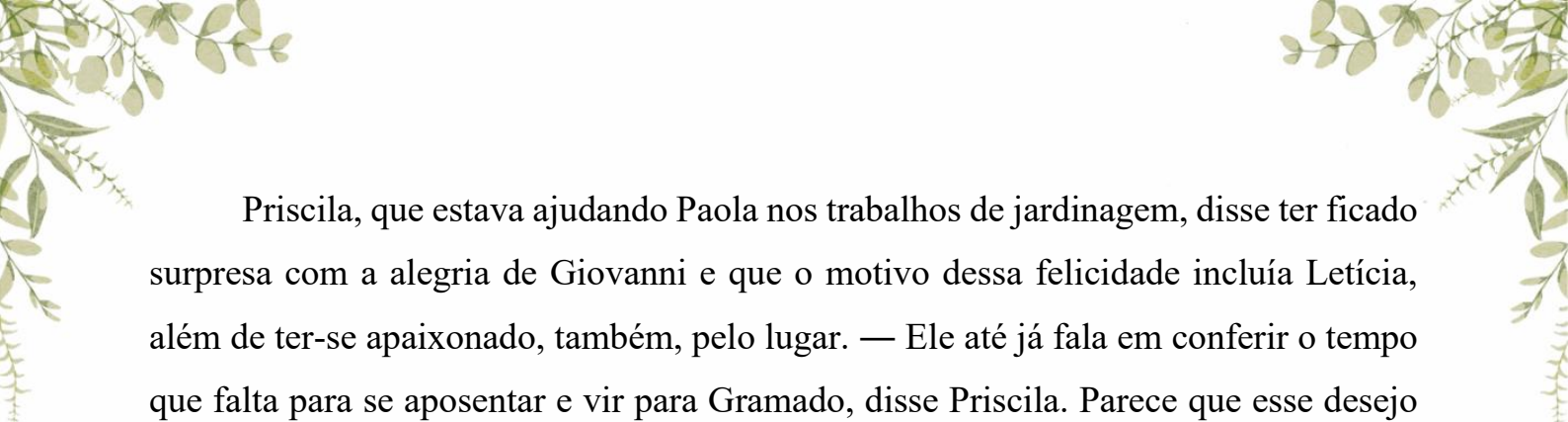
Giovanni, já de retorno ao hotel, só pensava em Letícia. A beleza da paisagem ao longo da estrada perdeu seu espaço. Giovanni, em silêncio, escondendo o entusiasmo, pensava: “Esta terra é mágica! Mal ponho os pés nela e já me sinto outro homem. Não é à toa que Henrique e Paola se sintam tão felizes aqui”.

Os passeios turísticos do trio teriam sido mais proveitosos se Giovanni não tivesse conhecido Letícia antes, porque era visível a sensação de que se sentia dividido entre a beleza dos lugares visitados e a vontade de estar com Letícia. Marcus e Priscila notaram uma mudança em Giovanni. Desconfiaram que ela se deu desde a visita feita à vinícola.

Tendo já realizados os passeios mais interessantes, o casal inventou uma desculpa para liberá-lo do compromisso com o cumprimento do “tour” anteriormente planejado.

Letícia, quando ficou a sós com Henrique, disse a ele que a terra de Paola trouxe sorte para ela e que a sorte se chamava Giovanni.

— Jamais imaginei que alguém especial viria do outro lado do mundo para mudar minha vida — disse ela — Quando menos se espera, surgem exemplos, semelhantes ao que estou vivendo, provando que a fé e o otimismo fazem com que coisas boas aconteçam. Aprendi que é impossível ser feliz agindo de forma errada. Não quero me empolgar muito, mas, se meus sentimentos forem correspondidos, darei provas de que estou pronta para assumir alguém de forma madura e responsável. Sinto que devo te falar sobre a seriedade com que passei a levar a minha vida depois das boas lições que tu me deste, que me abriram os olhos para enxergar o caminho por onde eu deverei andar daqui pra frente.

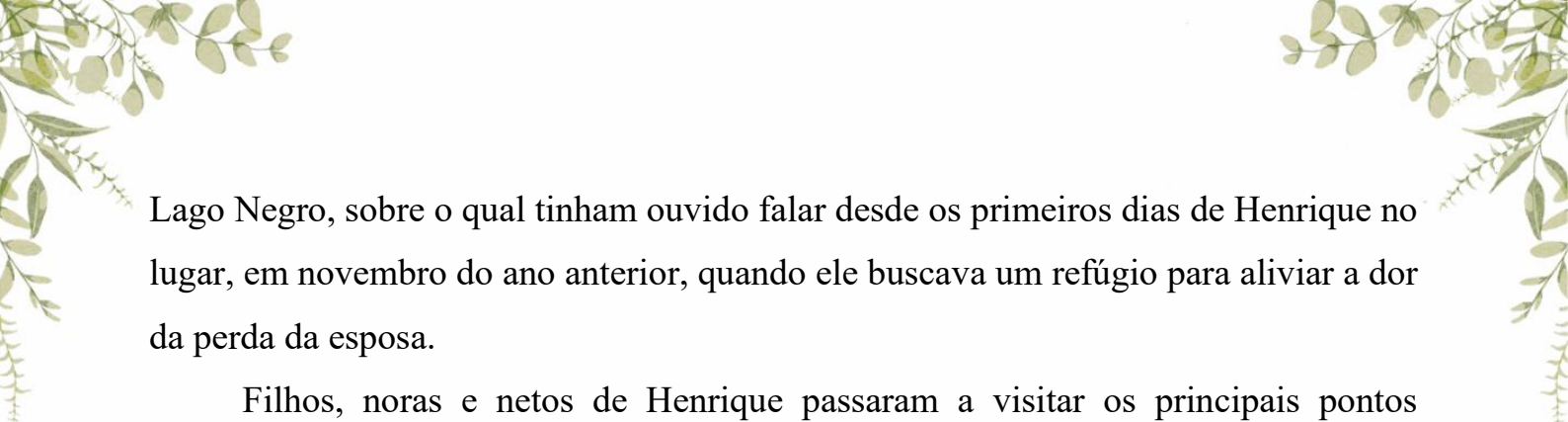


Priscila, que estava ajudando Paola nos trabalhos de jardinagem, disse ter ficado surpresa com a alegria de Giovanni e que o motivo dessa felicidade incluía Letícia, além de ter-se apaixonado, também, pelo lugar. — Ele até já fala em conferir o tempo que falta para se aposentar e vir para Gramado, disse Priscila. Parece que esse desejo de vir para esta terra é contagiante, está virando febre! — exclamou Priscila. Finalizou dizendo que até Marcus tinha cochichado em seu ouvido sobre a possibilidade de fazer o mesmo.

O trio de amigos de Palermo ainda continuou a fazer alguns passeios juntos, mas, nos fins de semana seguintes, Giovanni desaparecia. Já no primeiro sábado, cedinho, parava um carro em frente ao hotel e lá descia ele saltitante, feito um adolescente, e entrava no carro de Letícia, ansiosos por se beijarem e depois partirem em busca das aventuras próprias dos apaixonados. Os livros que ele tinha levado para ler na tranquilidade da serra nem foram tocados; aliás, foram, mas, não por ele. Quem se dedicou à leitura dos livros do professor de literatura foi seu amigo Marcus, que os devorava enquanto Priscila atuava como jardineira, auxiliando, com muito gosto, sua amiga Paola a mexer com as flores.

Doze de novembro é a data prevista para a chegada da família de Henrique. Os proprietários da estalagem reservaram cinco quartos para alojá-los confortavelmente. A casa recém adquirida está praticamente montada, pronta para receber os recém-casados. Cecília e Letícia se encarregaram de encomendar o bufê, inclusive o bolo de casamento. A cerimônia se realizará na própria casa do casal e será oficiada pela famosa juíza de paz Dra. Hilda Gomes de Souza, conhecida por trazer sorte aos casais.

Na data prevista, chegaram a Gramado os familiares de Henrique vindos do Alentejo. Foram recebidos com grande entusiasmo não só por Henrique e Paola como também pelos proprietários da estalagem. Mal acabaram os cumprimentos, começaram a expressar seu deslumbramento com a natureza da região. Muitos se revezavam nos elogios à imponência das árvores existentes nas matas que cobrem as montanhas, e à beleza da estrada com suas margens enfeitadas por lindas hortênsias ao longo de dezenas de quilômetros. O encantamento deles cresceu ainda mais quando visitaram o



Lago Negro, sobre o qual tinham ouvido falar desde os primeiros dias de Henrique no lugar, em novembro do ano anterior, quando ele buscava um refúgio para aliviar a dor da perda da esposa.

Filhos, noras e netos de Henrique passaram a visitar os principais pontos turísticos da serra gaúcha. Ao conhecerem tantas opções de lazer, reagiram como se estivessem conhecendo um lugar mágico, que, disseram eles, fazia com que não tivessem mais vontade de deixá-lo.

CASAMENTO

Dia vinte de novembro, às dez horas da manhã, os amigos e familiares assistem, com entusiasmo e emoção, ao mesmo tempo, Henrique e Paola prestarem, perante a juíza de paz, o juramento de se respeitarem e de honrarem o amor que os unia.

O casal chamava a atenção não só por serem bonitos, mas também pela elegância com se apresentavam, dando ao ambiente um toque de classe e nobreza.

Henrique vestia um terno azul-marinho, camisa branca, sapatos e meias pretas, gravata prateada e um bonito cravo na lapela, tudo combinando com seus cabelos grisalhos e porte elegante.

Paola estava fascinante aos olhos dos presentes: usava um lindo vestido *midi*, “off-white”, de crepe, cobrindo um dos ombros, com o tecido descendo pelo lado direito do corpo, cobrindo parte do braço. A cor do vestido se harmonizava com a tez levemente bronzeada do rosto e os cabelos longos alourados presos por uma presilha prateada que herdara da avó. A delicadeza do tecido se ajustava suavemente às linhas sinuosas do corpo esguio. Nos pés, sem fugir à harmonia de sua aparência, ostentava uma sandália prateada de salto, tornando ainda mais imponente sua bela imagem.

Logo após a confirmação dos votos, reuniram-se as moças solteiras para, segundo a crença popular, descobrirem quem seria a próxima a casar. Alguém se mostrou mais empolgado que os demais presentes, quando viu que o buquê de flores que Paola havia arremessado pousou nas mãos de Letícia. Parecia que se confirmava ali o desejo dela e de Giovanni de ficarem juntos num futuro breve.

O casal recém-casado adiou a viagem de lua de mel para o final de dezembro, onde irão assistir à passagem de ano em Copacabana.

O casamento de Henrique e Paola serviu de inspiração a muitos homens e mulheres que, por terem sofrido um revés na vida, perdem o ânimo para seguir em frente, esquecendo-se de que o futuro a Deus pertence, que ao ser humano é impossível antever o próprio destino.

A partir do dia do casamento, o casal deixou a estalagem e foi para a sonhada casa do bairro do Ipê Amarelo. Cinco dias depois, a família de Henrique retornou ao Alentejo, todos felizes, com motivos de sobra para voltarem ao lugar que seduziu a todos.

Marcus e Priscila, que permaneceram por mais uma semana, retornaram a Palermo, prometendo voltar sempre que puderem. Giovanni, tendo ainda um bom tempo de férias, adiou sua passagem por quase um mês e, sem perder tempo, tratou de pedir à Universidade de Palermo a contagem de seu tempo de serviço para fins de aposentadoria

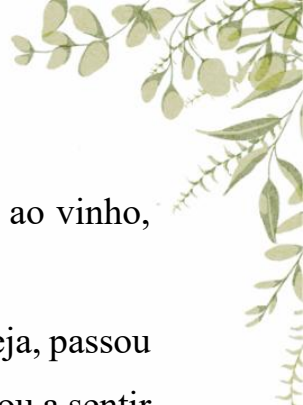
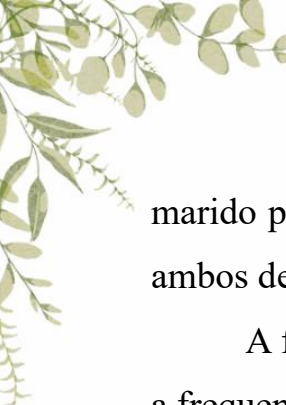
Fernando sugeriu a Henrique que só voltasse ao trabalho em janeiro, pois deveriam aproveitar ao máximo o início da nova vida. Propôs, ainda, que o dia de Natal reunisse a todos na linda casa dos ipês amarelos.

Os dias seguintes transcorreram da maneira que se pode imaginar para a rotina de um casal recém-casado e feliz: De dia, Paola cuidava do jardim, além de ajudar o marido a preparar o almoço. Henrique, sendo um apreciador da culinária, geralmente assumia a cozinha e fazia dela um espaço gourmet. À noite tinham por hábito degustar um vinho em frente à lareira.

Certa manhã, Henrique, que tinha ido à cidade, chegou falando alto do lado de fora da casa:

— Querida, abre a porta, por favor. Trouxe uma visita de surpresa. Ele insistiu em vir porque queria te conhecer.

Quando Paola abriu a porta, surpreendeu-se com o que Henrique trazia acolhido entre os braços: um cãozinho da raça “golden retriever”, que olhava para ela. Ficou derretida com aqueles olhinhos dóceis e gentis. Henrique antecipou logo as qualidades do novo habitante da casa: imenso apego a seus donos e prazer em agradar as pessoas que ama. Paola, encantada, como se fosse amor à primeira vista, pegou o filhotinho no colo, mostrou as dependências da casa e o levou para a área dos fundos, a fim de que ele começasse a se acostumar com seu novo lar. Depois, emocionada, agradeceu ao



marido pela maravilhosa surpresa. Em alusão à vida de Henrique dedicada ao vinho, ambos decidiram chamá-lo de “Merlot”.

A felicidade de Paola era tanta que, mesmo sem ter o hábito de ir à igreja, passou a frequentá-la aos Domingos, na companhia de Henrique. Desde então, passou a sentir uma estranha paz, que nunca tivera antes, como se uma luz suave se acendesse em seu coração.

Henrique e Paola começam, merecidamente, a vislumbrar um horizonte de paz e, de mãos dadas, seguem o caminho da felicidade, amparados no amor.

EPÍLOGO

Henrique e Paola, após terem passado o Natal na nova casa, na companhia dos amigos Fernando, Cecília e Letícia, viajaram, dois dias depois, para o Rio de Janeiro, em lua de mel. Assistiram, na Praia de Copacabana, com mais de dois milhões de pessoas presentes, à passagem de ano, encantados com o lindo *show* de fogos de artifício e com a apresentação de cantores famosos nos grandes palcos montados ao longo da praia.

O casal, empolgado com a beleza da cidade maravilhosa, decidiu tirar proveito do tempo disponível para conhecer os lugares mais visitados por turistas do mundo todo: o Corcovado; o Pão de Açúcar, o Museu do Amanhã; o Aquário, o Museu de Arte Moderna e o Museu do Futebol, que fica no estádio do Maracanã, conhecido como “Templo do Futebol”. Foram a espetáculos musicais e a restaurantes de comidas típicas. Não deixaram, evidentemente, de bronzear seus corpos nas areias de Copacabana.

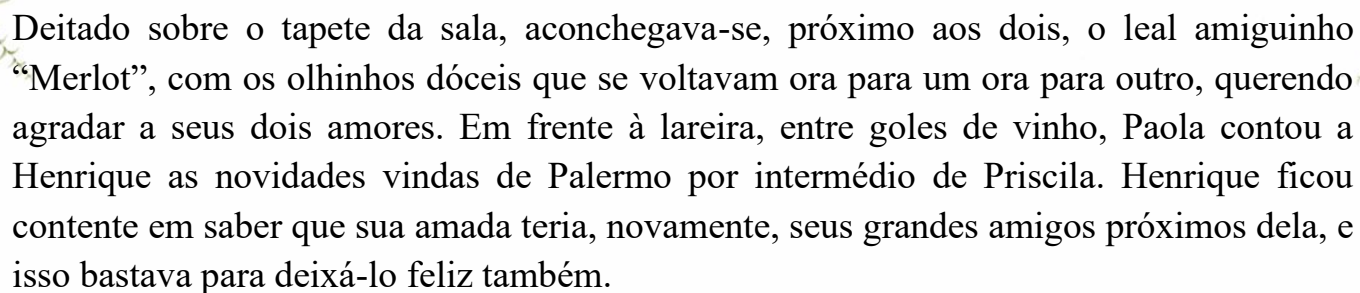
Ficaram deslumbrados com o cenário visto do alto do Corcovado, de onde se descortinavam a Lagoa Rodrigo de Freitas, com o formato de coração, e os bairros famosos da zona sul do Rio, que se estendem entre a Lagoa e as praias de Ipanema e Leblon.

Disseram eles que não poderiam ter feito escolha melhor para a lua de mel. No entanto, Paola não via a hora de abraçar seu cãozinho, de cuidar de seu jardim e estrear seu ateliê, dedicando-se à pintura, inspirada na esplêndida natureza da região.

Poucos dias após o retorno a Gramado, Paola recebe uma ligação de sua amiga Priscila. Depois das saudações, sem se mostrar curiosa sobre a viagem do casal ao Rio de Janeiro, Priscila apressou-se em passar para a amiga a notícia de que haveria, em breve, outro casamento em Gramado. Disse que Giovanni estaria perto de se aposentar, e partiria logo para os braços de Letícia, pois queriam se casar o mais rápido possível. Disse que se sentiram honrados por terem recebido de mais outro amigo o convite para padrinhos.


Indagada por Priscila sobre quais seriam os planos dela para o futuro, Paola respondeu que só pensava em levar a vida de aposentada, na companhia de Henrique, cuidando do jardim, passeando com seu cachorrinho “Merlot” e dedicando-se às suas pinturas. Disse ter sido convidada a fazer parte de uma coletiva expondo alguns de seus quadros. — “A arte faz parte de minha vida, e Henrique me incentiva a mantê-la viva”, finalizou Paola.

À noite, Paola serviu um dos pratos preferidos de Henrique: “Spaghetti alla Carbonara”.



Deitado sobre o tapete da sala, aconchegava-se, próximo aos dois, o leal amiguinho “Merlot”, com os olhinhos dóceis que se voltavam ora para um ora para outro, querendo agradar a seus dois amores. Em frente à lareira, entre goles de vinho, Paola contou a Henrique as novidades vindas de Palermo por intermédio de Priscila. Henrique ficou contente em saber que sua amada teria, novamente, seus grandes amigos próximos dela, e isso bastava para deixá-lo feliz também.

Parece que o destino agiu, a seu modo, no sentido de unir duas pessoas que mereciam ser felizes. Paola e Henrique haviam encontrado, finalmente, o verdadeiro propósito de suas vidas.



REALIZAÇÃO:

SEVEN
publicações acadêmicas

ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENPUBLI.COM

CONECTANDO O PESQUISADOR E A CIÊNCIA EM UM SÓ CLIQUE.